

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUIZ OTÁVIO COSTA SANTANA

**SÃO GOTARDO-MG, UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA NIPO-DESCENDENTE
NO CERRADO MINEIRO**

Uberlândia

2015

LUIZ OTÁVIO COSTA SANTANA

**SÃO GOTARDO-MG, UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA NIPO-DESCENDENTE
NO CERRADO MINEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudelir Corrêa Clemente

Uberlândia

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S232s Santana, Luiz Otávio Costa, 1983-
2015 São Gotardo-MG, um estudo sobre a presença nipo-descendente no
cerrado mineiro / Luiz Otávio Costa Santana. - 2015.
129 f. : il.

Orientadora: Claudelir Corrêa Clemente.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Inclui bibliografia.

1. Sociologia - Teses. 2. Japão - Migração - Teses. 3. Migração - Aspectos sociais - Teses. 4. São Gotardo (MG) - História - Teses. I. Clemente, Claudelir Corrêa. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 316

LUIZ OTÁVIO COSTA SANTANA

**SÃO GOTARDO-MG, UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA NIPO-DESCENDENTE
NO CERRADO MINEIRO**

Uberlândia, MG, 2015.

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

Prof^a Dr^a Claudelir Corrêa Clemente – Orientadora – PPGCS/UFU

Prof. Dr^a Elisa Massae Sasaki – ILE/UERJ

Prof. Dr. Marcio Ferreira de Souza – PPGCS/UFU

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora, por ter acreditado no projeto e por ter me ajudado a conduzi-lo da melhor forma possível, mesmo diante de minhas inúmeras inquietações reflexivas. Agradeço a ela por ter percorrido comigo todo o caminho destas reflexões, hoje não acredito haver palavras para agradecer este longo trajeto.

Agradeço também aos meus pais, Ana e Eli, e aos meus irmãos, Kamilla e Rômulo, que sempre acreditaram no meu potencial, me apoiando de todas as formas possíveis durante este trabalho acadêmico. Agradeço de forma especial a minha avó, Dona Zica (*in memoriam*) pelos seus ensinamentos que hoje operam na minha vida! A senhora foi muito mais que uma avó! Você sempre foi e sempre será minha segunda mãe. Obrigado por tudo, Dona Zica! Agradeço igualmente as minhas tias Eni e Marta por sua presença diante todo o trabalho.

Agradeço aos meus amigos pelos momentos de descontração e também de paciência por meu distanciamento em razão desta dissertação.

Necessito agradecer também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter financiado esta dissertação. Agradeço aos professores Marili Peres Junqueira, Marcel Mano, Fabiane Santana Previtali e Maria Lucia Vannuchi pelo enriquecimento da minha pesquisa sob variadas facetas.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia, que por meio da Pós-Graduação em Ciências Sociais me auxiliou a fazer este estudo.

Por fim, agradeço a comunidade nipônica de São Gotardo por estar aberta durante todo este tempo às minhas dúvidas e reflexões.

**shurasuko ya
kuni wa chigaedo
mina imin**

Nesta churrascada
De países diferentes
Todos imigrantes

(Okita Shun – Yô)

RESUMO

O trabalho trata-se de uma reflexão acerca do movimento migrante nipo-descendente em São Gotardo, Minas Gerais, sobretudo a partir da implantação do Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), nos anos 1970. Após a sua chegada, a cidade vivenciou diversas transformações econômicas, políticas, sociais e, principalmente, culturais. Para tentar compreender este processo de mudanças que a cidade vivenciou e ainda vivencia, foi crucial ater-se a um estudo mais profundo, com base em uma bibliografia voltada ao grupo étnico nipônico, ao fenômeno migrante e também às obras que tratam diretamente de São Gotardo, no sentido memorialista e outras áreas. A partir da teorização bibliográfica foi feito um trabalho etnográfico com vistas a entender os elementos que estão presentes na cidade e que são resultados de variadas conjunturas. Por fim, e não menos importante, foram realizadas entrevistas com nipo-descendentes e não descendentes moradores de São Gotardo, os principais envolvidos nos inúmeros processos que se fizeram e ainda se fazem presentes na cidade. Deste modo, não se busca somente pensar a relevância da presença nipo-descendente em São Gotardo, mas também dos diversos processos culturais nipônicos que emergiram após a sua chegada e que se tornaram produto da atual cultura são-gotardense.

Palavras-chave: Nipo-descendente. São Gotardo. Migrante. PADAP.

ABSTRACT

The paper is a reflection on the movement of migrant Japanese descendants in São Gotardo, Minas Gerais, especially since the implementation of the Program of Guided Settlement of Alto Paranaíba (PADAP), in the 1970s. Upon its arrival, the city experienced several economic, political, social and especially cultural, changes. To try to understand this process of change that the city experienced and still experiences, it was crucial to focus on a deeper study, based on a focused bibliography aimed at the Japanese ethnic group, the migrant phenomenon and also to studies that deal directly with São Gotardo in the memoirist sense and other areas. From the literature theorizing a ethnographic work was performed in order to understand the elements that are present in the city and that are the result of varied situations. Finally, and not least, interviews were conducted with Japanese descendants and not descendants residents of São Gotardo the main characters involved in numerous processes that took place and are still present in the city. Thus, it seeks to not only think the relevance of nipponic descendant presence in São Gotardo, but also the various Japanese cultural processes that emerged after their arrival and that became the product of the current São Gotardo culture.

Keywords: Japanese descendant. São Gotardo. Migrant. PADAP.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABCESG	Associação Beneficente Cultural e Esportiva de São Gotardo
BDMG	Banco do Desenvolvimento de Minas Gerais
CAC-CC	Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central
CASG	Comercial Agrícola de São Gotardo
COOPACER	Cooperativa do Cerrado
COOPADAP	Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba
CREDISG	Cooperativa de Crédito da Micro-região do Alto Paranaíba
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EPAMIG	Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
FENACEN	Festa Nacional da Cenoura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
NIEM	Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios
ONU	Organização das Nações Unidas
PADAP	Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba
PCI	Programa de Crédito Integrado
PIB	Produto Interno Bruto
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PRODECER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados
Ruralminas	Fundação Rural Mineira
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visita do presidente Geisel, do governador Francelino Pereira e do secretário da agricultura Alysson Paolinelli a São Gotardo	6
Figura 2 - As primeiras plantadeiras de arroz e soja, no ano de 1974.....	11
Figura 3 - Embarque de italianos para o Brasil, 1910	13
Figura 4 - Praça São Sebastião	20
Figura 5 - Inauguração da rodovia MG-235 em 1974	24
Figura 6 - Avenida Francisco Resende Filho	27
Figura 7 - Casa na rua das Gameleiras	33
Figura 8 - Casa na rua das Camélias.....	36
Figura 9 - Mapa de São Gotardo	39
Figura 10 - Inauguração da “Escola de Japonês”	52
Figura 11 - Entrada da ABCESG	60
Figura 12 - Entrada da COOPADAP.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 A MIGRAÇÃO NIPO-DESCENDENTE PARA SÃO GOTARDO E SUAS TRANSFORMAÇÕES.....	5
1.1 Atenção ao Cerrado	5
1.2 Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba: os impactos sobre São Gotardo	9
1.3 O migrante qualificado.....	12
1.4 Vida Social	19
2 OS ELEMENTOS DA CULTURA NIPÔNICA SÃO-GOTARDENSE	44
2.1 A Agricultura e sua influência	44
2.1.1 As dificuldades e a tensão em um primeiro momento	46
2.2 A cultura nikkei para os nikkeis	51
2.2.1 O cooperativismo em São Gotardo, um reflexo da cultura nipo-brasileira.....	54
2.3 O papel da Associação Beneficente e cultural de São Gotardo - ABCESG	59
2.3.1 Os esportes e a sua relevância para os nikkeis na associação	644
2.3.2 O Beisebol e as mudanças	655
2.4 A integração e a educação dos nikkeis a partir da associação	71
2.4.1 O conceito de educação a partir das novas gerações.....	75
2.5 A Honra e a Ascensão Social	79
2.5.1 A Sociabilidade atual entre os grupos.....	81
2.6 Pensando o futuro da cultura nipônica a partir de São Gotardo.....	84
2.7 A ABCESG atual e o cooperativismo que se faz presente na cidade	88
2.8 A Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba - COOPADAP e seus reflexos na sociedade	94
2.9 Algumas tensões presentes em São Gotardo.....	97
3 O “MOVIMENTO DEKASSEGUI” DE SÃO GOTARDO	99
CONCLUSÃO.....	111
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Este trabalho enquadra-se nos estudos sobre migração, em especial, detém-se sobre a migração qualificada para as regiões rurais brasileiras. O estudo foi desenvolvido no município mineiro de São Gotardo, local que, nos anos de 1970, recebeu um contingente populacional de migrantes de origem nipônica para atuar na produção agrícola. A maioria destes migrantes compõe o Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP).

A partir de uma perspectiva antropológica, constituída em diálogos com a demografia, história e sociologia, objetiva-se compreender os impactos que a migração qualificada e a cultura nipônica tiveram sobre a vida social são-gotardense.

Assim, com base nos processos que levaram à consolidação do PADAP em São Gotardo, este estudo busca: problematizar um dos grandes projetos agrícolas desenvolvidos em áreas rurais brasileiras, mobilizador de uma mão-de-obra migrante e qualificada; refletir as relações entre Brasil e Japão no período militar e o incentivo à migração nipônica para o Cerrado, ou seja, a sociabilidade e as configurações culturais desenvolvidas em São Gotardo.

A migração de descendentes de japoneses para São Gotardo, na década de 1970, evidencia um conjunto de transformações que se farão presentes no universo local, gerando novas práticas na vida social e contribuindo na história da cidade e região.

O PADAP foi constituído, em sua maioria, por migrantes descendentes de japoneses selecionados¹, sobretudo, por sua capacidade técnica para o projeto. Esses indivíduos tornaram-se um tipo de migrante qualificado, colocando em prática todo o conhecimento técnico necessário para o aproveitamento do solo do Cerrado, bioma da região mineira do Alto Paranaíba. As cidades que fizeram parte do programa foram Rio Paranaíba, Ibiá, Campos Altos e São Gotardo, sendo que esta última foi escolhida como moradia pela maioria dos colonos do PADAP.

A migração qualificada para o campo é algo pouco estudado nas Ciências Humanas, assim também é a migração japonesa para Minas Gerais, sendo que as pesquisas atuais concentram-se, em sua grande maioria, nos fluxos migratórios que se dirigem para o espaço urbano. Diante desse quadro, torna-se relevante pensar no papel que os migrantes exercem também no contexto rural.

¹ Na obra “Portal do Cerrado” de Luiz Sasaki (2008) nota-se também a participação de japoneses vindos diretamente para o programa rural.

Nasci e cresci em São Gotardo e ainda moro neste município. Na graduação despertei-me para o estudo da presença de japoneses na cidade e esta inquietação gerou meu trabalho de conclusão de curso. No entanto, a cultura nipônica em São Gotardo ainda me inquieta, tornando-se fonte da presente pesquisa de mestrado. O contato com a minha orientadora e as primeiras orientações fizeram-me compreender que meu interesse na cultura nipônica também poderia ser ampliado no sentido de compreender os processos migratórios brasileiros e um melhor entendimento das relações sócio rurais.

Assim, este trabalho é o desdobramento de reflexões, diálogos, discussões e questionamentos realizados durante minha trajetória acadêmica. O interesse por essa temática se deve também a questões de proximidade com os filhos dos colonos que implantaram o PADAP, sendo que, ao longo da convivência, foram criados laços de amizade e companheirismo que estão presentes até hoje. Esses laços também foram responsáveis por inserir, ainda na minha juventude, alguns aspectos da cultura nipônica, tais como os seus desenhos, as suas músicas e sua história que, ao longo do tempo, tornaram-se pontos relevantes da minha vida pessoal.

Acerca da metodologia, foi utilizada uma bibliografia focada na migração e cultura japonesa. Foi realizado também um estudo etnográfico e diversas entrevistas com os moradores locais com o objetivo de enriquecer os temas da pesquisa. Por se tratar de uma reflexão que envolve uma temática pouco discutida, tive certa dificuldade em encontrar material que abordasse o tema do PADAP, o que acabou por aumentar a minha responsabilidade com este estudo. Ainda sobre a metodologia, foi utilizada uma bibliografia que concentra estudos na História, Antropologia, Demografia, Psicologia e Sociologia. A ampliação desta bibliografia se deve à tentativa de elucidar os contextos e práticas culturais dos primeiros migrantes e suas transformações ao longo do tempo em São Gotardo.

O estudo bibliográfico foi fundamental por orientar as definições das primeiras ações de estudo e, consequentemente, a reflexão. Dentre os autores, me concentrei nas análises de Ruth Benedict (2011), Ruth Cardoso (1995; 2011) e Célia Sakurai (2000; 2008a; 2008b; 2011). A essas autoras, somam-se as reflexões de historiadores como Jeffrey Lesser (2001; 2008; 2008a), Shozo Motoyama (2010), Tomoo Handa (1987) e análises de teóricos dos grandes projetos rurais. Ainda na bibliografia, foram trabalhadas as obras dos memorialistas locais, Luiz Isamu Sasaki (2008) e José Pessoa (2000), que fizeram trabalhos importantes para a história e memória de São Gotardo. Também utilizei entrevistas, como uma forma de coletar relatos dos residentes locais descendentes de japoneses e não descendentes. Foram entrevistadas quinze pessoas descendentes de japoneses residentes e oito não descendentes na cidade, totalizando 23

entrevistas para a pesquisa. Ressalta-se que os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes fictícios no sentido de resguardar suas identidades.

Outro ponto que merece destaque nesta introdução é o termo “nikkei”, que será usado durante grande parte do estudo e que, de modo sucinto, é uma palavra do vocabulário japonês que se refere a todas as pessoas com descendência japonesa, tal como a palavra nipo-descendente. Entre os entrevistados, alguns abordam a categoria como nikkeis, outros como “japoneses” e também foi observada a classificação de “nipônicos”. Decidi tratar desses descendentes pela terminologia nikkei, mas poderão ser encontradas as outras terminologias acima, dada a relevância que cada entrevistado declara ao seu grupo ou a si mesmo. De acordo com o historiador Jeffrey Lesser (2008a), a noção de “japonês” é usada em grande parte em razão da imagem de sucesso (nos diversos contextos nacionais) que este grupo migrante conseguiu alcançar dentro da sociedade brasileira.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro trata do início da migração dos descendentes de japoneses para o Cerrado com a implantação do PADAP, onde foram selecionados profissionais qualificados para o desenvolvimento do programa. Nesse capítulo foi tratado também sobre a vida social da cidade e sua questão urbana.

O segundo capítulo trata da cultura nipo-brasileira dentro dos contextos da agricultura e do associativismo que são eixos fundamentais para se pensar neste grupo. Inicialmente será tratada a agricultura e seu papel de conduzir os nipo-descendentes a migrar para diversas regiões do Brasil e, consequentemente, para São Gotardo. Com a chegada dos migrantes nikkeis será trabalhada as tensões entre os grupos (descendentes e não descendentes) durante a implantação do programa rural e as diversas dificuldades que surgiram para ambos os grupos, sobretudo pela forma com a que o Governo introduziu o PADAP.

A partir destas reflexões ampliam-se as discussões para o contexto do associativismo, que está presente na cidade. Este vai ser aprofundado historicamente, dando ênfase ao surgimento da associação local e seus caminhos no que se refere à cultura e da mesma forma será discutido o associativismo nos âmbitos do esporte e da educação dentro da associação. No mesmo contexto, será abordado o cooperativismo da atual associação e também do cooperativismo que se ampliou além desta na cidade, evidenciando a cultura nipo-brasileira presente em São Gotardo. Ao fim deste capítulo será tratada também a importância da cooperativa tanto para a sua agricultura desenvolvida pela mesma como para a cidade e seu papel juntos às políticas sociais na sociedade são-gotardense.

E, por último, o terceiro capítulo analisará o fluxo de saída dos descendentes de japoneses para o Japão, percorrendo uma trajetória histórica e contemporânea de um

movimento que se evidenciou com enorme frequência na cidade, principalmente nos últimos dez anos e que vai refletir diretamente em suas concepções tanto da cultura japonesa como da cultura brasileira.

1 A MIGRAÇÃO NIPO-DESCENDENTE PARA SÃO GOTARDO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

1.1 Atenção ao Cerrado

A cidade de São Gotardo está localizada na região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, pertencendo ao bioma do Cerrado. Situada a 300 km da capital Belo Horizonte, São Gotardo se tornou, a partir da década de 1970, uma das referências da agroindústria. Estima-se que a região de São Gotardo possui um faturamento anual de R\$ 1 bilhão, o que exemplifica um pouco da sua produção agroindustrial, como se verifica abaixo:

Do alto, em fotos de satélite, o que se vê são discos em tons de verde e marrom. É dali, numa porção de terra de cerca de 50 mil hectares, no centro-oeste de Minas Gerais que sai atualmente uma produção agrícola bilionária. O carro-chefe não é a soja, nem o café, nem a cana, nem o milho, culturas de primeira ordem do agronegócio brasileiro, mas cenoura, alho, beterraba e outros itens da cesta de hortaliças. Produtores da região do município de São Gotardo tornaram-se referência nacional no segmento e abastecem hoje mercados de quase todo o país. Caminhões refrigerados levam todos os dias carregamentos para São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Curitiba, para boa parte do Nordeste e até para Manaus. (VALOR ECONÔMICO, 2015, s/p)

Esta produção na verdade é resultado da presença nipo-descendente na cidade. Atualmente, São Gotardo conta com uma população de 31.819, segundo dados do Censo (IBGE, 2010). Dentre os diversos grupos que fazem parte desta população, os nipo-descendentes possui também uma relevante participação. Vindos na grande maioria da região sul do Brasil, estes nipo-brasileiros migraram para região do Alto Paranaíba em meados dos anos 1970. Pelo Censo (IBGE, 2010), constata-se que 1% (por volta de 253 pessoas) do total da população se refere como amarela², o que confirma sua presença. A chegada dessa população gerou uma série de transformações no nível da vida cultural, social, econômica e política de São Gotardo. Neste sentido, este estudo visa refletir sobre os aspectos culturais que foram processados a partir do contato entre população local e estes migrantes de origem nipônica.

² A Lei 5.534 confere a obrigatoriedade de concessão de informações solicitadas pela Fundação IBGE, no que se refere à execução do Plano Nacional de Estatística, para todos que estejam sob a jurisdição da lei brasileira. Dada esta lei, primeiramente deve-se pensar que nem todos os entrevistados se autoclassificam como amarelos, em razão da abrangência do termo, ou mesmo o agrupamento que é imposto pelo órgão através desta classificação. Também deve ser levado em consideração que por se tratar de autoclassificação, as pessoas podem se auto-afirmar como portadoras de outras cores e não necessariamente amarela, mas de todo modo, a porcentagem confirma a presença nipônica na cidade, que é entendida pela classificação de amarelos, todos aqueles vindos do continente asiático.

A razão para a migração dos nipo-descendentes para cidade foi devido ao projeto federal de integração dos biomas nacionais, dentre eles o Cerrado, que visava o aproveitamento de tecnologias para a exploração correta do solo e consolidar o modelo agroexportador do governo militar. A década de 1970 é um período significativo no que se refere à modernização da agricultura brasileira. Nesse período, o governo implementou uma série de medidas de inovação tecnológica para a ocupação de novos territórios. Esse momento da história brasileira foi marcado pelo profundo interesse da ditadura militar em aproveitar os grandes espaços dos biomas nacionais através da agricultura industrial, que até então não haviam sido colocados na pauta do desenvolvimentismo governamental.

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, englobando os estados de Minas Gerais, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Tocantins, Pará, Maranhão, Piauí, Goiás e Distrito Federal, totalizando cerca de 22% do território nacional. Com o processo de modernização desse bioma, observou-se um incentivo à agropecuária, as novas tecnologias alteraram rapidamente a exploração de seu solo (antes dado como infértil para o cultivo agrícola), sendo que sob novas técnicas tornou-se um terreno fértil para a indústria de agroexportação brasileira.

A obra de Sasaki (2008) aponta que os principais (políticos entre outros) envolvidos na implantação do PADAP, foram os presidentes Emílio Garrastazu Médice e Ernesto Beckmann Geisel e os governadores Rondon Pacheco e Francelino Pereira. Soma-se ainda a participação do secretário da agricultura do estado de Minas Gerais (e posteriormente, ministro da Agricultura), Alysson Paolinelli, e o presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, Gervásio Tadashi Inoue.

Figura 1 - Visita do presidente Geisel, do governador Francelino Pereira e do secretário da agricultura Alysson Paolinelli a São Gotardo



Fonte: Sasaki, 2008, p. 201.

De acordo com o demógrafo Mauro Augusto dos Santos (2010), a década de 1970 foi marcada pelo intenso anseio de se ocupar o Cerrado com novas formas de agricultura e assim desenvolver uma agricultura de larga escala e industrializada.

Segundo Santos (2010):

No início da década de 1970, avanços nas tecnologias de plantio – principalmente de correção do solo – e as características topográficas do Cerrado, que facilitavam imensamente a mecanização agrícola, começaram a atrair a atenção dos governantes brasileiros para a região. Para o Estado, o Cerrado abria a possibilidade de se implantar uma agricultura moderna, altamente competitiva e voltada para produção de commodities agrícolas. O avanço da agricultura no Cerrado não representou uma mudança de foco na política desenvolvimentista dos governos do Regime Militar. Na verdade, com a expansão da agricultura, esperava-se, também, uma expansão ainda maior do setor industrial vinculado à produção de máquinas e insumos agrícolas. (SANTOS, 2010, p. 27)

Assim, o Cerrado presenciou três grandes projetos nos moldes acima comentados. O primeiro é o PADAP; o segundo é o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o terceiro é o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). O PADAP começou a ser implantado em 1973 e se tornou o primeiro projeto de colonização dirigida do Cerrado brasileiro. Ele ocupou os municípios mineiros de Rio Paranaíba, São Gotardo, Ibiá e Campos Altos, e será posteriormente comentado de forma mais reflexiva e profunda.

Já o POLOCENTRO possuía o objetivo de incorporar 37.000 km² das regiões do Cerrado rumo à produção de larga escala agrícola, no período de 1975 a 1979. Diferente do primeiro projeto, que manteve seus investimentos concentrados em uma região contínua, o POLOCENTRO teve seus recursos aplicados em várias regiões dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Os produtores rurais do projeto tiveram à sua disposição linhas privilegiadas de crédito e intenso apoio técnico governamental. O fracasso do programa se deu pela dispersão dos recursos aplicados e intensificação da inflação, que obrigou o governo federal a finalizar os subsídios como uma medida para conter o processo de inflação (SANTOS, 2010).

O terceiro projeto contou com a aliança entre o governo brasileiro e japonês, que resultou no PRODECER. Esse projeto foi arquitetado em 1974 e implantado em Minas Gerais a partir de 1978, com núcleos de assentamentos instalados inicialmente nos municípios de Iraí de Minas, Coromandel e Paracatu, mas que ao longo dos anos, se expandiu para outros estados como Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Tocantins.

É importante destacar que a implantação dos programas POLOCENTRO e o PRODECER ocorreram sobretudo devido ao sucesso do PADAP. O êxito do PADAP é reconhecido inclusive pela agência japonesa internacional de cooperação *JICA (Japan International Cooperation Agency)*. O representante da agência e também pesquisador Akio Hosono (2013) confere a importância do PADAP chegando inclusive a afirmar que a sua experiência de sucesso foi responsável pelo desenvolvimento do PRODECER (último programa estabelecido entre a parceria governamental Brasil e Japão).

Outra discussão que merece destaque é o financiamento dos programas. Os três grandes projetos contavam com o recurso do subsídio econômico do Estado, o qual facilitava muito o empréstimo, com juros reduzidos para implantação dos respectivos projetos. Nesse sentido vale citar Santos (2010), que destaca:

Além de uma política de preços mínimos, adotou-se uma política agrícola de crédito subsidiado para custeio, investimento e comercialização. A atuação do Estado também foi fundamental na desapropriação de terras para implantação dos projetos e no apoio técnico dado aos colonos pelas empresas estatais de assistência técnica e pesquisa, tais como a EMATER e a EMBRAPA. (SANTOS, 2010, p.28)

Através desses programas, observa-se um forte interesse do governo brasileiro em estabelecer parcerias com o Japão, no sentido de buscar o desenvolvimento nacional já encontrado por esta nação mesmo após sua derrota na Segunda Guerra Mundial. Os descendentes de japoneses se tornaram o mecanismo de ligação entre os governos brasileiro e japonês no que se refere a futuras parcerias, principalmente nas décadas de 1970 e 80. O trabalho disciplinado destes migrantes e seu processo de mobilidade espacial conjugaram como fatores a mais para o sentimento desenvolvimentista brasileiro. O migrante nipônico ou japonês era o símbolo do progresso (LESSER, 2001).

Para ambos os governos, essa parceria estava convidativa, como afirma o historiador Jeffrey Lesser:

Os sempre crescentes vínculos econômicos do Japão com o Brasil resultaram de uma série de fatores. No nível global, as imensas reservas de capital japonesas precisavam ser investidas no exterior, e o Brasil, com suas matérias-primas e seu grande potencial de crescimento, era uma escolha lógica. Os investimentos no Brasil também ajudaram as multinacionais japonesas a cortar os custos de mão-de-obra e exportar algumas de suas fábricas mais poluentes. (...) Os vínculos entre o Brasil e o Japão, assim como os laços entre ambos e os nipo-brasileiros, permitiram que o regime militar celebrasse sua relação especial com o Japão (LESSER, 2008b, p. 48-49).

O que se observa a partir dessa relação, principalmente do governo brasileiro, era a aspiração de um grande desenvolvimento, sendo que o japonês e/ou seu descendente tornou-se

o símbolo necessário para isto. O aproveitamento dos biomas nacionais para a agricultura de larga escala e industrial estava de fato ligado à parceria nipo-brasileira. Torna-se crucial ater-se a um desses projetos para entender a importância desse momento da história nacional. Dentre eles, o PADAP vai ser um dos exemplos que, além de ser pioneiro, também é o responsável pela transformação cultural daqueles envolvidos com o projeto, tanto diretamente como indiretamente.

1.2 Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba: os impactos sobre São Gotardo

O PADAP foi o primeiro projeto federal e estadual para a exploração do Cerrado com assentamento dirigido para os fins do capital agrícola, sendo que ele envolveu os municípios de São Gotardo, Rio Paranaíba, Ibiá e Campos Altos. É importante destacar que a posição estratégica dessa região em relação aos principais mercados brasileiros – Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo – favoreceu a implantação do programa rural. Outro fator importante que contribuiu neste sentido foi sua topografia plana que, consequentemente, se torna favorável à mecanização; e, por fim, a infraestrutura adequada de energia e transporte, reduzindo os custos para a implantação do projeto. (SANTOS, 2010)

O pesquisador Celso Mizumoto oferece uma amostra deste bioma na citação a seguir:

Essa região central, denominada Cerrado, é a savana brasileira, é a maior área contínua no mundo. Estende-se por algo ao redor de 204 milhões de hectares, localizada na parte central do Brasil. Caracteriza-se por uma vegetação de árvores de médio porte e arbustos, muitas vezes retorcidos, por um clima adverso, com precipitações pluviométricas concentradas em seis meses – o restante é extremamente seco e solo arenoso, ácido, de baixa fertilidade, agravado pelas constantes queimadas naturais que eliminam a matéria orgânica e consequente imobilização dos nutrientes. Nada produzia nesta vasta região. O pouco uso era para a pecuária de subsistência nos vales mais úmidos, os platôs ficavam abandonados. (MIZUMOTO, 2010, p. 314)

A implantação do projeto abrangeu um total de 600 km² entre os municípios de Rio Paranaíba, São Gotardo, Campos Altos e Ibiá. A disposição inicial ficou assim: Rio Paranaíba com 60,8%, São Gotardo com 10,0%, Campos Altos com 23,0% e Ibiá com 6,2%. Do total destas áreas, foi redistribuído que 255 km² ficariam para o assentamento dirigido e o restante da área, os 345 km², retornaria para a população local das cidades envolvidas. Em Rio Paranaíba, a área destinada ao PADAP representava 14,9% da área do município; em São

Gotardo, 4,3%; e em Campos Altos 1,4% do total do município³. Essa implantação foi produto de desapropriação através de reforma agrária que resultou em 95 lotes que ficaram destinados aos colonos do programa (SANTOS, 2012).

O PADAP, tal como foi observado no início do subcapítulo, vai contar com a política de preços mínimos e condições privilegiadas de financiamento que vão ser usadas para a compra de maquinário, insumos, e toda a gama de produtos necessários ao tipo de agricultura industrial proposta pelo programa como nos aponta Santos (2010),

Inicialmente, os agricultores envolvidos no projeto se beneficiaram do PCI (Programa de Crédito Integrado), uma linha de crédito oferecida pelo Banco do Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). Além de contar com uma considerável soma de recursos disponíveis, o PCI apresentava condições de financiamento extremamente favoráveis. Esta linha de crédito estava disponível apenas aos grandes produtores [...], fica evidente nas garantias exigidas para o financiamento – o agricultor deveria possuir bens, a serem utilizados como garantia do empréstimo, equivalentes ao valor do empréstimo, acrescido de 25,0%. Além de juros baixos, os prazos para amortização da dívida eram bastante elásticos, variando de dois anos, para capital de custeio – incluindo seis meses de carência –, até doze anos para investimentos em capital fixo, incluindo três anos de carência. Com a criação do POLOCENTRO em 1975, os agricultores do PADAP passaram a contar com as linhas de crédito deste programa, que eram ainda mais favoráveis que as do PCI. Os investimentos em capital fixo, por exemplo, contavam com prazo de até doze anos para pagamento, com até seis anos de carência e juros de 14,0% ao ano. (SANTOS, 2010, p. 21)

A questão do suporte financeiro vai ser uma das grandes bases para o desenvolvimento do programa. É fundamental pensar que estas linhas específicas de crédito desempenharam também um papel de atração para o investimento no Cerrado junto com o apoio técnico estatal. As instituições estatais Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater), Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) e Fundação Rural Mineira (Ruralminas) foram cruciais para o PADAP, dado o seu intenso apoio técnico prestado junto a pesquisas e procedimentos agrícolas necessários ao desenvolvimento do mesmo (SANTOS, 2010).

³ Dado o baixo coeficiente que foi destinado ao município de Ibiá pelo programa agrícola, este não será abordado no trabalho, no que se refere a sua porcentagem.

Figura 2 - As primeiras plantadeiras de arroz e soja, no ano de 1974



Fonte: Sasaki, 2008, p. 97.

Outro ponto que merece destaque é a presença da Cooperativa Agrícola de Cotia junto ao programa. A viabilização do PADAP foi resultado do interesse da Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central⁴ (CAC-CC) junto aos Governos estadual e federal. O interesse da Cooperativa no projeto se deu em virtude ao interesse que o governo japonês possuía na exploração do Cerrado Mineiro e Goiano desde 1961, mas que se concretizou somente em 1970.

O memorialista Sasaki discorre sobre este momento histórico, onde:

A Terra do Sol Nascente, em 1961, propôs um acordo de exploração agrícola nos cerrados de Minas e Goiás. Em conversa com o presidente João Goulart, o ministro dos negócios estrangeiros do Japão salientou a possibilidade de um projeto de exploração agrícola, com o financiamento integral de todo o plano de ocupação, incluindo a infraestrutura necessária, como a ferrovia de ligação de Minas Gerais e o porto de Maraú, na Bahia. O projeto foi vetado pelo Estado Maior das Forças Armadas que alegou a necessidade de proteger a soberania nacional. Mais tarde, em 1970, Brasil e Japão assinaram um acordo de cooperação técnica, estabelecendo-se um acordo de cooperação científica entre os dois países. (SASAKI, 2008, p.43)

⁴ Fundada em 1927, a partir da associação de um grupo de setenta agricultores da região de Cotia (SP), a CAC-CC tornou-se, nas décadas seguintes, uma das maiores cooperativas atuantes no Brasil, figurando entre as vinte maiores empresas nacionais. Após enfrentar sérios problemas financeiros, a CAC-CC foi liquidada extrajudicialmente em 1994, sendo suas instalações remanescentes na região do PADAP incorporadas pela Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba (COOPADAP), criada nesse mesmo ano, e que ainda hoje é uma das grandes empresas da região (SANTOS, 2012). A reflexão acerca da relevância da cooperativa será abordado posteriormente.

No que se refere à CAC-CC, torna-se importante salientar que os grupos de maior atuação dentro da cooperativa eram de ascendência japonesa e que mantinham estreitos laços com o consulado japonês (CAMPOS JÚNIOR, 2000). Dentro do projeto, coube à Cooperativa a seleção dos colonos que participariam do PADAP e que tomaria posse dos lotes, sendo que deveriam ser escolhidos apenas aqueles que possuíssem a qualificação tecnológica, econômica e administrativa para o projeto. Tudo indica que essa seleção também possuía certa preferência étnica, pois a maioria dos colonos do PADAP era japonesa (SANTOS, 2010).

1.3 O migrante qualificado

A migração qualificada na cidade é um fenômeno que não se resume somente a São Gotardo, mas fora o resultado de um processo de migrações a nível global após a 2ª Guerra Mundial, atendendo os objetivos, principalmente, de desenvolvimento econômico. Assim, realça Célia Sakurai (2008):

Os imigrantes japoneses que vêm depois da guerra encaixam-se dentro de um contexto em que as relações entre o Brasil e o Japão tomam novos rumos. A meta é o desenvolvimento brasileiro e a necessidade de abrir frentes para a realização deste objetivo. O Japão possui capital, tecnologia e recursos humanos. É dentro dessa equação que se pode entender a maneira como ocorreu a imigração dos japoneses no pós-guerra. (SAKURAI, 2008, p. 189)

Como ressalta a pesquisadora, o mundo estava vivenciando uma série de migrações de maneira sistemática, englobando novas fronteiras econômicas, políticas, geográficas, culturais e sociais. O primeiro momento da história da imigração para o Brasil contava com entrada de grande número de europeus, sobretudo no final do século XIX e início do XX, a grande maioria constituída com uma mão de obra pouco qualificada, como revela a imagem a seguir.

Figura 3 - Embarque de italianos para o Brasil, 1910



Fonte: Acervo Memorial do Imigrante. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/upload/fotografias/MI_ICO_AMP_022_004_011_001.jpg>. Acesso em: 20/02/15.

O segundo momento da migração seria pós-1945, pautado pela qualificação daqueles que adentram o Brasil e que deveriam possuir determinadas formações em razão dos interesses das forças políticas em desenvolver o país. É nesse quadro que o Japão torna-se um dos expoentes do desejo político desenvolvimentista, sendo que o rápido crescimento econômico japonês⁵ e a sua tecnologia de ponta favoreceram pela escolha do país oriental junto à política desenvolvimentista brasileira. Ou seja, o empréstimo de capitais e a exportação de tecnologia possuíam um importante destaque nas políticas do governo brasileiro. Por outro lado, o Japão via nesta parceria a ampliação de seus interesses políticos, econômicos e culturais.

No Brasil, a migração japonesa já contava com interesses desde o governo de Vargas e se estendeu durante os governos da ditadura, alcançando seu ponto culminante no quinquênio de 1969 a 1973⁶. Essa migração estava pautada principalmente na exportação de indústria japonesa para o Brasil. A crise do petróleo em 1973 foi responsável por introduzir o novo modelo de migração ao país, o de pessoal altamente qualificado para a participação de projetos elaborados em parceria de ambos os países (SAITO, 1980; SAKURAI, 2008).

⁵ O período pós-guerra no Japão foi marcado por várias reformas sociais e pesado investimento no setor industrial. Estes tipos de reformas e investimentos resultaram em um crescimento econômico bastante expressivo até a crise do petróleo nos anos de 1973-1974. O também chamado “Milagre Econômico” que foi presenciado nas décadas de 1950 e 60 colocou o Japão como uma das economias mundiais mais importantes. Este momento representou uma profunda evolução tecnológica do país, principalmente na esfera industrial. (PÚBLICO, 2015. Disponível em <<http://www.rio.br.emb-japan.go.jp/caracteristicas/economia.htm>>, acesso em: 22/02/2015) Alguns documentos políticos desta época, afirmam que o “Milagre Econômico” japonês se deu também em razão da unificação étnica e linguística deste país (SASAKI, 2000).

⁶ Para mais informações acerca das fases da migração japonesa no Brasil e os interesses políticos envolvidos, consultar Saito (1980) e Sakurai (2008).

Dentro desse quadro migrante nasceram órgãos oficiais preocupados com os fluxos pós-Segunda Guerra, como o *United Nations High Commissioner for Refugees* e outros específicos para a imigração japonesa como o *Nippon Kaigai Ijuu Rengokai* e o *Japanese Migration and Colonization*. Essas organizações possuíam o objetivo de coordenar as ações das companhias de migração para todo o globo, mas principalmente para o continente americano (SAKURAI, 2008).

A seleção desses migrantes é outro fator de extrema importância. De acordo com Sakurai (2008) os imigrantes selecionados para entrar no país eram: técnicos altamente especializados; trabalhadores industriais qualificados e semiqualificados; aprendizes de algum ofício; artesãos preparados para abrir suas próprias oficinas; gerenciadores do campo científico, atividades intelectuais, trabalhadores-chave dentro das indústrias e agricultores com alta formação técnica.

A América Latina é um dos pontos de interesse. Os chamados *open spaces* são visíveis não apenas pela geografia, mas são espaços demográficos e, sobretudo, econômicos. A Europa e o Japão sofriam as consequências da guerra, tinham excedente populacional e mão-de-obra qualificada disponível; por outro lado, países da América Latina, como Brasil, Venezuela, Argentina e México, buscavam o seu caminho para o seu desenvolvimento. Com o incentivo desses organismos internacionais, puderam receber gente qualificada para preencher espaços em ocupações que nem sempre tinham candidatos locais. Preenchem-se assim interesses bilaterais que, segundo relatório do Cime, as transferências de população da Europa para a América Latina não afetam as economias européias e os imigrantes “contribuem para o progresso efetivo dos seus novos países”. (ÁVILA *apud* SAKURAI, 2008, p. 196)

O setor de “pesquisa e desenvolvimento” se tornou uma das principais formas para se alcançar o avanço que tanto se almejava com a vinda deste tipo imigrante. Para o historiador Eric Hobsbawm (1995), este momento é fundamental para repensar os conceitos de desenvolvimento e ciência. Segundo o pesquisador uma “nação desenvolvida” típica possuía mais de mil cientistas e engenheiros para cada milhão de habitantes. Na década de 1970, o Brasil possuía apenas 250, a Índia 130, o Paquistão sessenta e o Quênia e a Nigéria por volta de trinta cada⁷. Desta forma, é crucial entender que o âmbito científico é uma das principais bases para o avanço econômico das nações ainda em processo de desenvolvimento. No processo de instauração desse polo científico as nações acabam por se tornar um importante porto de acolhimento (no que se refere a população e tecnologia) das nações dadas como desenvolvidas, mas desgastadas pela guerra.

⁷ Para mais informações, consultar Hobsbawm (1995).

Em um estudo acerca da questão da imigração no Brasil pós-guerra e sua classificação, reitera-se o valor dado aos chamados artífices especializados como mostra Sakurai (2008). Ao pesquisar as categorias de classificação dos imigrantes publicadas pela Secretaria da Cultura de São Paulo, no dia 7 de maio de 1948⁸, a autora observa a grande ênfase dada a esses profissionais mesmo antes da Segunda Guerra, em órgãos oficiais. O Decreto-Lei de 1938, do Estado Novo, classifica e prioriza o tipo do imigrante que a nação necessitava.

Imigrante:

Viajante de 3^a classe dos navios (Decreto n. 16.761, de 31 de dezembro de 1924). (Ou), Todo estrangeiro que pretendesse, vindo para o Brasil, nele permanecer por mais de 30 dias, com o intuito de exercer sua atividade em qualquer profissão lícita e lucrativa que lhe assegurasse a subsistência própria e a dos que vivessem sob sua dependência. (Decreto n.24.215 de 9 de maio de 1934, regulamentado pelo Decreto n.24.258 de 16 de maio de 1934). Esses imigrantes são: Agricultores e os técnicos contratados. (Decreto n.24.215, de 9 de maio de 1934, regulamentado pelo Decreto n. 24.258, de 16 de maio de 1934.)

Não imigrante:

Os “não agricultores” que transferissem capitais para o Brasil, os antigos residentes, os cônjuges, filhos menores etc. (Decreto n.24.215, de 9 de maio de 1934, regulamentado pelo Decreto n.24.258, de 16 de maio de 1934) São os funcionários diplomáticos, seus empregados, turistas e outros. (Decreto n. 24.215, de maio de 1934, regulamentado pelo Decreto n. 24.258, de 16 de maio de 1934)

Carta de chamada:

“Uma autorização de livre embarque e desembarque em território nacional”, fornecida pela polícia ao imigrante que, mediante apresentação ao Consulado brasileiro, obtinha o visto no passaporte. O documento devia ser requerido por um parente do imigrante, ou fazendeiro ou firma que o contratasse, devendo o requerente satisfazer uma série de exigências legais (Decreto n. 24.215, de 9 de maio de 1934, regulamentado pelo Decreto n. 24.258 de 16 de maio de 1934).

Imigração Dirigida:

Imigração dirigida é a orientação político-econômica que um Governo impõe à sua máquina administrativa, a fim de encaminhar técnica e científicamente as correntes imigratórias para uma colonização racional, observadas as questões de etnologia, concentração, assimilação, bem como as condições de ordem política, social e moral (Manual do estrangeiro). Essas disposições estão no Decreto-lei n.406, de 4 de maio de 1938, e o seu regulamento, o Decreto-lei n.3.010, de 20 de agosto de 1938. Consideram-se duas situações de entrada: o “temporário” e o “permanente” (imigração dirigida), que se diferenciam dos “espontâneos”. Aqueles que vêm sob orientação do governo e são os permanentes é que são considerados os verdadeiros imigrantes. (BRASIL *apud* SAKURAI, 2008, p. 209)

⁸ Para mais informações, consultar Sakurai (2008).

Acerca da imigração dirigida torna-se clara a preferência por profissionais qualificados que o Estado tanto ansiava, inclusive descrevendo estes como os “verdadeiros imigrantes”. De acordo com Sakurai (2008), no ano de 1969 o próprio Ministério das Relações Exteriores confirma estas premissas acima abordadas alegando que “já ultrapassamos a fase da imigração pioneira, da imigração quantitativa e estamos vivamente empenhados em realizar a imigração controlada e técnica, importando mão-de-obra qualificada, urbana ou agrícola” (MRE *apud* SAKURAI, 2008, p. 210).

Sakurai (2008) apresenta ainda, em seus estudos, dois importantes tópicos que o consulado brasileiro no Japão, localizado na cidade de Yokohama, em 1965, chega a discorrer sobre a influência destes imigrantes e a importância dada à qualificação técnica destes e sua seleção. Através da fala do então cônsul Martins Ferreira, percebe-se o estímulo à imigração qualificada. Cabe citar esta passagem:

[...] pois bem assistido e orientado, o emigrante japonês é de grande produtividade, adaptando-se rapidamente ao meio ambiente, incorporando-se às comunidade nacional, e, em muitos casos, como tenho tido a ocasião de verificar, torna-se entusiasta maior do Brasil que certos brasileiros. [...] Vale acentuar que, na concessão do visto permanente individual para o Brasil, depois de demorada e minuciosa seleção, satisfeitas todas as exigências da legislação brasileira, tem sido sempre uma constante da minha atuação como Cônsul o verificar se o candidato à imigração possa levar para o Brasil uma contribuição técnica e se está imbuído da vontade de trabalhar – qualidade esta inerente aos emigrantes japoneses do começo do século e que tanto serviu de estímulo às populações campesinas locais, sobretudo nos rincões mais afastados das grandes cidades, como no norte do Paraná e na região Amazônica. (FERREIRA *apud* SAKURAI, 2008, p. 215)

O cônsul acima referido chega a afirmar a necessidade de enviar os migrantes a regiões mais longínquas do Brasil e instituir a agricultura defendida como necessária à nação. As expectativas do então governo militar comungava com os interesses nipônicos, sendo que estes interesses políticos já faziam parte de uma pauta, inclusive anterior ao governo militar. Desde Getúlio Vargas, as expectativas em relação à qualificação dos japoneses já apareciam nas preocupações do presidente. A citação abaixo revela dados importantes sobre esta discussão.

[...] O interesse é a terra, como fora antes da guerra, para ambos os lados. [...] Já no ano do reinício das relações diplomáticas com o Japão (1951), o Brasil recebe 54 agricultores especializados na cultura de juta na Amazônia mediante o empenho pessoal do presidente Getúlio Vargas, que passa por cima da legislação. Em 1953, 1.480 vão para o Mato Grosso, Amazonas e para novas abertas à emigração japonesa: Amapá: 177, Minas Gerais: 61, Bahia: 203, Estado do Rio: 17. Outros Estados que nunca tinham recebido japoneses: Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, que, em 1960, recebeu 111 agricultores para a Colônia do Rosário. Essa diretriz deveria continuar com o empenho do governo brasileiro, que não tem colônias para receber imigrantes japoneses que tenham continuidade e sucesso. (SAKURAI, 2008, p. 216)

O objetivo de explorar as regiões brasileiras estava na pauta de ambos os governos. Se a exploração de territórios que ainda não possuía tal movimentação, com estes grupos de migrantes japoneses, o objetivo se tornou mais próximo dos anseios governamentais da época. Por hora, pode-se entender que essa diretriz permaneceu durante os governos posteriores, induzindo o importante papel destes migrantes nipônicos em todo o Brasil e, sobretudo, no Alto Paranaíba.

Ao observar como aconteceu a introdução do PADAP, posteriormente na década de 1970, em São Gotardo, tornam-se claros dois interesses: o primeiro, do governo federal brasileiro com a necessidade de se aproveitar o Cerrado Mineiro e trazer desenvolvimento através da nova indústria agrícola com cooperação técnica e financiamento japonês; o segundo que seria dar apoio tecnológico japonês em explorar o Cerrado, acesso a fontes de matérias-primas e a ampliação da área de atuação dos nikkeis em solo brasileiro.

Outra questão que deve ser pensada é a relação entre o valor da terra para plantio no Cerrado e outras regiões do país. O custo da terra para plantio no Cerrado estava, muitas vezes, bastante abaixo do valor médio de outros Estados como São Paulo e Paraná. Esse fator vai impulsionar a vinda dos colonos selecionados pela CAC-CC.

O valor das terras para a agricultura no Cerrado se evidenciou muito mais barato pelo fato da impossibilidade de produção agrícola na região, até então. Santos (2010) afirma que do número total destes colonos migrantes que adentraram o projeto, 70% tinham a origem paranaense⁹ e já possuíam vínculos com pequenas propriedades rurais neste Estado. A alta especulação de terras para a agricultura no seu Estado incitou uma maior motivação para a aquisição de terras na região do PADAP.

O memorialista Sasaki (2008), por ter sido também um dos colonos escolhidos pelo programa de assentamento, chega a alegar que o valor de terras para cultura no Paraná valeria dez vezes ou mais o valor de terras do Cerrado, evidenciando a supervvalorização especulativa de solo paranaense. Santos (2010) atenta também para esse ponto, observando que estes agricultores eram antes pequenos empresários de terras no Paraná, mas que ao longo do projeto se tornaram grandes empresários detentores de vastas extensões de terras em Minas Gerais.

⁹ Nas entrevistas realizadas com alguns dos colonos do PADAP foi observado também que a maioria das cidades de origem eram do Paraná. As cidades de Uraí e Cornélio Procópio são exemplo destas cidades de origem dos nipo-descendentes. Foi observada ainda a presença de migrantes nikkeis de São Paulo (capital) e Lins, no interior do estado. Nas entrevistas de Sasaki (2008) são citadas diversas cidades paranaenses tal como: Maringá, Santa Mariana, Ponta Grossa, Rancho Alegre, Londrina, entre outras.

O processo de colonização contou com um grande número de migrantes descendentes de japoneses vindos do Paraná, outros de São Paulo e alguns vindos diretamente do Japão. Dentre as cidades integradoras do projeto, esses colonos escolheram, em sua maioria, instalar suas moradias e suas famílias na cidade de São Gotardo. Sasaki (2008) afirma que, na época, a maior estrutura para a recepção, não somente do PADAP, mas também por conter melhor infraestrutura urbana, era São Gotardo, dentre as cidades que participavam do programa agrícola, ainda que a cidade coexistisse com o subdesenvolvimento próprio de cidades do interior do Estado de Minas Gerais.

Nas reflexões de Sasaki (2008), o mesmo afirma que antes do programa os residentes da cidade saíam para outras localidades à procura de empregos. O próprio estado mineiro possuía um histórico de emigrações, sendo o estado com o maior número de emigrações nas décadas de 1950 e 60. Nos estudos sobre migração, Eunice Durham (2004) já havia atentado a essa característica do estado mineiro em relação aos outros estados brasileiros.

Neste sentido, Durham (2004) aponta que:

Se passarmos a investigar quais os estados de maior emigração, chegamos a resultados algo surpreendentes. Em ordem de importância encontramos, em primeiro lugar, Minas Gerais, com um total de 1.367.239 emigrantes (naturais dessa unidade domiciliados em outras unidades da Federação). Seguem-se São Paulo e Rio de Janeiro, com mais de meio milhão de emigrantes cada um (507.217 e 504.130) e, em quinto, Pernambuco (311.280), seguido de mais dois estados nordestinos: Ceará (268.486) e Paraíba (245.280). (DURHAM, 2004, p. 184)

De certo modo, quando Sasaki (2008) afirma que São Gotardo era um lugar de onde saíam muitas pessoas em direção a outros lugares, o memorialista possui respaldo de afirmar este fato pelo histórico do próprio estado de Minas Gerais como atesta Durham (2004). Com a introdução do programa rural em São Gotardo, eclodiu-se um novo movimento migratório, que inverte a eventual saída de seus moradores para a volta e entrada de novos habitantes para a cidade e, ao mesmo tempo, ocorre uma nova revalorização do solo urbano, graças ao PADAP.

Segundo Sasaki (2008):

[...] Em dois anos - revela - foram aproveitadas 150 áreas para novas residências. Antes, o pessoal saía da cidade à procura de trabalho, hoje está voltando. O êxodo era tão grande, que a população baixou de 22 mil pessoas no censo de 1960 para 18 mil em 1970. Agora a população atingiu 40.000 habitantes. (SASAKI, 2008, p. 122)

Esse momento que o memorialista aborda suscita a reflexão que, após a implementação do programa, a capacidade da cidade em oferecer empregos para seus moradores aumentou significativamente. Este momento da história local foi responsável por dois fluxos de migração

para São Gotardo, como aponta esse autor. O primeiro de vinda destes colonos para a implantação do projeto; e o segundo de novos e/ou velhos residentes, em razão da nova oferta de emprego. Sobre esse último, pode-se constatar que o PADAP foi responsável por iniciar outros movimentos migratórios para cidade, sobretudo para atender a necessidade de mão de obra que o projeto demandava.

Os deslocamentos merecem ser discutidos dentro do plano urbano da cidade e também com a população que já era residente em São Gotardo. Este contingente de migrantes e as relações sociais que vão emergir entre eles e a população local nos anos 1970 vão configurar uma nova vida social para a cidade, sendo que esta possui notadamente os reflexos deste programa que lhe foi implantado.

1.4 Vida Social

A atmosfera de São Gotardo é notadamente rural. Um visitante que chega à cidade hoje e esteja atento a este aspecto, logo na sua via principal, a rodovia MG-235, já identifica a marcante presença de empresas que dão todo o tipo de suporte a produção rural. Nota-se a existência de empresas que são responsáveis por análise de solo e foliar, outras especializadas em instalação de pivôs para irrigação das lavouras, algumas responsáveis pelo abastecimento de fertilizantes, defensivos agrícolas e sementes e, por fim, imponentes multinacionais que fornecem todo o maquinário agrícola necessário às culturas da região.

Na primeira rotatória (para aquele que está indo sentido a São Gotardo, na MG-235) nota-se à sua direita a COOPADAP, com imponentes silos metálicos, que são responsáveis pela armazenagem dos produtos agrícolas e outras propriedades. No caminho é observável também a presença da Associação Beneficente Cultural de São Gotardo (ABCESG), com sua entrada que remete à cultura oriental, dado os ideogramas escritos em uma grande placa. Ao entrar na cidade, no início de uma das suas avenidas principais, a Avenida Brasil, encontram-se estabelecimentos comerciais direcionados aos trabalhadores rurais. Pela manhã ou quando voltam, os trabalhadores tomam seus cafés nas diversas padarias, pagam suas contas e, por vezes, compram seus remédios nas drogarias e partem para suas casas. Os estabelecimentos já possuem a tradição de abrir mais cedo (por volta das cinco e meia da manhã), que os outros estabelecimentos comerciais da cidade, dado o interesse do fluxo de trabalhadores que estão indo ou chegando do trabalho.

Esses estabelecimentos fazem parte das principais características comerciais da cidade, que atendem o trabalhador rural que atua em áreas que exigem pouca qualificação. Se tomar

como exemplo o horário de chegada destes à cidade, depois de seu trabalho (por volta das quatro e meia da tarde até as sete horas da noite), fica evidente sua movimentação nos estabelecimentos comerciais, sobretudo em suas vias principais, tal como na Avenida Brasil ou mesmo no centro da cidade, como por exemplo a Rua Bento Ferreira dos Santos, que possui grande concentração comercial. Vale observar a fala de Geralda Lelis, agente de vendas:

A hora que eles chega (sic) é sempre boa! Porque eles gostam de comprar! Eles só têm essas horas pra poder comprar suas coisas, né? Então, a gente espera por eles! Tem dias que eu fico aqui com eles até tarde! São corretos pra pagar, sabe! Quando compram dividido, eles já recebem e vem direto pra pagar a gente, quando não compram tudo a vista! (Geralda Lelis, agente de vendas, 21 anos, 05/06/2014)

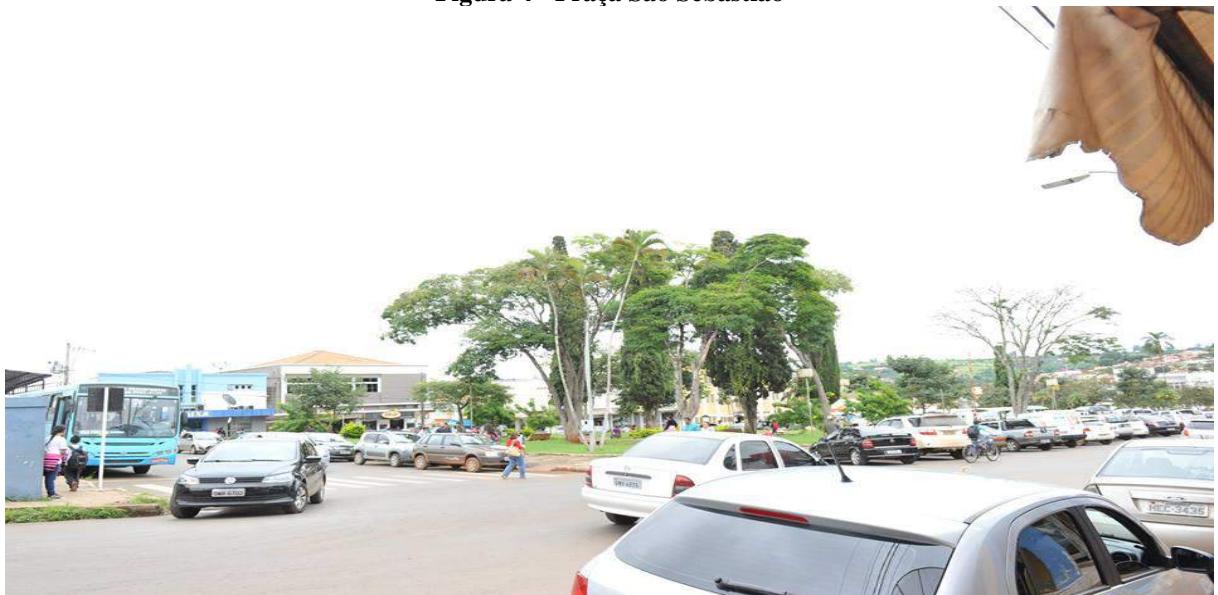
A Rua Bento Ferreira dos Santos abriga uma série de estabelecimentos comerciais que, de modo simplificado, são: lanchonetes, lojas especializadas em venda de calçados ou roupas, redes de vendas de eletrodomésticos e móveis, etc. Os principais fluxos de trânsito comercial acontecem principalmente no quinto dia útil do mês¹⁰ e há uma movimentação mais intensa de pessoas junto aos diversos estabelecimentos nos horários de chegada dos trabalhadores rurais (que se inicia a partir das 16:00 e vai até as 19:00).

Essa mesma rua serve de passagem para a Praça São Sebastião, que é um ponto de encontro dos trabalhadores e outros grupos, tais como aposentados e vendedores ambulantes. Estes últimos se posicionam nas praças, dado o grande número de pessoas que ali se encontram, principalmente de migrantes ou trabalhadores rurais, que vêm do trabalho ou estão de folga. A Praça São Sebastião se torna um espaço para o encontro dos inúmeros migrantes que são residentes na cidade, oriundos dos vários bairros.

Esta Praça não foi escolhida por esses grupos ao acaso, nela se encontram três dos quatro bancos da cidade, que são responsáveis pelos inúmeros tipos de pagamentos (salários, aposentadorias, salários-desemprego, etc.) e outros serviços. Muitas das pessoas que ali se reúnem vão para pegar dinheiro nos bancos e, daí, comprar algo nas redondezas, participando da sociabilidade daquele espaço.

¹⁰ O quinto dia útil do mês foi lembrado como um dos principais dias do mês, tanto pelos descendentes de japoneses como pelos não descendentes. Essa data, de acordo com os mesmos, é usada para fazer o pagamento dos salários em geral na cidade.

Figura 4 - Praça São Sebastião



Fonte: Arquivo pessoal, 08/07/2014.

O espaço da praça não é somente um ambiente procurado por aqueles grupos em razão dos bancos e estabelecimentos comerciais. Ele é, na verdade, uma área que congrega de uma série de contextos sociais, culturais, políticos, etc. Pela pesquisa ter acontecido em julho, presenciou-se uma grande movimentação de pessoas para a principal festa organizada na cidade: a Festa Nacional da Cenoura (FENACEN)¹¹. Criada e administrada pelo Sindicato Rural de São Gotardo, desde 1997, a festa se tornou o foco principal desse tipo de atividade no município, contando com a presença dos habitantes locais e de outras regiões dada a tradição construída.

Cabe observar também que, por ser realizada em sua maioria das vezes no mês de julho, um mês propício às férias estudantis, a FENACEN conta com um grande contingente de pessoas naturais de São Gotardo, mas que não moram nesta e aproveitam para vir para a festa e assim rever amigos, familiares e conhecidos. A economia da cidade evidencia certo aumento, de acordo com alguns entrevistados, dado ao crescimento das compras nessa época, principalmente dos setores de calçados e roupas¹².

Se já existe a atmosfera rural na cidade, nessa época do ano ela se torna mais evidente pela festa. Esta é realizada no parque de exposições (que é mantido pelo sindicato rural) e concentra eventos ligados ao agronegócio (por ter em sua maioria patrocinadores deste campo),

¹¹ Para mais informações sobre a festa, consultar Sasaki (2008) e FENACEN (2014).

¹² De acordo com vários entrevistados, a época da realização da festa é uma das mais importantes do ano por concentrar um grande número de vendas.

eleição da rainha que representa a festa, shows, barracas, etc. A festa é claramente um ponto de encontro das diversas sociabilidades em seus vários contextos e é um exemplo da influência agrícola que São Gotardo detém.

Outro ponto que merece destaque é a administração pública da cidade. A atual gestão de São Gotardo é a segunda do ex-colono do PADAP, o senhor Seiji Sekita. No total foram quatro administrações de nikkeis na cidade, o que comprova a sua participação política. O envolvimento dos nikkeis na política contribui para pensar na influência que os mesmos possuem, sobretudo a partir de seu universo agrícola. O sucesso agrícola alcançado pelos nikkeis influencia a sociedade são-gotardense a acreditar que semelhante sucesso sucederá na esfera política da cidade. Cabe ressaltar que não se está afirmando que as gestões políticas nikkeis na cidade não contribuíram no desenvolvimento da mesma, mas é importante pensar como a influência agrícola se faz presente também na questão política de São Gotardo.

No que se refere ao histórico desta influência agrícola na cidade, ela já existia antes da implantação do PADAP, mas foi com o programa que se intensificou. A cidade, antes do programa, era marcada pela agricultura e pecuária de subsistência e também por grandes latifúndios, com pequena produção de café em determinadas partes do município.

Segundo Sasaki (2008):

Até meados de 1973, havia uma considerável área de cerrado ocioso nos municípios de São Gotardo, Campos Altos, Rio Paranaíba e Ibiá, todos no Estado de Minas Gerais. A taxa de desenvolvimento nesses municípios era insignificante por que os latifundiários não exerciam nenhuma atividade de cunho econômico-social reduzindo as suas propriedades a meras exportadoras de mão-de-obra. (SASAKI, 2008, p. 19)

Durante as entrevistas das pessoas que estavam presentes na cidade antes da implantação do programa e que vivenciaram seu desenvolvimento, torna-se evidente em suas falas a grande transformação ocorrida em São Gotardo. A cidade, antes do PADAP, era marcada pela pobreza e demais dificuldades em todos os âmbitos, o que sinalizava como razão para a saída de seus habitantes para outras cidades, buscando melhores condições de vida tanto para os indivíduos como para suas famílias, amigos, etc.

A cidade era muito pobre, muito pequena. Eram poucas as casas que tinham aqui! Não tinha esse tanto de casa que tem hoje não. A cidade aqui transformou! Hoje em vista do ela era, pode falar que a cidade virou uma cidade grande. Pra te falar a verdade! Aqui [antes do PADAP] quando existia calçamento era de pedra! Quando existia. Não tinha Santa Casa, o que tinha aqui era um tipo de hospitalzinho (sic) do doutor Siqueira. Quem tivesse dinheiro ia pra lá e não tinha médico como tem hoje pra várias coisas [especialistas]. A água que vinha pra mim corria tão pouquinha, porque não tinha pressão pra chegar aqui. Aí eu tinha um tambor pra pegar água e era tão fraca que as vezes que tinha que pegar com um balde no chão. Foi tudo tão difícil. (Clotilde Fernandes, aposentada, 60 anos, 16/07/2014)

A fala da entrevistada remonta algumas das dificuldades que estavam presentes em São Gotardo. Em outro relato, já na obra de Sasaki (2008), um de seus entrevistados discorre sobre as dificuldades encontradas na cidade, quando chegou como colono do programa. A título de ilustração, o mesmo revela as suas primeiras experiências na cidade:

Em 1975, São Gotardo nos pareceu uma cidade esquecida do mundo. Não tinha telefone, não tinha oficina mecânica, mecânicos, nem oferecia conforto aos moradores. Para falar com alguém em São Paulo, era necessário ir a Campos Altos e esperar de três a quatro horas até conseguir uma ligação. (Depoimento de Tamotsu Kashino, retirado de SASAKI, 2008, p. 201)

Relatos como este¹³, de colonos do programa, de moradores naturais de São Gotardo que também presenciaram este momento, os fatos descritos pelo memorialista Sasaki (2008) e o trabalho etnográfico, revelam grandes modificações. A partir desses materiais, pode-se afirmar que houve grandes mudanças na cidade em quase todos os seus contextos. “Trazer o desenvolvimento”, como é dito por Sasaki (2008), é uma das falas que enaltecem essas mudanças em São Gotardo. A consolidação da sua produção agrícola é o exemplo da relevância que o PADAP possuiu para a cidade.

Por outro lado, essas mudanças não abrangeram todos os indivíduos. Quando se analisa o desenvolvimento da cidade, ainda é evidente a presença da pobreza. A implantação do PADAP, baseada na mão de obra qualificada, gerou também um acirramento das desigualdades sociais já existentes no espaço urbano são-gotardense. Nas observações etnográficas, constata-se a visível pobreza em várias partes da cidade, principalmente em sua periferia. Do mesmo modo, observa-se a presença também de regiões mais ricas ou desenvolvidas. A implantação do PADAP e suas consequências na vida urbana merecem uma reflexão mais profunda. Neste sentido, a observação etnográfica é crucial para entender a razão da atmosfera rural que a cidade concentra e, sobretudo, os novos fluxos migrantes iniciados após a consolidação da produção rural.

Atualmente, a periferia da cidade revela as transformações ocorridas no universo urbano de São Gotardo, principalmente após a introdução do programa e seu desenvolvimento. Antes de se ater a essas observações, torna-se vital compreender alguns aspectos da transformação ocorrida em São Gotardo. Para o médico e memorialista José Pessoa (2000) a introdução do

¹³ No próximo capítulo será tratado de forma mais profunda o momento da implantação do PADAP e suas diversas reações. Neste sentido, ficam ainda mais evidentes as transformações que a cidade presenciou e, ao mesmo tempo, as reações dos grupos envolvidos com estas mudanças.

PADAP na cidade desencadeou, após sua implantação, uma “revolução econômica” para esta. A modernização do campo através de uma nova modalidade agrícola industrial, e não mais tradicional, fez com que a cidade saísse dos patamares da extrema pobreza para uma condição de bem-estar social muito além das origens de São Gotardo (PESSOA, 2000).

Sasaki (2008) aponta também essas transformações do contexto urbano em razão do PADAP e seu sucesso. Inauguração de asfalto, que até então era desconhecido na cidade, criação de rodovias que ligariam a cidade às grandes metrópoles como a MG-235, implantação do Fórum para o poder judiciário, vinda dos Correios e construção de sua sede, introdução de linhas telefônicas e valorização dos imóveis, eram alguns dos reflexos após a implantação do programa rural (SASAKI, 2008). A imagem a seguir ilustra uma destas transformações ocorridas durante este momento.

Figura 5 - Inauguração da rodovia MG-235 em 1974



Fonte: Sasaki, 2008, p. 121.

Considerando as transformações ocorridas na cidade, elas se evidenciam através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), sendo que no ano de 2000 obteve um alto índice comparado à média estadual e nacional. Os índices foram, respectivamente, 0,807 (Município de São Gotardo), 0,766 (Estado de Minas Gerais), e 0,757 (Brasil) (SANTOS, 2010). Ao analisar o índice no ano de 2010, este então diminuiu para 0,736, o que de certa forma é normal dada à diminuição do índice tanto na esfera estadual, com a média de 0,731, como da esfera nacional, que ficou com a média de 0,699. Ao mesmo tempo, esta diminuição do índice de São Gotardo induz a algumas reflexões sobre seu aspecto social. A observação etnográfica, desta forma, se torna crucial para se pensar como essa queda pode estar ligada à pobreza que está presente na cidade, mesmo após a implantação do programa na cidade.

Ao se analisar o desenvolvimento atual de São Gotardo, nota-se regiões com características que são encontradas em bairros nobres das principais metrópoles brasileiras tais

como: grandes mansões com quadras esportivas e piscinas em seu interior; largas ruas totalmente asfaltadas; alta arborização em quase todas essas residências, etc. Ao mesmo tempo, nota-se que o desenvolvimento não abrangeu outras partes, que concentram grandes bolsões de pobreza, evidenciando uma série de casas em fase de construção, vias não asfaltadas e a falta de energia elétrica e água em algumas partes dos bairros mais pobres da cidade.

Diante desse quadro, torna-se indispensável pensar na situação da cidade após a implementação do PADAP. De acordo com Sasaki (2008) e Pessoa (2000), a cidade vivenciou uma “revolução econômica”, trazendo a riqueza para esta com a introdução do programa rural, mas observa-se que nem toda a cidade vivencia esta riqueza afirmada pelos memorialistas.

No censo realizado pelo IBGE de 2010 fica evidente a presença da pobreza na cidade, que ainda possui preocupantes índices. No que se refere ao rendimento domiciliar feito pelo Censo, pode-se observar a concentração de capital referente às etnias presentes na cidade. Da parcela amarela¹⁴ da população com grande predominância de descendentes japoneses na cidade, por este Censo, afirma-se que 106 pessoas alegaram possuir rendimento acima de dez salários mínimos. Em contrapartida, a população parda¹⁵ que possui rendimento de meio salário a um salário mínimo contou com 4.975 e a população negra com o mesmo rendimento com 1.171 pessoas¹⁶.

Os bairros periféricos da cidade, tal como o Boa Esperança, São Geraldo e Tancredo Neves, demonstram claramente como a pobreza se faz presente a vida urbana e, ao mesmo tempo, convivem respectivamente com bairros elitizados tal qual o Jardim das Flores, Campestre e Mansões do Lago. Estes últimos são habitados pela grande maioria nikkei que faz parte do PADAP.

Assim, em um primeiro momento da história da ocupação urbana desses bairros, deve-se ressaltar a vinda dos migrantes nikkeis que, ao longo do tempo, se localizaram nos bairros com características de bairros elitizados citados anteriormente. Em um segundo momento, destaca-se a criação de bairros pobres, formados notadamente por trabalhadores rurais advindos de outras regiões do estado e do país, com o intuito de compor a mão de obra necessária ao trabalho agrícola desenvolvido pelos colonos do PADAP na cidade. Esses migrantes, que se tornam trabalhadores rurais, buscam melhores condições de vida em comparação àquelas de suas cidades de origem.

¹⁴ Terminologia usada pelo IBGE.

¹⁵ Terminologia usada pelo IBGE.

¹⁶ Infelizmente no Censo de 2000 não consta este tipo de índice, o que dificulta a nível de comparação dos índices destes grupos residentes de São Gotardo.

Em um sentido inverso da ocupação urbana nestes bairros, inicialmente serão aprofundadas reflexões sobre um bairro que concentre o atual fluxo migrante dos trabalhadores rurais na cidade, como o bairro Boa Esperança¹⁷. Feitos estes apontamentos, serão feitas observações sobre os bairros que possuem a presença nikkei (Campestre e Jardim das Flores), e assim serão apresentadas (a partir da etnografia), mesmo que brevemente, algumas partes das cidade de São Gotardo.

Ao adentrar no bairro Boa Esperança, nota-se a forte presença migrante, sobretudo nortista do estado de Minas Gerais, e também nordestina, advinda da região nordeste do Brasil. Esses migrantes fazem parte da grande parcela dos trabalhadores rurais da cidade, ou como são chamados, “boia-fria”¹⁸. Em suas falas, nota-se que o objetivo comum de sua vinda para a cidade está na expectativa de melhoria das suas condições de vida, o que insere São Gotardo como o meio para se alcançar melhores condições junto ao trabalho agrícola, proveniente do PADAP.

Eu sou do Maranhão, vim de Pedreiras. Rapaz, aqui tem plantio de tudo quanto há! Lá [Pedreiras] só tem roça e gado! A gente mesmo que cuida. Lá não tem emprego não. O povo tem que caçar emprego de ajudante de pedreiro, empregada [ajudante doméstica], descarregar caminhão, lá eu não cheguei a trabalhar pros outros porque o ganho é muito fraco. Aqui é bem mais fácil que lá. É bem mais puxado que lá, esses horários são cedo demais. Rapaz, lá [Pedreiras] o cara só ganha um salário mímino se ele tiver estudo. Olha a minha irmã mesmo, trabalhou muito tempo ganhando quatrocentos reais por mês. Ela ainda sustentava casa. Olha pra você vê! É por isso que muitos que vêm de lá [Pedreiras] e não quer voltar. Porque não tem um terreninho pra trabalhar, não tem onde trabalhar. A viagem de lá pra cá é difícil. Rapaz, a gente pega um ônibus clandestino, sai de lá na sexta e só chega no domingo (por volta de 2230 km de viagem). (Marcelo Silva, trabalhador rural, 26 anos, 14/05/2014)

A observação etnográfica do bairro explicita muito o contexto espacial que está inserido e que se torna o ambiente destes migrantes. A sua localização não é distante do centro da cidade, mas existem alguns fatores do bairro que o caracterizam como um bairro de periferia pobre. Ao sair do centro da cidade em direção ao bairro, transita-se pelo Córrego Confusão¹⁹, que possui grande desemboque de esgoto da cidade, e corta partes desta, inclusive o bairro Boa Esperança. A questão deste córrego traz uma breve discussão sobre a desvalorização imobiliária que está presente no bairro.

¹⁷ O bairro Boa Esperança foi escolhido por ser o maior bairro da cidade e também por concentrar um grande número de migrantes que correspondem à atual mão de obra da agricultura de São Gotardo.

¹⁸ A etimologia da palavra se refere às pessoas que trabalham no campo ou mesmo vivem neste. A expressão “boia-fria” é proveniente do modo como eles se alimentam, pois saem para o trabalho de madrugada e já levam suas marmitas, e como não existem meios para esquentá-las, ingerem a comida fria (FREITAS, 2014).

¹⁹ O Córrego Confusão é responsável pelo abastecimento de água que é feito através do balneário municipal e no qual, ao longo do seu curso na cidade, é despejado o esgoto.

Chegando próximo ao córrego, vindo pelo centro da cidade, em determinadas épocas do ano, é perceptível o mau cheiro que transcorre para grande parte do bairro, principalmente próximo à faculdade da cidade²⁰, que está localizada em seu início para aqueles que vêm do centro para o Boa Esperança. O mau cheiro em questão não é sentido em todo ano, mas no inverno se torna um pouco mais forte. Esse quesito é normalmente lembrado pelos moradores da cidade como um dos fatores principais para a desvalorização das terras no bairro.

Ao adentrar o bairro, nota-se que suas ruas possuem certo descuido municipal, no que se refere à malha asfáltica, provavelmente pelo trânsito diário de ônibus que servem para o transporte dos trabalhadores para a zona rural e sua volta, e torna-se fácil averiguar o grande fluxo destes veículos no bairro. Algumas das ruas são mal sinalizadas e outras não possuem sinalização alguma. Observa-se também grande concentração comercial no bairro, com uma série de bares, lojas (que vendem roupas, brinquedos, bijuterias, sapatos, celulares, etc), consultórios odontológicos, pontos de moto-taxistas (que são muitos, por sinal)²¹, restaurantes, dentre outros.

Figura 6 - Avenida Francisco Resende Filho



Fonte: Arquivo pessoal, 08/07/2014.

As casas, em sua grande maioria, estão em fase de construção (por algum motivo, ficam estagnadas nas fases iniciais de construção e com o tempo ficam desgastadas), algumas moradias com sinais de abandono, outras empilhadas em espaços que caberiam somente uma, mas são construídas várias (evidenciando a falta de projeto arquitetônico) e, por fim, aquelas

²⁰ Trata-se do Centro de Ensino Superior de São Gotardo (CESG).

²¹ Os serviços de “Mototaxi” e “Motofrete” foram regulamentados pela prefeitura através da Lei n. 1.937 de 10 de agosto de 2012 (Disponível em: <http://179.189.86.204/arqweb/lei_1937_moto_t%C3%A1xi.pdf>. Acesso em: 12/01/15).

que se encontram acabadas, mas que por algum motivo exercem certo desapego no que se refere a reformas. É importante destacar que existem também casas boas e finalizadas em todas as etapas de construção, mas a maioria das casas do bairro ainda contém algumas das características anteriormente abordadas.

No tocante ao horário deste estudo etnográfico, foi optado pelo horário de chegada dos trabalhadores rurais em suas casas, que começa às 16:00 e vai até às 19:00²². Esse horário escolhido é crucial não somente para ter mais contatos com os grupos aqui colocados, mas para observar suas práticas de lazer, sociabilidade e organização dentro de sua comunidade no bairro. Em uma de suas vias principais, a avenida Francisco Resende Filho, nota-se um grande fluxo de ônibus do qual desembarcavam todos os tipos de trabalhadores em alguns pontos desta avenida e que se estendem a outros pontos fixos no bairro.

Observando os pontos de ônibus, constata-se um grande número de trabalhadores que desciam, tanto de homens quanto de mulheres. Dentre eles, desciam jovens e também somavam a esse grupo os adultos e idosos com toda a variedade de idade. Alguns desses trabalhadores se dirigiam em direção às suas casas, outros para os supermercados do bairro, outros para os bares próximos aos pontos e outros caminhos mais.

Um bar próximo ao ponto foi selecionado para analisar os contextos nos quais estão inseridos estes grupos de trabalhadores. Nota-se que o encontro após o trabalho é, para eles, uma das maneiras de se sociabilizar dentro do seu grupo (tal como a Praça São Sebastião, tratada no início do subcapítulo). Comer um churrasco, beber uma cerveja ou simplesmente sentar às mesas situadas na calçada do bar já significa que, ali, começa o encontro diário daqueles que não estão simplesmente juntos por fazer parte de um grupo que vem do nordeste do Brasil, norte de Minas Gerais ou residentes naturais da própria cidade²³, mas não comentar sobre o seu dia de trabalho, família e outros assuntos próprios que encabeçam a história da sua comunidade.

Olhe, chegar do trabalho e ir conversar com os amigos é uma das melhores partes do dia, quando a sua mulher não está atrás de você! [risos] A gente sai muito cedo pra ir pro trabalho! Costumo levantar às quatro e meia para dar tempo de chegar no ponto às cinco horas e ir pra roça pegar no batente. Quando eu chego, eu já venho direto para o bar! Tem dia que na hora do almoço lá na roça, a gente não tem tempo pra conversar, aí a gente topa aqui no bar e põe a conversa em dia! Aqui a gente fala do

²² Esse horário foi comentado pelos entrevistados e é plausível de mudanças dada as épocas de colheita, nas quais se necessita de uma maior flexibilidade nos horários dos trabalhadores, fazendo com estes cheguem em horários diferentes e alternados destes da pesquisa.

²³ No presente trabalho dá-se ênfase aos contingentes de migrantes que estão situados no bairro, mas existe neste bairro também grande parte de residentes naturais de São Gotardo que, através dos planos habitacionais do Governo Federal, se situaram no bairro Boa Esperança por diversas razões. Não será aprofundado sobre estes habitantes, pois o contexto da pesquisa não é este, mas de todo modo é fundamental destacar a sua presença junto aos migrantes.

dia puxado, né? Mas que mesmo difícil, é muito melhor que no Maranhão! Em Pedreiras-MA eu ganhava merreca comparado com o que eu ganho aqui em São Gotardo. A vida aqui também é difícil, mas lá é muito pior! Trabalhando pros japoneses eu consigo comprar o que eu quero, lá além de não achar emprego, não ganha quase nada! (José Alfredo, trabalhador zona rural, 22 anos, 17/05/2014)

No estabelecimento há os mais variados assuntos dos trabalhadores ali reunidos, tais como o valor pago por dia por determinados escritórios agrícolas, quem adoeceu do grupo de amigos ou de trabalho, quanto estão as passagens de volta para suas cidades de origem ou mesmo brincadeiras de todo tipo que, de acordo com os seus frequentadores, funcionam para descansar a suas mentes do trabalho pesado do campo que acabaram de chegar, entre outros motivos.

José Guilherme Cantor Magnani (2002) retrata em seus estudos, de modo sucinto, sobre o lazer dos diversos grupos e sua relevância nas pesquisas das ciências humanas, sendo que através destas considerações ampliou-se estas discussões sobre este tema em São Gotardo. A pesquisa de Magnani (2002) é a sociabilidade na periferia de São Paulo, mas oferece ao mesmo tempo algumas contribuições para se pensar na sociabilidade que acontece no bairro Boa Esperança em São Gotardo. O lazer, tal como o pesquisador apresenta, é fundamental nas pesquisas sobre a sociabilidade.

O lazer para esses trabalhadores que moram no Boa Esperança, serve como um ponto de apoio na construção diária de sua sociabilidade, criando novos amigos ou reforçando os laços que já detém com outros. O campo de atuação da pesquisa de Magnani (2002) é a periferia de São Paulo, mas suas reflexões permitem ampliar, mesmo que de forma breve, algumas considerações sobre este tema que se torna crucial para os moradores do bairro Boa Esperança.

Observando mais de perto as regras que presidem o uso do tempo livre por intermédio dessas formas de lazer, verificou-se que sua dinâmica ia muito além da mera necessidade de reposição das forças despendidas durante a jornada de trabalho: representava, antes, uma oportunidade por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade. (MAGNANI, 2002, p. 20)

O bar que tomei por base para a análise etnográfica poderia ser considerado, como nas citações de Magnani (2002), um espaço do “pedaço”²⁴ destes trabalhadores que moram no Boa Esperança. O “pedaço”, ou o bar aqui abordado, serve como referência para distinguir também seus frequentadores dentro do bairro no maior número possível de grupos em seus diversos

²⁴ De acordo com Magnani (2002, p. 20) “A noção de *pedaço*, [...] supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles”.

horários e pode-se observar a importância que estes espaços possuem para seus membros. Outro intelectual que contribui a pensar a sociabilidade são- gotardense e sobretudo deste espaço ou pedaço é Georg Simmel (1983). De acordo com o sociólogo a sociabilidade representa este contexto de descontração, de “fuga” da séria posição almejada pela sociedade aos seus indivíduos. Em suas palavras “é exatamente a pessoa mais séria que colhe a sociabilidade um sentimento de liberação e alívio”. (SIMMEL, 1983, p.181) Isto é, o bar ou o “pedaço” destes trabalhadores se torna um ambiente próprio ao descanso de suas posições dentro da sociedade, sejam elas relacionadas ao trabalho, a família entre outras, ali o papel principal é a interação²⁵.

Na continuação da análise etnográfica do bairro, procurou-se entender como funcionam as moradias destes migrantes que, provisórias ou permanentes, exprimem algumas das dificuldades encontradas no início de suas estadias na cidade. As habitações iniciais desses migrantes são constituídas por pessoas advindas de diferentes regiões que, em um primeiro momento, alojaram-se conjuntamente para diminuir os custos de moradia, principalmente para angariar dinheiro para o seu retorno às suas regiões de origem, pagar os custos da viagem ou enviar dinheiro aos seus familiares.

A gente monta casa desse jeito porque na hora de pagar o aluguel fica bem mais barato. Agora está (sic) só eu e meu irmão, mas logo a gente arruma mais um pra ajudar. Pois é rapaz, eu só consegui o que eu tenho hoje às custas do mundo. Pra você ver, o primeiro celular que vim usar foi aqui em São Gotardo. Trabalhando tendo força de vontade e fé em Deus a gente chega lá. [...] E a gente tem que ajudar os pais lá também, mando direto [dinheiro]. (Marcelo Silva, trabalhador rural, 26 anos, 14/05/2014)

A sociabilidade também está presente em suas casas, porém em um contexto diferente. Aos domingos são realizados encontros, reuniões e festas entre amigos, familiares e conterrâneos, sendo que esses encontros acontecem, em sua maioria, nos dias de folga do grupo que compartilha a residência ou mesmo por alguns destes residentes. As folgas, ou os dias de descanso, acontecem em sua maioria nas sextas ou nos domingos²⁶.

Ao perguntar sobre o que achavam da cidade, um deles respondeu: “Aqui a gente trabalha muito, mas vive bem, não passa fome, compra as coisas que a gente precisa e ainda sobra um dinheiro pra guardar ou mandar pros parentes lá no Maranhão! Por mim não ia embora mais!” (José Alfredo, trabalhador rural, 22 anos, 17/05/2014). Observa-se na fala dos entrevistados que as dificuldades vividas em suas cidades de origem são o principal motivo

²⁵ É importante abordar ainda que a sociabilidade não somente se dá somente naquele “pedaço”, mas em qualquer ambiente, onde as pessoas se encontram e interagem, tal como o próprio bairro, as igrejas, os parques, os clubes, as escolas entre outros.

²⁶ As folgas variam de acordo com a cultura que está sendo colhida, mas a maioria das folgas são realizadas nas sextas-feiras e domingos, de acordo com os entrevistados.

para a migração para São Gotardo, como foi atentado anteriormente. Um dos entrevistados aponta essas dificuldades passadas e seu caminho até a cidade.

Antes de vir para São Gotardo, moramos em vários lugares! O lugar que ficamos mais tempo foi na cidade Pacaraima [198 km de distância da capital, Boa Vista] em Roraima! Minha mãe trabalhava como ajudante de limpeza da escola que eu estudava. Não ganhava muito, acho que não passava de 600,00 reais. O meu pai trabalhava com carregamento de madeira, mas era autônomo, ele não recebia muito. Na época ganhava de 800,00 até 1000,00 reais. Meus pais estavam achando pouco, resolveram voltar para Pedreiras no Maranhão! Lá as coisas estavam piores! Minha mãe não conseguiu emprego e meu pai só conseguia empregos que pagava muito barato! Um deles era entregador de gás, nele meu pai ganhava 300,00 reais! A vida no Maranhão é dura, professor! Meu pai ficou sabendo de São Gotardo e em menos de uma semana nós já estava (sic) saindo de lá! Foram dois dias de viagem! São Gotardo é conhecida na região que a gente morava, em Pedreiras. O ônibus que trouxe a gente é de maranhense que ganhou a vida em São Gotardo e faz as viagens com os maranhenses tanto de volta pro Maranhão quanto de ida pra São Gotardo! (José Alfredo, trabalhador rural, 22 anos, 17/05/2014)

No relato acima, pode-se compreender um pouco da realidade migrante destes trabalhadores e sua trajetória para São Gotardo, que acabam se fixando no bairro Boa Esperança. Nas entrevistas, alguns revelaram que sua vinda para a cidade estava ligada a fatores da sua sobrevivência e/ou das suas famílias; outros afirmaram que queriam guardar dinheiro para abrir algum tipo de negócio nas suas cidades de origem. Porém, observa-se que muitos migrantes que vieram para a cidade não desejam ir embora e dela fizeram moradia, sendo que na maioria das vezes voltar para as cidades natais somente é pensado por motivos de lazer (saudade dos familiares que ficaram) ou de doença de algum membro da família ou conhecido. Esse fato insere os migrantes como novos membros da sociedade local da cidade. Torna-se interessante inclusive citar o “estranhamento” dos primeiros contatos com a cidade, destes migrantes. A título de ilustração, vale atentar a fala de um dos entrevistados que revela este momento:

É rapaz, no começo quando eu vim pra cá a gente estranha muito. Pra começar o sotaque dos mineiro (sic) mesmo, diferente demais né? O clima daqui que é frio demais né? Mas eu estranhei mais foi o sotaque mesmo. Teve uns aí que chegava perto de mim, “ave Maria”! Começava a conversar e eu nada. [risos] Mas agora eu não estranho mais não, já acostumei. Ah, tem os morros, esses eu estranhei demais! A gente andar de pé nessa cidade não é fácil não, “zebra”! (Marcelo Silva, trabalhador rural, 26 anos, 14/05/2014)

No outro lado da cidade está o bairro Campestre, este muito se difere do bairro anterior analisado. Habitado em sua maioria pelos colonos que fizeram parte do PADAP, o bairro incita a pensar a amplitude cultural, social e econômica que os nikkeis exercem em São Gotardo. A

pesquisa etnográfica revelou uma grande concentração de casas de médio a grande porte²⁷, rodeadas por enormes muros e com garagens com três a cinco carros (alguns com adesivos dos escritórios agrícolas), em sua maioria, eram aparentemente novos ou mesmo importados (observa-se que os carros são próprios de uma classe média alta ou rica, por concentrar carros como Volkswagen Jetta, Golf, Polo, Honda Civic e Accord e um enorme número de caminhonetes tais como Toyota Hilux, Volkswagen Amarok, Chevrolet S10 e Ford Ranger, esses carros em sua maioria custam na faixa de 30.000 até 150.000 reais).

Algumas das casas possuem quadras de esporte, piscinas e outras propriedades de casas elitizadas. As vias são, em sua maioria, largas e muito bem cuidadas, contando com alta arborização²⁸ e quase nenhum lixo. Outro relevante fator foi a pouca concentração de comércio dentro do bairro, que pode ocorrer em razão do valor que possuem os terrenos ou mesmo porque não há necessidade deste tipo de estabelecimento estar no mesmo bairro, entre outros fatores.

Tal como no bairro Boa Esperança, foi escolhida uma das vias principais do bairro Campestre para analisar os seus moradores. A via escolhida é a rua das Gameleiras, que por ser uma das mais antigas do bairro tornou-se a opção principal. Nela, encontram-se um supermercado (Supermercado Campestre), que possui uma grande movimentação comercial dos moradores do bairro e que por qualquer que seja o motivo (melhores ofertas de preços, distância de suas residências, histórico de atividade no bairro ou variedade de produtos) neste foi averiguado um outro tipo de sociabilidade.

Entende-se como outro tipo de sociabilidade pelo fato de se encontrar movimentação na rua somente nesta parte, em razão do supermercado. É importante ressaltar que o supermercado, além de concentrar toda uma variedade de produtos alimentícios e domésticos, possui também uma ala própria para produtos orientais, que concentra diversos tipos de molhos, macarrões, carnes e todo tipo de produto doméstico oriundo de culturas asiáticas, principalmente da japonesa. Esta ala evidencia não somente a busca de tais produtos pelos moradores do bairro em geral, mas também a presença de elementos da cultura nikkei neste ambiente comercial.

Nas filas de caixa, açougue ou padaria nota-se a presença de nikkeis que tomam este local comercial como um ponto de encontro para a conversa dos mais variados assuntos com os demais frequentadores, sejam eles descendentes ou não. Deve-se, portanto, ressaltar que a

²⁷ Durante a pesquisa observou-se o bairro em toda sua extensão e há pouca expressão de casas que denotam ser de famílias de baixa renda, como tais exemplos: de estar em construção por muito tempo, estarem abandonadas ou por apresentar certa despreocupação da sua estrutura física. De fato, existem este tipo de casa no bairro, mas são poucas e, por isso, não serão abordadas profundamente.

²⁸ A arborização é um aspecto importante do bairro e será tratado de forma mais profunda no decorrer do capítulo.

sociabilidade neste estabelecimento acontece de forma distinta da que é encontrada no bairro Boa Esperança, dado ao movimento próprio deste tipo de comércio, que exige rapidez no atendimento em geral. Entretanto, mesmo com o movimento, o supermercado serve de espaço para a sociabilidade do bairro Campestre de forma geral.

Ao continuar a análise etnográfica do bairro pela rua das Gameleiras, nota-se como é marcada a presença nipônica no bairro, principalmente pelo seu paisagismo nikkei. Observando-se a frente das casas fica evidente a preocupação com os seus jardins e inclusive uma arborização que pressupõe certa continuidade entre as casas. Esta característica da qual participa de grande parte das casas acaba por conferir uma característica do próprio bairro Campestre, sendo que esta presença da natureza nas casas e nas ruas na verdade faz parte da cultura nipônica trazida pelos seus moradores.

Figura 7 - Casa na rua das Gameleiras



Fonte: Arquivo pessoal, 08/07/2014.

É crucial pensar que, no conjunto dos elementos da cultura nipônica, a natureza é um dos mais importantes elementos, seja por sua história ou por aspectos religiosos e míticos aos quais a natureza está ligada. De acordo com Sakurai (2011), essa relação com a natureza remete à época feudal japonesa, quando os jardins eram construídos no intuito de trazer à memória outros espaços da natureza como o mar, as montanhas, etc.

Vale ater à sua fala:

Os senhores feudais e os monges dos tempos mais antigos compreendiam seus jardins como um “pedacinho do paraíso”. Construíam laguinhos para lembrar o mar, com pequenas pontes arqueadas ligando uma margem à outra. Mas adiante, água caindo em cascata entre as pedras de uma colina artificial coberta de arbustos e relva. Muito dessa tradição é valorizada até hoje. Alguns jardins são simplesmente uma combinação de areia e pedra, como o *Ryoanji*, criado em 1450, na cidade de Kyoto, cuja areia é varrida diariamente, formando desenhos ondulados para lembrar as ondas do mar. (SAKURAI, 2011, p. 16)

Esta questão em São Gotardo é bastante relevante porque representa, de certa forma, a presença nikkei na cidade. Um dos entrevistados fez uma observação interessante neste sentido: de acordo com o mesmo, existe inclusive uma árvore da espécie de cerejeira na rua das Gameleiras (situada na frente de uma casa vizinha à sua, de um nipo-descendente também).

A menção desta árvore se dá pela significância que a mesma possui para os nipônicos. No Japão existe toda uma tradição de contemplar as flores, em especial as cerejeiras, nos diversos parques japoneses. O costume ou ritual do *hana mi* (o olhar as flores) é um exemplo desta conjuntura, que se inicia no mês de abril com a chegada da primavera e realmente é um fenômeno muito bonito da natureza, já que no florescer das cerejeiras a paisagem muda o tom de cor para um rosa ou branco que chama atenção dos seus admiradores (SAKURAI, 2011). A presença da cerejeira, ou *Sakura*, como é chamada pelos nikkeis, reflete também que o costume do *hana mi* ainda possui relevância para os nipo-descendentes de São Gotardo.

No que se refere à escolha do bairro como moradia para estes migrantes nikkeis, fica evidente pelas entrevistas que os fatores de preço (baixo na época) e proximidade com o grupo nipônico foram os principais fatores que levaram à escolha do bairro. A sua localidade também ajudou, por não ser muito distante do centro da cidade e, ao mesmo tempo, estar um pouco afastado do mesmo. Um dos entrevistados, filho de um dos primeiros colonos, Paulo Hinamoto, comerciante, afirma que: “Aqui foi a primeira casa do Campestre. Compramos porque era mais barato, afastado [do centro] e tranquilo” (Paulo Hinamoto, empresário, 34 anos, 01/03/2014).

A concentração no bairro Campestre por estes migrantes ou colonos do PADAP se deu também em razão da própria proximidade do grupo étnico. Deve-se lembrar que nos anos do assentamento do programa esses migrantes vieram para São Gotardo apostando no sucesso do mesmo e conheciam poucas pessoas. A localização comum entre esses migrantes na verdade é um reflexo do valor que os nikkeis conferem à vida em grupo (SAKURAI, 2011). De fato, este valor que é bastante particular a este grupo étnico não deixou de ser mobilizado neste primeiro momento da implantação do programa.

Um dos entrevistados que fora colono do programa rural, o senhor Sergio Yamagura, agricultor, afirma inclusive que existiu na época da implantação uma empresa especializada na construção de moradias para os nipo-descendentes, dada a grande demanda por parte destes migrantes. Vale atentar à sua fala:

Na época da implantação do PADAP, surgiu uma empresa que não me lembro o nome, estava somente preocupada com a questão de moradia para os agricultores. Me lembro que ela era do Paraná, mas que contava com vários empregados são-gotardenses. As primeiras casas construídas no Jardim das Flores foram através dela e como consequência o Campestre também. (Sergio Yamamura, empresário, 52 anos, 16/04/2014)

Partindo para o campo social, quando se analisa os encontros dos nikkeis do bairro (além do Supermercado aqui citado), foi observado que sua sociabilidade apresenta práticas sociais específicas da cultura japonesa, sendo que o ambiente que reúne estes migrantes e moradores do bairro é o *Karaoke*²⁹. O *Karaoke* acontece uma vez por mês (no último sábado)³⁰ em um espaço cedido por um dos colonos do PADAP em um dos primeiros depósitos construídos por estes dentro da cidade, no final da rua das Gameleiras.

O *Karaoke* funciona como ponto de encontro dos filhos das primeiras gerações e daqueles que gostam de se divertir cantando. Infelizmente não consegui participar de suas reuniões³¹ para tratar mais profundamente, mas um dos frequentadores assegurou que o *Karaoke* acontece não somente naquele ambiente, mas também em reuniões familiares, de amigos ou algum evento na associação e em outros lugares.

Dentro dos fatos da pesquisa, pode-se então afirmar que o *Karaoke* é um dos fatores principais da sociabilidade do bairro e também da comunidade nikkei de São Gotardo. Por outro lado, é fundamental destacar que a sociabilidade não se restringe somente ao *Karaoke*, mas a diversos espaços frequentados pelos nikkeis, tal como a própria associação, entre outros espaços que possuem tanto relações com o próprio grupo nipo-descendente, nas mais variadas esferas (trabalho, amizade, família etc.) quanto com os não descendentes. Em resumo, esse local, o

²⁹ *Karaoke* que traduzido é “orquestra vazia”, este é constituído por gravações de músicas sem a voz dos cantores originais, destinadas a acompanhar cantores ocasionais (FRÉDÉRIC, 2008). Vários entrevistados afirmam que o *Karaoke* é um dos principais meios de entretenimento no Japão. Um dos entrevistados afirma que não sabe quando foi realizada primeira reunião do *Karaoke*, mas confidencia que desde a sua adolescência o *Karaoke* já era presente na comunidade.

³⁰ A filha de um dos entrevistados afirmou que antigamente o *Karaoke* acontecia todas as semanas e depois passou a ser realizado uma vez por mês, por falta de participantes.

³¹ Foram feitas duas tentativas de adentrar ao grupo que ali se reúne, mas a entrada não foi autorizada pelo fato que o responsável pela venda de entrada para os não sócios estar no momento viajando, o que dificulta a reflexão sobre o evento.

Karaoke, também poderia ser entendido, tal como nas pesquisas de Magnani (2002), como um *Pedaço*, sobretudo um *Pedaço Nikkei* de São Gotardo.

Outro bairro que merece atenção é o Jardim das Flores. Criado após a chegada dos nipo-descendentes, este bairro evidencia também claramente a presença nipônica na cidade. Quando se chega à cidade pela sua entrada principal (pela rodovia MG-235) e se segue por um caminho adjacente (diferente daquele principal, o da Avenida Brasil) pela rua das Camélias, o mesmo visitante que chega pela rodovia logo nota que à sua esquerda há casas bastante chamativas, ruas largas e grandes espaços verdes. Se no bairro Campestre existe uma preocupação com o paisagismo, no Jardim das Flores a presença da natureza é ainda maior. Ali estão presentes grandes casas com jardins ornamentados com um cuidado que clama aquele que os visualiza a chegar mais perto para admirar os minuciosos detalhes presentes em cada um.

Figura 8 - Casa na rua das Camélias



Fonte: Arquivo pessoal, 08/07/2014.

Aqueles que cedem e se aproximam destes jardins percebem que aquele lugar transmite um conjunto de temas que permanecem interligados, tal como o seu cuidado com sua organização, a sua paz (e até sua espiritualidade), a sua história e mesmo a sua filosofia, entre outros diversos temas que emanam destes ambientes que muitas das vezes não necessitam de grandes espaços para evidenciar sua presença.

A ordenação das pedras, das plantas e da própria água, indica mais uma característica nipônica que se torna mais um símbolo de sua presença na cidade. É relevante pensar que o próprio nome do bairro já leva a entender a consideração que se tem com os jardins e a própria beleza da natureza presente tanto nas casas como nas ruas e praças (os espaços públicos). A constante arborização, o cuidado com as praças e a atenção dada à natureza pelos seus moradores a locais públicos (podendo ser inclusive lotes que se transformam em jardins sumptuosos) comprovam a relação entre os seus viventes e seu bairro, o “Jardim das Flores”.

Ao observar os jardins das casas e alguns lotes ou praças, nota-se claramente certa singularidade entre os ambientes. Quando se pergunta a um dos moradores ou mesmo alguém que resida próximo ao bairro sobre a origem ou a responsabilidade daqueles belos feitos, é normal ouvir que “são os moradores daqui” os zeladores. É interessante apontar que todas as ruas do bairro possuem nomes de flores³². Para aquele observador que chegou à cidade e se deteve diante da beleza dos jardins particulares do bairro próximo à MG-235, provavelmente o mesmo vai estar sob a rua das Camélias que liga a Avenida das Rosas, que corta as ruas das Hortências, dos Lírios, das Palmas, da Vitória Regia, entre outras.

Além dos jardins e os demais espaços pulcros do bairro, estão as casas, em suas formas diversas que demonstram também sua importância na constituição do bairro. Descendo a Avenida das Rosas é observável que algumas das casas são tão grandes que aparecem dominar os quarteirões por inteiro. Estas casas, com seus enormes muros ou grades, evidenciam o sucesso econômico dos nikkeis e sua presença no bairro Jardim das Flores e também na cidade.

É importante atentar que o tamanho dos lotes destas casas estão ligados a baixa valorização dos terrenos urbanos da cidade (na época da implantação do programa rural) e que serviram de ponto inicial para a instalação das famílias nikkeis que chegavam e que queriam estabelecer suas residências em um lugar comum dos migrantes, como no bairro Campestre. Entre os entrevistados não descendentes (nascidos em São Gotardo, em sua grande maioria) é comum observar, principalmente entre as gerações mais antigas, o reconhecimento do bairro Jardim das Flores como o bairro dos “japoneses”, tamanha a sua presença no mesmo desde sua criação, como atesta Mario Andrade: “O bairro lá, o Jardim das Flores, nós víamos aquilo lá como o bairro dos japoneses” (Mario Andrade, comerciante e aposentado, 72 anos, 07/09/14).

Atualmente o bairro é produto de uma valorização que se deu ao longo dos anos e hoje é uma das áreas mais caras para se comprar lotes na cidade. Quando se anda pela Avenida das

³² No bairro Campestre a maioria das ruas também possuem nomes de árvores, mas no Jardim das Flores todas as ruas possuem esta característica.

Rosas fica clara a valorização do bairro, principalmente pela presença das grandes casas que são residências tanto de nikkeis como também de não descendentes. Em uma breve passagem sobre a urbanização da cidade, o memorialista e médico José Pessoa retrata o bairro e a significância da agricultura para São Gotardo.

Ao contrário do que dizemos em outro local, sobre a urbanização dos primeiros tempos na cidade, hoje teremos que dizer que ela apresenta um belo conjunto arquitetônico. Residências com fino gosto, algumas são verdadeiros palacetes, desenhadas por arquitetos evoluídos. [...] A cidade vive um clima de um pique econômico em função da excelente comercialização da produção agrícola, embora com variações periódicas, com altas e baixas dos preços. (PESSOA, 2000, p. 131)

O sucesso agrícola dos seus moradores, como aponta o memorialista, é de fato um dos componentes significativos que ajudaram a criar o bairro. Se contemporaneamente o Jardim das Flores é um dos bairros mais valorizados da cidade, isso se deve em grande parte aos nikkeis que ali se instalaram. A valorização do bairro foi tamanha que algumas pessoas acreditam que a criação do bairro adjacente ao Jardim das Flores, o bairro Mansões do Lago, é resultado da expansão deste primeiro. Situado logo ao lado do bairro Jardim das Flores, o Mansões do Lago segue o mesmo estilo do bairro anterior.

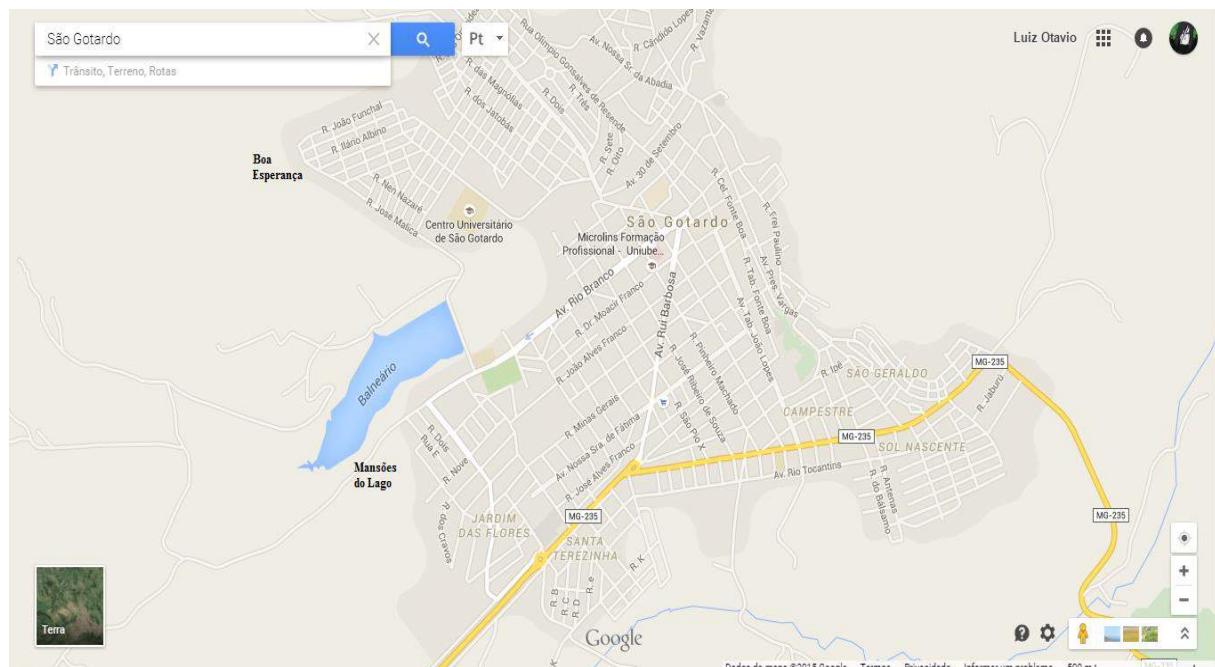
Grandes lotes com suas ruas largas e que mesmo não possuindo a história em sua criação como possui o Jardim das Flores, o Mansões do Lago já possui em sua extensão grandes casas que coadunam do movimento iniciado pelo Jardim das Flores. A Avenida das Rosas perpassa pelo bairro, o cortando em grande parte, e é também responsável por evidenciar a imponência das casas ao longo deste. É observável que ambos os bairros não possuem uma movimentação mais acentuada de pessoas em suas ruas e nos outros espaços públicos, o que induz a qualificar os mesmos com características de bairros elitizados.

Outra análise importante é o nome do bairro. Presume-se que o nome “Mansões do Lago” se refere ao objetivo de criar um bairro notadamente com casas maiores (dada a larga extensão dos lotes) e que estariam próximas ao lago artificial que foi construído logo abaixo dos bairros Mansões e Jardim das Flores, o chamado “Balneário”. Este foi construído anteriormente ao bairro Mansões do Lago e é um dos principais locais públicos da cidade. No final da Avenida das Rosas o observador que iniciou seu passeio pelo Jardim das Flores e passou pelo Mansões do Lago, agora ele se depara com a beleza do Balneário. Este espaço, diferente dos outros espaços públicos dos bairros acima comentados, possui certa movimentação de pessoas.

Construído pela segunda gestão nikkei na cidade, pelo prefeito Paulo Uejo (2004-2008), o Balneário é lembrado pelos moradores como um lugar próprio ao lazer. Nele se encontra uma pista para caminhada em seu entorno, bancos para todo o tipo de encontro ou descanso, um grande estacionamento e, por fim, um conjunto de árvores que dão vida àquele ambiente. Nesse espaço público se encontram pessoas que vão correr, conversar, pescar, nadar, entre outras diversas atividades ligadas ao lazer da comunidade em geral. Nos finais de semana sua orla se torna o ponto de encontro dos mais diversos grupos. Mesmo inacabado o Balneário é um espaço vital da sociabilidade são-gotardense.

De certo modo a sua localização é um ponto de referência da própria cidade. O visitante que o observa vai reparar que o mesmo separa o bairro Boa Esperança (tratado no início do subcapítulo, com características de bairro mais humilde) do bairro Mansões do Lago (com características de bairro elitizado). Não que o Balneário tenha sido construído ali com essa intenção, pelo fato que os dois bairros foram construídos posteriormente ao Balneário, mas fica evidente a diferença entre os bairros. Outras referências que estão próximas do Balneário são o Cemitério e a Casa Velório, que conferem mais importância ainda a esta parte da cidade. Os três locais na verdade estão situados na Avenida Rio Branco, uma das principais avenidas de São Gotardo. O mapa a seguir ajuda a visualização da avenida e da cidade como um todo.

Figura 9 - Mapa de São Gotardo



Fonte: Google Mapas. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-19.3154122,-46.0519524,15z>>. Acesso 02/04/15.

Esta avenida, além de ser uma das vias alternativas que levam a saída da cidade ou sua entrada é também uma importante rota por ligar estes últimos bairros discutidos e também o bairro São Vicente³³ ao Centro de São Gotardo. Ao andar pela mesma é fácil observar o grande número de árvores que a Avenida possui em toda sua extensão, e também existe nella canteiro que caminha no meio desta, dividindo-a em duas vias. No caminho daquele que a visita, nota-se casas que revelam modernas construções em variados tamanhos e, ao mesmo tempo, casarões que remontam ao passado da cidade.

A Avenida Rio Branco possui também outro local bastante importante para a cidade, que é o Hospital Municipal. Localizado quase no começo da avenida para aqueles que vêm do centro, o Hospital Municipal, ou como é chamado pelos moradores, a “Santa Casa³⁴”, possui grande movimentação de pessoas durante todo dia e às vezes também à noite, isto por atender ocorrências de todo o município e também de cidades vizinhas de São Gotardo, tais como Matutina, Rio Paranaíba e Tiros. A movimentação é de pacientes, parentes destes primeiros e funcionários (ou mesmo curiosos por algum acontecimento que sucedeu na região e chegou ao hospital).

Em seu entorno há também empresas que oferecem todo tipo de suporte para aqueles que procuram o Hospital, tais como lanchonetes, laboratórios, entre outras. Ou seja, o Hospital traz para esta parte da avenida um contínuo fluxo de pessoas. Continuando o passeio após passar pelo Hospital Municipal, logo se depara com a Praça Sagrados Corações e a “Igreja Matriz”.

A Praça Sagrados Corações não possui tamanha movimentação como a Praça São Sebastião, mas é também um importante local da cidade. Rodeada por grandes árvores e com muitos bancos em sua constituição, esta praça não costuma passar despercebida por aqueles que não a conhecem. Por não ter tanta movimentação como a Praça São Sebastião, a praça Sagrado Coração é comumente lembrada por sua organização e ornamentação de seus jardins que concentram várias espécies de árvores, flores e outras belezas da natureza que ali se encontram. Outra observação importante deste local é que a praça se torna ponto de referência para a feira que acontece nas manhãs de domingo e nas tardes de quarta-feira entre a praça e a avenida Rio Branco.

³³ O bairro São Vicente é um dos mais antigos da cidade e, por isso, concentra variados tipos de construção, sejam elas de casas, estabelecimentos comerciais, entre outros. O ponto de referência principal do bairro é a Avenida Rio Branco, que consequentemente insere a importância de se observá-la neste estudo.

³⁴ De acordo com os moradores mais antigos, antes de se tornar um hospital público o estabelecimento era regido pela Igreja Católica da cidade, por isso chamado de “Santa Casa”.

Ao longo da semana, fora os dias de acontecer a feira, a praça possui certa movimentação, principalmente por pessoas que estão se dirigindo para a rua Bento Ferreira ou para a outra praça, a São Sebastião. Nos dias de feira a praça se torna um lugar bastante movimentado, principalmente pelos seus frequentadores que aproveitam para fazer suas compras, conversar e levar as crianças nos brinquedos que são montados na praça. Nos domingos a feira se encontra mais cheia, provavelmente em razão do descanso semanal dos seus frequentadores. Em resumo dos produtos que são ofertados na feira estes são na sua grande maioria produtos alimentícios como doces, pastéis, verduras etc.

Ao lado da praça se encontra a Igreja Matriz Católica, ou como é conhecida pelos moradores, a “Matriz”³⁵. Construída no início do século XX (PESSOA, 2000), a Igreja mantém resquícios da sua arquitetura original e foi declarada como patrimônio municipal dada sua importância histórica para a cidade e região. Com sua torre que pode ser vista por grande parte da cidade, a “Matriz” é sinônimo de uma história fundida com o cuidado atual de sua arquitetura. No corpo da torre se encontra o relógio que funciona normalmente e também uma grande cruz que confere o aspecto original deste tipo de construção religiosa.

Em datas comemorativas da igreja é comum ouvir o badalar do sino que se encontra em seu interior e que mesmo não sendo visto é ouvido por toda a região central. No corpo da igreja, o visitante observa os belos vitrais ali reluzentes que datam em sua maioria também do início do século com retratações sacras que seduzem o visitante por suas cores e seu aspecto minucioso. Saindo da igreja, o visitante observa que em um caminho contrário ao centro da cidade (à esquerda daquele que está na entrada principal da igreja) está uma larga via que leva a outros bairros da cidade. Esta rua é a Randolfo São Prados que, além de ligar os bairros em sua extensão ao centro, ainda concentra a Rodoviária da cidade, que se torna o ponto inicial para aqueles que chegam na São Gotardo.

Esta via é uma das principais ruas da cidade, por ser responsável pelo trânsito da grande maioria dos trabalhadores que se encontram nos bairros periféricos no setor norte e oeste de São Gotardo. Bairros como o Boa Esperança, Tancredo Neves e Boa Vista (bairros com características mais próximas do bairro Boa Esperança) desembocam suas avenidas ou ruas diretamente na Rua Randolfo São Prados. Observa-se inclusive que no horário de saída ou chegada dos trabalhadores para e da zona rural (a partir das 05:00 da manhã ou as 16:00 da

³⁵ A igreja “Matriz” se tornou ponto de referência dada à sua história e posição central que facilitam o entendimento para a localização de algum endereço próximo a mesma.

tarde) a rua fica quase que completamente marcada pela presença dos ônibus que são encarregados de levar e trazer estes trabalhadores rurais.

É importante destacar que nesse horário a “atmosfera rural” da cidade se torna bastante evidente, quer seja pelos diversos pontos de chegada/saída³⁶ dos trabalhadores rurais e suas vestimentas (que cobrem grande parte do corpo para se proteger do sol e das demais intempéries do campo) ou mesmo pelos ônibus que normalmente exibem em suas partes externas os emblemas e siglas dos respectivos escritórios agrícolas da cidade.

Ao acompanhar os ônibus responsáveis pelo transporte dos trabalhadores rurais em suas rotas diárias, atenta-se que a grande maioria destes, possuem pontos de embarque e desembarque em ruas ou avenidas nos próprios bairros que concentram a maioria dos trabalhadores ou em vias próximas que ligam a estes bairros, tal como a Rua Randolfo São Prados. Em contrapartida, deve-se ressaltar que nos bairros mais elitizados quase não se vê estes tipos de pontos de embarque.

Outra via que merece destaque é a Avenida Presidente Vargas, que de certo modo suscita algumas reflexões sobre os pontos de embarque e desembarque de trabalhadores rurais na cidade, pois é uma das avenidas mais antigas da cidade e atualmente concentra também um grande número destes pontos. Para aquele primeiro caminho feito pelo visitante que chega à cidade (percorrendo a Avenida Brasil até a Rua Bento Ferreira dos Santos) encontrando a Praça São Sebastião no centro da cidade a Avenida Presidente Vargas está à sua direita. Por cortar grande parte da cidade (tal como a Avenida Rui Barbosa), esta avenida é bastante chamativa, não somente por sua extensão, mas também por possuir diversos pontos que bem cedo ou no fim da tarde (em alguns casos até a noite) se tornam em movimentados espaços de trabalhadores rurais.

O visitante que sai da Praça São Sebastião e caminha pela Avenida por volta das 17:00 logo notará os pontos com diversos ônibus com suas logomarcas das empresas agrícolas desembarcando inúmeros trabalhadores rurais. Esta avenida é responsável ainda por servir de acesso a outra avenida (Prefeito Erotides Batista) que leva a saída da cidade. Antes do encontro destas avenidas observa-se que à direita (daqueles que estão indo em direção a Avenida Prefeito

³⁶ Identificar este tipo de ponto é um pouco complexo para quem não é da cidade, por não haver estrutura ou sinalização nenhuma que os indique. Na verdade, os pontos possuem uma variedade identificações, como um determinado poste de iluminação ou uma panificadora. Ser um morador da cidade auxilia e muito neste sentido.

Erotides Batista) se encontra o bairro Campestre e à esquerda o bairro São Geraldo³⁷ ou como é chamado pelos moradores, a “Capelinha”.

O bairro São Geraldo possui características próximas ao bairro Boa Esperança (em termos de população e estrutura) e revela os contrastes da economia em São Gotardo. Do lado direito nota-se o bairro Campestre com suas imponentes residências, suas ruas largas e a presente arborização em quase todas as ruas do bairro. Do lado esquerdo, encontra-se o bairro São Geraldo, com ruelas que se adentram ao longo do bairro sem muito planejamento ou cuidado (faltando calçadas, sinalização e com um grande número de buracos nas vias), juntamente com casas humildes e alguns pequenos comércios (bares, salões de beleza, oficinas mecânicas, entre outros).

Estes dois “universos” que estão presentes na Avenida Presidente Vargas evidenciam que em um mesmo espaço nota-se a pobreza e a riqueza que está presente na cidade. O grande desenvolvimento ocorrido nos últimos 40 anos evidencia que São Gotardo, tal como qualquer outra cidade, vai continuar presenciando estes tipos de “contrastos sociais”, mesmo que sua em história existam exemplos de grandes avanços, como foi visto o pela implantação do PADAP. Por outro lado, é necessário ressaltar também que esta parte da Avenida possui ainda mais a “atmosfera rural”. A presença dos nipo-descendentes e, ao mesmo tempo, dos trabalhadores rurais evidenciam este aspecto que se tornou uma característica de São Gotardo.

De certo modo, este estudo etnográfico por algumas das partes da cidade procurou demonstrar a mesma e esta atmosfera, que é um produto da sua própria história. Os moradores da cidade já acostumados com o seu movimento rural muitas vezes não percebem esta característica que está tão presente na cidade. Para entender esta atmosfera e sua amplitude, torna-se vital ater ao universo agrícola da cidade, que após a implantação do PADAP acabou por modificar substancialmente os demais aspectos de São Gotardo, tal como a cultura, a política, a economia, entre outros.

³⁷ O grande número de pontos de embarque e desembarque presente principalmente nesta altura da avenida é em razão da sua proximidade com o bairro São Geraldo, que possui, como outros bairros mais humildes da cidade um significante número de trabalhadores rurais.

2 OS ELEMENTOS DA CULTURA NIPÔNICA SÃO-GOTARDENSE

2.1 A Agricultura e sua influência

Se existe toda uma “atmosfera rural” em São Gotardo, é sem dúvida em virtude do seu universo agrícola. Diariamente, milhares de trabalhadores saem bem cedo para as áreas rurais dos escritórios agrícolas e somente voltam no entardecer, e alguns, inclusive, somente à noite. Durante esse período, os trabalhadores são divididos para trabalhar nas diversas culturas que levou São Gotardo a ser conhecida nacional e internacionalmente por sua grande produção agrícola (SASAKI, 2008; SANTOS, 2010; KEHDY & SILVA, 2010).

Em São Gotardo, quando se pensa na agricultura, consequentemente pensa-se nos nipo-descendentes. Isso acontece devido ao sucesso econômico deste grupo após a implantação do PADAP nos anos 1970. Há de se atentar que a atenção à agricultura por este grupo não se deu somente pelo programa rural em si; existe um histórico que liga estes nipo-brasileiros (e os demais grupos nipo-descendentes) ao universo agrícola.

Como foi dito no capítulo anterior, a maioria dos membros desse grupo já detinham terras em seus estados de origem, além de conhecimento técnico agrícola. Os estudos de Sasaki (2008) e de Santos (2010) realçam que este migrante já possuía um perfil qualificado (alguns destes possuíam cursos, inclusive, fora do Brasil).

É necessário entender que a migração japonesa para o Brasil é um fenômeno social e histórico, e suas primeiras levas datam de 1908. Autores como Sakurai (2008), Hiroshi Saito (1980) e Ruth Cardoso (2011) afirmam que um dos motivos da mobilidade encontrada neste grupo nikkei se dá em razão do seu sonho de se tornarem produtores rurais, fazendo com que os mesmos migrem para inúmeras regiões do país onde a realização deste feitio se torna mais concreta.

Sakurai destaca que “quando os Constituintes de 1934 acusavam os japoneses de terem ‘fome de terra’ eles não estavam errados. A possibilidade de explorar grandes extensões de terra é algo que está milenarmente no horizonte dos sonhos japoneses” (SAKURAI, 2008, p. 216).

Deve-se pensar, também, que primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil em 1908 vieram no intuito de se ascender socialmente trabalhando nas lavouras de café. Na época, essa foi a principal propaganda usada pelos agentes governamentais do Brasil e do Japão para conseguir este tipo de trabalhador. Sabe-se, pela história, que no início do século XX existia um forte pensamento que defendia a imigração internacional como o melhor modelo

para se conseguir mão de obra qualificada para a agricultura cafeeira (principal cultura e produto de exportação da época), principalmente pela elite cafeicultora paulista.

Resumidamente, as propagandas evidenciavam o Brasil como um país de enormes proporções territoriais e muito rico, onde os trabalhadores poderiam trabalhar ali algum tempo, se tornar produtores rurais e fazer suas riquezas. Ainda, se assim desejassem, eles poderiam voltar com uma soma de capital que seria usado no que o migrante desejasse (SAKURAI, 2008; HANADA, 1987; CARDOSO; 1995; LESSER, 2001).

Pela história dos imigrantes japoneses, a realidade foi muito mais dura e que o sonho de se enriquecer e voltar pro Japão, na verdade, foi alcançado por uma minoria, dado as diversas dificuldades encontradas nas fazendas, principalmente em São Paulo. Mas a realização de se tornarem produtores rurais foi realmente alcançada por muitos desses nikkeis já na primeira metade do século e se configurou como um conceito a ser seguido pelas gerações posteriores destes nipônicos³⁸.

Um dos participantes do PADAP em São Gotardo destaca:

Meu pai Leizo Hossaka, morava em Nigata-Ken (Japão). Em 1937, teve a felicidade de conhecer o Brasil e foi amor “à primeira vista”. Apaixonou-se pelas belezas naturais, pela terra fértil, pelo clima tropical e, sobretudo, pela alegria contagiante do povo brasileiro. Em 1974, comprou quatro lotes na área do PADAP, com os quais presenteou os filhos Carlos, Hidekiti, Shunroku Hirakawa e Paulo Hossaka. Diante disso, vendi a minha fazenda em Uraí (Paraná) para investir na região do Alto Paranaíba. No princípio, tudo me pareceu muito difícil, principalmente em relação às finanças e a burocracia do país. Depois do solo devidamente corrigido, plantamos 2500 covas de café. A primeira produção não foi tão boa, entretanto, não tirou o nosso ânimo nem a certeza de que venceríamos com garra e muita fé em Deus. Daí pra frente, investimos também na produção de trigo, soja e milho. (Depoimento de Carlos Hossaka retirado de SASAKI, 2008, p. 203)

O que se pode afirmar é que o sonho de se tornar produtor rural já era existente na cultura de origem. Cardoso, em seus estudos sobre a cultura japonesa, afirma:

O japonês ama a terra e veio do Japão com o propósito de dedicar-se a agricultura. A valorização dos trabalhos rurais no Japão era grande, e até hoje esses imigrantes são profundamente apegados à lavoura e dispostos a grandes sacrifícios para se tornarem proprietários rurais. [...] Em sua maioria, os imigrantes japoneses provieram de famílias de lavradores cujos recursos eram limitados pela exiguidade da propriedade ou pelos altos tributos pagos pelo arrendamento de terras. Procuravam, no Brasil, a libertação dessas taxas e a oportunidade de adquirir terras, tantas quantas seu trabalho permitisse comprar. (CARDOSO, 2011, p. 82)

³⁸ De acordo com Saito (*apud* CARDOSO, 2004) em 1938 existiam 56,4% de imigrantes japoneses que eram proprietários de terras e os 43,6% restantes estavam distribuídos entre arrendatários, meeiros entre outros. Em 1952, esses primeiros aumentam ainda mais, estando na cifra de 71% e apenas 29% dos segundos.

A antropóloga enfatiza o apego e a valorização dessa população em relação à terra³⁹. Na trilha lançada por Cardoso (2011), essa análise antropológica não pode abrir de mão de destacar que, além de motivação econômica, havia uma motivação cultural e o amor pelo cultivo de produtos agrícolas que impulsionava os japoneses na busca de novas terras.

Pode-se afirmar que os seus descendentes continuaram com este sonho dos antepassados e que a cidade de São Gotardo-MG transformou-se em um local para a realização desse sonho. Assim, em 1974, chegaram 114 nipo-descendentes para a execução do PADAP. Acreditaram nas possibilidades de ascensão do programa, com vistas a se tornarem produtores rurais no Alto Paranaíba (SASAKI, 2008).

Em geral, o perfil dos primeiros colonos era predominantemente masculino, homens na maioria solteiros, na faixa dos 18 até os 36 anos, provenientes dos estados do Paraná, São Paulo e alguns vindos diretamente do Japão. A predominância masculina é algo comum em outros fluxos migratórios, motivados por busca de trabalho (CLEMENTE, 2009, 2012). Os estudos migratórios de Eunice Durham, dos anos de 1960, sobre populações rurais no Brasil, já realçava essa tendência dos homens solteiros migrarem (DURHAM, 2004).

Nos relatos coletados durante a pesquisa dessa dissertação, foi comum ouvir expressões como “vim sozinho”, “veio eu e meu irmão”, ou também “vim primeiro, depois meus irmãos, minha esposa e meus pais”, ou seja, migraram sozinhos, mas com o apoio dos familiares que ficavam em suas terras natais. Uma vez que tivessem êxito era comum outros membros da família aderirem ao projeto de migração.

2.1.1 As dificuldades e a tensão em um primeiro momento

Torna-se fundamental pensar nas dificuldades que estavam presentes durante a implantação do programa rural. O memorialista Sasaki (2008) lembra-se deste momento da história local, com base na memória deste grupo nipo-brasileiro. Assim relata: “No primeiro ano, tudo foi muito difícil. Tantas vezes, eu tive vontade de desistir. O financiamento demorava a sair, não tínhamos mecânico, não tínhamos tratorista. A minha vontade de vencer transformando o Cerrado em terras férteis, falou mais alto, e aqui estou” (SASAKI, 2008, p. 199).

³⁹ No próximo subcapítulo serão tratadas de forma mais profunda as questões agrícola, cooperativista e da mobilidade dos migrantes nikkeis.

Foram realizadas entrevistas com os pioneiros do PADAP com vistas a compreender aquele momento de implantação. Um dos entrevistados dessa dissertação, o senhor Ukio Tanaka, contribuiu para se pensar sobre a fase inicial da chegada dos migrantes nikkeis.

Aqui era uma pobreza terrível! Em 1974 a cidade não tinha nada! Energia elétrica era bem fraca, mas tinha! Telefone que era triste! Para você ligar para qualquer lugar, você tinha que ir para Araxá! Aí você pensa a situação que todos estavam! E nisso porque os japoneses decidiram morar aqui, que de todas as cidades, São Gotardo, era a menos pior! (Ukio Tanaka, ex-colono, aposentado, 70 anos, 01/03/14)

Em entrevista com outro colono, também pioneiro, o senhor Akira Nobunaga, também relata esta circunstância que eles encontravam em São Gotardo.

Medo eu não tinha [do fracasso do programa]! Mas certeza também não [do sucesso do programa]! Sem dúvida que aqui a pobreza era tamanha! Até os agrônomos da CAC [Cooperativa Agrícola de Cotia] falavam, “coitado do pessoal que entrou lá, endividando assim, eles estão tudo perdido (sic)!” São Gotardo não tinha nada! Pra você ter uma ideia, quando chegamos aqui, contava-se o número de carros que tinha na cidade! As casas tinham garagem, mas só pra ter mesmo, tipo varanda! Somente as avenidas principais que tinham calçamento! E era só pedra! (Akira Nobunaga, ex-colono, agricultor, 67 anos, 24/04/14)

Se na cidade os migrantes nikkeis estavam encontrando diversas dificuldades, quem decidiu ficar nas áreas rurais de São Gotardo passava por situações muito piores. O terceiro entrevistado, o senhor Ren Katsuo, expõe que nem mesmo água e energia elétrica possuía quando chegou como colono do PADAP.

Quando eu vim, em 1975, eu morei sem energia, sem água encanada, sem nada! Um ano desse jeito! Nesse primeiro ano a gente buscava água de trator num tanque, na fazenda de um vizinho! A cidade então, quase não tinha movimento! Comercio era fraco! Tinha poucos empregos! A situação era bem precária. (Ren Katsuo, ex-colono, agricultor, 61 anos, 03/09/14)

Através das falas dos entrevistados, constatam-se as dificuldades encontradas pelos mesmos ao chegar à cidade. Se por um lado os colonos do programa rural enfrentavam diversas dificuldades neste início da implantação, em outro plano, estavam também os moradores locais (não descendentes de japoneses) que viviam todo aquele processo com bastante incerteza sobre o futuro da cidade. Mario Andrade, que na época da implantação possuía já seus 32 anos e era comerciante, relembra deste momento da história são-gotardense.

Assim como hoje se comenta, que se plantar eucalipto seca a terra, naquela época comentava-se que eles [os descendentes de japoneses] vinham, trabalhavam aí dez anos, acabavam com a terra e iam embora. O José Luiz Borges (prefeito durante a fase inicial do PADAP) na época, passou por muitos problemas [devido à desapropriação que foi exigida a todas as pessoas que estivessem na área da implantação do programa rural pela Ditadura Militar]! O maior desapropriado era o “Lucianinho”, vulgo “Totoca”, com o maior número de terras e que por muito tempo, tocou demanda contra o programa. (Mario Andrade, comerciante e aposentado, 72 anos, 07/09/14)

Outro entrevistado, o senhor José Antônio, atenta sobre este episódio, principalmente por ser um dos desapropriados. Vale citar este momento, para tentar entender como estava o pensamento daqueles que estavam sendo desapropriados.

Se um homem poderoso como esse (Senhor Antônio Luciano Pereira Filho) foi desapropriado, a gente que não tinha nada, bem dizer, ficou preocupado. Essa fazenda minha foi consequência de 20 anos de trabalho! Trabalhei demais, “nossa Senhora”! (José Antônio, aposentado, 86 anos, 18/09/14)

Vale destacar que o senhor Antônio Luciano Pereira Filho⁴⁰ citado pelos entrevistados era um grande proprietário de terras na época da implantação do programa em São Gotardo e foi o maior desapropriado pelo PADAP. Mas é necessário entender que este grande proprietário rural possuía propriedades em outras regiões, diferindo dos demais desapropriados pelo fato que os outros eram pequenos e médios produtores que estavam concentrados na região que fora desapropriada (SANTOS, 2010).

Nos estudos sobre a migração japonesa em Minas Gerais, Mitiko Kehdy e Delso da Silva (2010) problematizam esta situação do PADAP e atentam, inclusive, que este momento se tornou destaque na mídia japonesa e, consequentemente, nos jornais nikkeis no Brasil. O que se pode concluir que aquele foi um momento significativo para a história são-gotardense.

Segundo os pesquisadores:

Na fase da implantação do PADAP, os responsáveis e os participantes nikkeis enfrentaram vários problemas. A começar pelo fato de que a desapropriação das terras provocou reações hostis dos proprietários locais, principalmente de Antônio Luciano Pereira Filho, que no passado sonhara até mesmo em construir a capital federal no Alto Paranaíba. [...] Tal situação criava um clima de medo e insegurança, enquanto que a revolta dos desapropriados era notícia nos grandes jornais japoneses e editados em São Paulo e no Paraná. (KEHDY; SILVA, 2010, p. 199)

A rapidez dos cartórios das cidades envolvidas no programa (Cartórios de São Gotardo, Rio Paranaíba e Campos Altos) para a desapropriação já era, em si, um fator importantíssimo que evidenciava os interesses da Ditadura Militar na região:

Do ponto de vista histórico, sabe-se bem que os tempos eram de ditadura. Não se conversava muito: as ordens vinham de cima e tinham de ser executadas. O ministro queria um levantamento de região em dois dias, e a desapropriação seria feita em três dias. O secretário (da agricultura do estado de Minas Gerais) Alyssom Paolinelli ligou, veio o Fantini (diretor) da Ruralminas, todos se mobilizaram. (SASAKI, 2008, 53)

⁴⁰ Segundo Santos (2010) este era um dos maiores latifundiários da região, contando com mais de 200 km² e pertencia ao senhor Antônio Luciano Pereira Filho.

A ditadura é um fato significativo para entender os dois lados. O senhor José Antônio relata ainda um importante episódio da implantação, a sabotagem do maquinário agrícola da Ruralminas e suas consequências para a cidade.

Desmatava demais! A Ruralminas trouxe uns tratores e você sabe como é empregado público, né? Olha muito é horário e não serviço. Aí começou a desmatar, mas cumprindo horário. Durante o descanso deles, veio um “caprichoso” [pessoa que sabotou] e colocou meio quilo de açúcar nas máquinas! Aí logo de manhã, quando foram ligar as máquinas, travou tudo que não ligava nada! Aí veio um mundo de polícia pra cá, lá de Bom Despacho que era uns duzentos policiais aqui! Esse Cerradão era só polícia! (José Antônio, aposentado, 86 anos, 18/09/14)

É importante relembrar que este momento corresponde ao período violento do Ato Institucional 5, sendo que a promulgação do ato significou a imposição de toda autoridade e vigilância da Ditadura Militar.

Boris Fausto afirma:

O AI-5 foi um instrumento de uma revolução dentro da revolução ou, se quiserem, de uma contra-revolução dentro da contra-revolução. Ao contrário dos atos anteriores, não tinha prazo de vigência e não era, pois, uma medida excepcional transitória. Ele durou até o início de 1979. O presidente da república voltou a ter poderes para fechar provisoriamente o Congresso. Podia além disso intervir nos estados e municípios, nomeando intervenentes. Restabelecia os poderes presidenciais para cassar mandatos e suspender direitos políticos, assim como para demitir ou aposentar servidores públicos. Desde o AI-2, tribunais militares vinham julgando civis acusados da prática de crimes contra a segurança nacional. Pelo AI-5 ficou suspensa a garantia do *habeas corpus* aos acusados desses crimes e das infrações contra a ordem econômica e social e a economia popular. (FAUSTO, 1995, p. 256)

Para Fausto, o governo de Médici (1969-1973) foi um dos governos mais repressivos de toda a história brasileira. No caso de São Gotardo, observou-se naquele momento que ainda estava presente o “espectro” da tirania governamental no que se refere à contradição de qualquer plano da Ditadura. O grande número de policiais, como foi confidenciado pelo entrevistado, que foi trazido para o desenrolar do programa rural, evidencia o controle autoritário que almejava o Governo Militar e que poderia, a qualquer momento, iniciar seus procedimentos àqueles contrários ao plano federal.

Este período da história brasileira é também lembrado pelo “milagre econômico” vivido no país, principalmente no início da década de 1970. A nação brasileira presenciou um florescimento econômico que ficou marcado na história do país, entretanto, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, que chegou ao patamar de 13% em 1973, não indicava

uma distribuição de renda igual para todos os brasileiros. O país se abriu ao capital estrangeiro, mas ao mesmo tempo não procurou amenizar os altos índices de pobreza em que vivia a nação.

Ou seja, o governo militar privilegiou a abertura econômica ao capital industrial e abandonou as medidas necessárias para a redução da pobreza no país. São Gotardo era o reflexo desta indiferença governamental e que, durante a implantação do PADAP, mostrou seus interesses na região, sobretudo na cidade, explicitando, inclusive, a possibilidade do uso da “força” caso seus interesses fossem prejudicados.

Ainda sobre as tensões, um dos entrevistados revela que a adesão dos não descendentes, ou nativos no programa rural foi bastante tênue, comparado aos nikkeis. Mario Andrade relembra este momento com o seu relato.

Um comerciante que tínhamos aqui, chamado Aldenor Antunes, teve dificuldades em se tornar produtor agrícola [pelo programa]. Ele acreditou no PADAP, mas não teve a mesma facilidade que os colonos nissei tinham. Ele teve que se tornar cooperado da Cotia, para conseguir os financiamentos. Eu não me lembro de nenhum outro nativo que conseguiu tanto quanto. Eles tiveram grandes resultados [com a participação dele]. Ele se tornou cooperado com grandes dificuldades. Não tinha cooperado nativo, eles [direção da Cooperativa de Cotia] pensavam que o nativo não tinham “espírito cooperativista”. Inclusive não me lembro quem e como, mas teve nativos que foram eliminados [do PADAP]. (Mario Andrade, comerciante e aposentado, 72 anos, 07/09/14)

Ao pensar nas dificuldades em que viviam as pessoas antes do PADAP, e como o mesmo foi sendo instalado, este momento torna-se, de fato, um episódio radical da história da cidade. O que antes era uma São Gotardo quase esquecida pelo poder estatal, a partir de 1973, torna-se um dos ícones do novo parâmetro agrícola-industrial do interesse federal.

O aeroporto também tinha sido construído [juntamente com a criação da rodovia MG-235 no final de 1974] nessa época. Só que ele não era autorizado, porque passava uma alta tensão no fundo lá, e o aeroporto só foi homologado só um dia quando o presidente Geisel esteve aqui no PADAP, aí homologaram por um dia só, porque o presidente não podia descer num aeroporto clandestino. [risos] Tem uma história esquisita que conta que tinha um avião búfalo da força aérea era o único que podia descer, porque outro avião maior, mais confortável não podia descer [dadas as condições do aeroporto]. Diz que o presidente Geisel não gostava desse avião, era muito barulhento, era um avião muito “espartano”, aí montaram um assento especial e trouxe ele. [risos] (Ukio Tanaka, aposentado, 70 anos, 01/03/2014)

As dificuldades que estavam presentes neste primeiro momento do programa rural serviram para evidenciar a cooperação entre os nikkeis na cidade (SASAKI, 2008). A assistência no campo, diante também dos diversos obstáculos (demora para liberação de crédito pelas agências financeiras; pouca mão de obra qualificada; baixo preço das culturas plantadas,

dentre outros) foi o marco inicial para o associativismo que ali seria mobilizado e que ultrapassou os limites do trabalho e realçou suas dimensões culturais.

2.2 A cultura nikkei para os nikkeis

A implantação do PADAP não se reduziu unicamente a um programa somente no universo econômico, mas um espaço de infinitas “experiências” sociais. De um lado a população nativa de São Gotardo, na grande maioria uma população pobre, esquecida pelo poder estatal. E de outro lado uma centena de migrantes nipônicos com algum capital econômico e um enorme capital cultural, constituído há milênios pelos seus antepassados, o que de certa forma serviu como um grande auxílio junto às habilidades e estratégias para solucionar aquelas diversas dificuldades presentes em São Gotardo na década de 1970. O caminho seguido pelos nipo-descendentes para a superação das dificuldades resultou em um “fechamento cultural”, sendo que se resume em uma vivência somente entre os próprios nipônicos.

Este conceito foi então materializado na organização da Associação Beneficente e Cultural de São Gotardo - ABCESG. Susumu Miyao (2002), Shozo Motoyama (2010) e Victor Kebbe (2010) constatam, em suas pesquisas, que esse é um fato comum, no que se refere ao desenvolvimento das comunidades nipo-brasileiras. Motoyama (2010) identifica esses caminhos que as colônias tomam como um tipo de “cultura original de colônia” sob a qual tenta-se remontar as tradições trazidas pelos primeiros imigrantes, sobretudo através do cooperativismo.

Ou seja, após chegarem a São Gotardo, os migrantes nipônicos instalaram a Colônia com características culturais voltadas para os nipo-brasileiros, como confirmam alguns entrevistados. Essas características, na sua maioria, remontam eixos tradicionais da cultura nipo-brasileira (trazida pelos primeiros imigrantes japoneses). Sendo assim, foram mobilizados aspectos culturais que estariam voltados aos ensinamentos dos pais, avós e os demais ancestrais destes migrantes.

De acordo, com o memorialista Sasaki (2008), os encontros entre os nipônicos no início da implantação do programa rural aconteciam no local conhecido pelos nativos de São Gotardo como a “Fazendinha dos Padres⁴¹”. O autor afirma que, ao final das tardes, os nikkeis se

⁴¹ Salão de médio porte localizado em uma área periférica da cidade, construído pela Igreja Católica da cidade e mantida ainda por esta instituição. Na época da implantação, a sua localização era considerada como meio rural,

reuniam naquele espaço com o intuito de integrar a colônia que havia sido formada em São Gotardo. Deste modo, cabe afirmar que o conjunto de práticas culturais que foram descritas aqui aconteciam inicialmente neste espaço. Uma prova que confirma a realização destas práticas naquele local é a própria fundação da “Escola de japonês” em 1976⁴², que ocorreu ali.

Figura 10 - Inauguração da “Escola de Japonês”



Fonte: Sasaki, 2008, p. 151.

Depois de algum tempo, os colonos compraram uma área próxima⁴³ a esta “Fazendinha” para a construção de uma sede social, mas que não aconteceu em razão da topografia bastante irregular, que dificultaria a construção da sede. Este local serve para fazer algumas reflexões importantes sobre a cultura ali praticada. De acordo com o memorialista, a fundação da escola tinha o papel significativo de manter as tradições que estavam sendo praticadas ali pelas gerações mais novas (SASAKI, 2008).

Este intuito de manter as tradições é uma das características principais do conceito de cultura original de colônia. Kebbe (2010) auxilia pensar nesta questão. Atuante em pesquisas que envolvem as associações nikkeis do interior de São Paulo, o autor identifica este tipo de característica em algumas de suas associações estudadas, no que ele define de associações voltadas para “dentro”.

Para explicar as características culturais das associações pesquisadas, Kebbe (2010) divide estas organizações em três perfis ou três tipos. Imaginadas a partir de um eixo retilíneo,

dada a sua longitude do centro da cidade. Atualmente este salão se encontra entre os bairros Boa Esperança e Tancredo Neves, próximo a faculdade da cidade.

⁴² Na obra de Sasaki (2008) não possui a data exata da inauguração, contendo somente o ano, mas de acordo com alguns entrevistados, a Escola de Japonês foi inaugurada na “Fazendinha” e depois realocada para a atual ABCESG.

⁴³ No livro não trata em detalhes desta área, mas simplesmente afirma que a mesma era próxima à “Fazendinha”.

em uma extremidade estariam aquelas voltadas para “dentro”, e na outra extremidade estariam as associações voltadas para “fora”. O terceiro tipo ou perfil de associação seria o “meio” que concentraria características das duas extremidades.

Kebbe (2010) identifica que:

- 1) teríamos em uma extremidade aquele que é voltado para “dentro”, ou seja, para a manutenção estrita da “cultura japonesa” e das tradições trazidas pelos pais e avós, tendo sua estrutura interna hierarquicamente disposta dos mais velhos aos mais novos na diretoria (excluindo as mulheres), pensando na comunidade nikkei atendida como um local de sociabilidade, além de possuir baixa adesão de membros não-descendentes em seus quadros associativos e cargos decisórios e,
- 2) na outra extremidade, aquele *kaikan* (associação) que é voltado para “fora”, ou seja, enquanto difusor de “cultura japonesa”, adotando a “cultura japonesa” contemporânea como ponte de partida, tendo sua estrutura interna hierarquicamente disposta dos mais novos para os mais velhos na diretoria, (incluindo mulheres), pensando na comunidade nikkei atendida como um local de sociabilidade e possuir uma ampla adesão de membros não descendentes em seus quadros associativos e cargos decisórios. (KEBBE, 2010, p.127)

Nos relatos obtidos durante a pesquisa, constatou-se que no início da ABCESG as experiências sociais dos nikkeis eram principalmente cultivadas “entre nikkeis”, ou como é definido por Kebbe (2010) uma colônia voltada para “dentro”. Esse tipo de comportamento se manteve por vários anos na cidade.

De certa forma este comportamento na colônia são-gotardense é também responsável por criar uma rede de ajuda mútua entre os próprios nipo-descendentes. A prática do “envelope”, contendo dinheiro para os momentos de doença e morte, revela um dos conceitos que fazem parte do cooperativismo nikkei em São Gotardo que foi mobilizado neste primeiro momento e que é praticado até hoje. Um dos entrevistados alega: “O momento por si, já é bastante difícil, mas com o auxílio de todos, a superação é mais fácil de ser alcançada, por isso é tão importante a tradição do envelope!” (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14).

Esta prática é observável principalmente nos velórios de nikkeis, quando algum membro das diversas famílias nipônicas da cidade, entrega para a esposa, filha ou mãe daquele faleceu um envelope branco, sendo que em seguida é agradecido pelo enlutado, com um aperto de mão e abaixando levemente a cabeça ou mesmo dando um abraço. Este tipo de prática serve de exemplo para evidenciar o cooperativismo que foi mobilizado pelos nipo-descendentes e que se configurou como um importante elemento cultural de São Gotardo.

2.2.1 O cooperativismo em São Gotardo, um reflexo da cultura nipo-brasileira

O associativismo é uma prática social importante na cultura nipo-brasileira são-gotardense. Anteriormente se observou que esta prática foi mobilizada para auxiliar nas diversas dificuldades encontradas pelos primeiros colonos nikkeis na cidade, mas deve-se ressaltar que o cooperativismo possui um significado cultural muito mais amplo que somente a diminuição destas dificuldades. Para se entender o cooperativismo nikkei são-gotardense, torna-se relevante refazer o histórico desta característica na cultura japonesa.

Inicialmente, é importante observar que o individualismo é um valor recente na cultura japonesa. Ao contrário do cooperativismo, deve-se entender que o individualismo foi um valor imposto ao Japão, notadamente após a modernização nacional Meiji⁴⁴. Este valor, sobretudo ocidental, foi um dos mais difíceis de ser assimilado pelos japoneses por não fazer parte de sua natureza cultural. “Nem a ocupação, nem as propriedades, nem a casa, nem as tradições ou os ancestrais pertencem ao indivíduo, mas sim à família como um todo” (DORÉ *apud* CARDOSO, 1995, p. 103).

A vida social dos japoneses, antes desta modernização, estava ligada intimamente a valores tais como família e comunidade, colocando o indivíduo em última instância a ser pensada (SAKURAI, 2011). Todavia, não cabe afirmar que não existia o individualismo na sociedade japonesa antes da modernização Meiji, mas que esse valor não era comungado como um conceito expressivo dentro daquela sociedade.

Sakurai (2008), em seus estudos sobre a história japonesa, afirma que no período que engloba a implantação da modernização do país, através da reforma Meiji até a Segunda Guerra Mundial, houve o esforço para abafar as tentativas de introdução do individualismo ocidental, ressaltando a necessidade dos indivíduos nos seus respectivos grupos com valores e deveres a serem cumpridos pela sua importância.

Nesse momento da história japonesa, o Imperador situava-se como eixo central de um sistema em torno do qual circulavam todos os outros âmbitos. Divididos em diversos grupos (associações de vizinhança, do grupo escolar, do grupo profissional, entre outras mais), mantinha, assim, um ciclo de deveres e obrigações com respaldo moral e religioso que remetia diretamente na vontade do Imperador. Se algo fugisse destes parâmetros, o antagonista não estava “ferindo” somente o sistema de regras japonês, mas também as ordens do Imperador. Esse tipo de ação seria entendido como o rompimento de todo o ciclo natural da vida japonesa

⁴⁴ Para mais informações sobre este período histórico, consultar Sakurai (2011) e Frédéric (2008).

e era considerado, claramente, uma traição ao Japão e aos seus antepassados (SAKURAI, 2008).

O formato desse sistema se tornou eficiente pelo fato de vincular o indivíduo ao âmbito da família, da escola, do trabalho e, sobretudo, na sua devoção ao Imperador (SAKURAI, 2011; BENEDICT, 2011). Do mesmo modo, essa eficiência, de certo modo, indica que a força e a influência do grupo alteram significativamente as ações e caminhos de se pensar individualmente.

A pesquisadora Chie Nakane (1991), especialista em estudos da sociedade japonesa, atesta que o extremo dessa conjuntura acima exposta acarreta em uma minimização da autonomia individual, inserindo uma dificuldade de se observar até onde termina a vida pública e começa a vida privada das pessoas. Essa discussão não será aprofundada pois não se qualifica como objetivo dessa dissertação, mas torna-se imprescindível abordar essa característica da sociedade japonesa para tentar compreender algumas das origens do associativismo nipo-brasileiro, notadamente em São Gotardo.

Ainda sobre as origens do associativismo, Saito (*apud* SAKURAI, 2000) trata que existe uma profundidade histórica do cooperativismo que vai além da modernização Meiji, recaindo sobre o período Tokugawa (1603-1867) como o exórdio deste tema tão importante na sociedade japonesa. Observou-se que no período Tokugawa⁴⁵ as tarefas eram executadas em conjunto pelos membros da família, em seguida todos se reuniam para a realização das tarefas da vila ou comunidade e, por fim, as pessoas se reuniam para os trabalhos fora dela, um mecanismo de cooperativismo geral.

De acordo com Sakurai (2000), ao comentar Saito (*apud* SAKURAI, 2000), no ano de 1909, já no período Meiji, existiam no Japão, 5.690 cooperativas, reforçando a ideia que o cooperativismo já se encontrava formalizado na sociedade japonesa mesmo antes da sua modernização. Tais autores, como outros, reforçam o entendimento que os primeiros imigrantes japoneses já possuíam as experiências de cooperativismo que fora cultivado no seu país de origem.

No que se refere ao contexto atual japonês, alguns entrevistados que migraram para o Japão, através do fenômeno *Dekassegui*, atestam para esta presença do cooperativismo japonês⁴⁶ e que de certa forma se mostrou bastante diferente dos conceitos da sociedade brasileira para os mesmos.

⁴⁵ Para mais informações sobre este período da história japonesa consultar Sakurai (2008) e Frédéric (2008).

⁴⁶ O fenômeno *Dekassegui* será tratado no capítulo a seguir, mas basicamente se refere à migração dos nipo-descendentes para o Japão, que migram no intuito de trabalhar nos diversos setores da indústria japonesa.

Outra coisa que você assusta é a limpeza das cidades [no Japão]. Aí a coisa é diferente viu! Nas empresas todo funcionário é responsável de limpar onde você trabalha. Não tem empregado só para limpeza lá. Nos escritórios da fábrica cada um faz a sua. Não tem esse negócio da “mulher da limpeza”! onde eu trabalhei, o diretor pega “duro” a varrer, consertar máquina, fazer tudo fica nas mãos deles. O pessoal desde criança, já aprendem né! Toda a sociedade funciona ajudando [no sentido de cooperar]. Por exemplo, o lixo de casa residencial, no Japão você tem um ponto onde tudo mundo leva o lixo lá! Aí lá tem o lixo orgânico, lata, panela velha, micro-ondas, então tem os dias certinhos lá no calendário. E tem o saco de lixo próprio! Só que o saco de lá é “o saco”, porque é forte pra “caramba”. Mas é porque a cultura [de cooperar] ajuda. (Paulo Hinamoto, empresário, 34 anos, 01/03/14)

A fala do entrevistado, de certa forma, reafirma a importância da comunidade ou do grupo no decurso da sociedade japonesa. No tocante ao Japão, deve-se refletir que este valor do grupo ou da comunidade funciona de tal modo que prepara o indivíduo para a vida em sociedade, nos seus diversos grupos: família, trabalho, amigos e escola. Sakurai (2011), afirma esta ordem e ainda acrescenta que:

Nas escolas, no trabalho e até mesmo dentro de casa, os japoneses se veem diante da imposição de regras que identificam a sua inserção nos grupos. Os uniformes, por exemplo. Os estudantes japoneses usam uniformes até entrada na faculdade. As sempre de cor azul-marinho, as meninas usam saias, meias três-quartos. O uniforme dos meninos se assemelha ao dos militares. Quando os estudantes saem em grupos organizados, são guiados por bandeiras coloridas ou por chapeuzinhos que os identificam no meio da multidão. Todos andam em filas ordenadamente. Os empregados de escritório vestem-se com ternos todos parecidos, como se fossem comprados na mesma loja. Preferem cores sóbrias, preto ou azul marinho, camisas brancas, gravatas discretas. Operários, trabalhadores de serviços públicos, de manutenção, todos usam uniformes, normalmente azuis. (SAKURAI, 2011, p. 289)

Ao trazer a questão para o Brasil, nota-se a importância desta característica nas práticas dos primeiros imigrantes japoneses, principalmente quando pensada no âmbito da sua sobrevivência, interação com o grupo e também como um componente cultural nipônico. O associativismo foi uma das preocupações iniciais dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil. A Associação funcionava não somente como um meio da cooperação entre os imigrantes, mas também como um órgão administrativo dos próprios colonos.

Neste sentido, Handa auxilia na reflexão deste primeiro “capítulo” da história migrante nipônica e a atenção dada pelos imigrantes ao cooperativismo.

Os japoneses reuniam-se e constituíam associações, a ponto de se sentenciar: “Quando três japoneses se reúnem, fundam uma associação.” Como o núcleo de colonização não constituía ajuntamento só de conhecidos e amigos, a primeira ideia que surgia era a da necessidade de confraternização. E confraternização não era outra coisa que o comer e beber dos chefes de família. Ou então importância de todos se dedicarem irmados em prol do “desenvolvimento e progresso do núcleo”. Se a estrada se tornava intransitável, se caía uma ponte, não adiantava correr à prefeitura para pedir a realização da obra, pois lá responderiam não haver verba e que os moradores é que

deviam providenciar o que convinha para a área de suas moradias. (Ora, nessa época os colonos não deviam pagar impostos) Assim sendo, todos os colonos tinham de cooperar nos trabalhos de conservação da estrada. Outro assim, se alguma família por motivo de doença se visse impossibilitada de trabalhar, a "ajuda" se fazia necessária. Não era nada mau todos irem ajudá-la, trabalhando um dia inteiro, e, à noite beberem juntos. Mesmo para construir uma casa, juntando-se mais de dez pessoas para os trabalhos de ajuntamento do madeirame, preparo de ripas, disposição de tripas e amassamento de barro dava-se conta do recado apenas num dia. Depois, mais uma oportunidade para beber. Como quer que seja, o trabalho coletivo rende e, mais tarde, proporciona prazer. É por isso que alguém propõe ser imperioso constituir uma associação de japoneses, pois ela cumpre maravilhosamente o objetivo de, "através da confraternização, dedicar-se ao desenvolvimento e progresso do núcleo." (HANDA, 1987, p.282)

As associações, para esses primeiros imigrantes, vão funcionar como um suporte administrativo, financeiro, educacional e cultural para suas comunidades. O exemplo destas funções pode ser observado nas reuniões dos imigrantes japoneses para a construção de escolas, que funcionavam dentro das associações.

Estas reuniões se diferem muito das reuniões feitas pelos demais grupos da sociedade brasileira em geral. Para os brasileiros (ou mesmo os europeus) se agruparem em torno de algo, normalmente era para criação de igrejas, onde estes poderiam se reunir e organizar suas ações para o bem comum da comunidade (HANDA, 1987). Em contrapartida, os imigrantes japoneses que aqui chegaram não se preocupavam em criar igrejas, mas sim escolas, para educar seus filhos enquanto estivessem trabalhando para conseguir o capital necessário para a saída daquele sistema de trabalho das fazendas. Desde a criação das escolas até a divisão das aulas que seriam ministradas, as atividades ficavam sob a responsabilidade dos grupos nikkeis que ali estavam reunidos naquela causa. Isto é, a cooperação se fazia e fez presente em diversos contextos da vida dos primeiros imigrantes japoneses, inclusive no quesito educacional dos filhos destes migrantes (HANDA, 1987).

Em São Gotardo não foi diferente. No que se trata do cooperativismo, este foi mobilizado pelos nikkeis que ali chegaram na década de 1970. O memorialista Sasaki (2008) chega atentar inclusive que, para os nikkeis, o isolamento somente acarretaria no enfraquecimento dos laços do núcleo em todas as esferas, por isso a necessidade da cooperação entre todos, principalmente no trabalho, que é um dos vórtices destes descendentes nipônicos. Ao tratar desta ligação que existe entre a cooperação, agricultura e os migrantes nipônicos em São Gotardo, torna-se evidente o fundamento destes laços entre os nikkeis da cidade e suas diversas nuances.

Em relato de uma filha dos primeiros colonos, torna-se visível a amplitude que o cooperativismo exerce na cidade atualmente. Maria Yamanaka, hoje com 32 anos, afirma que sua inserção no mercado somente aconteceu pela cooperação nikkei existente na cidade.

Eu somente consegui emprego na minha área, na cidade, em razão do apoio de um senhor da comunidade nikkei, que no passado havia sido auxiliado pelo meu avô e sentia um profundo sentimento em retribuir esta ajuda à minha família. Fui então a chave desse agradecimento, e hoje me encontro totalmente inserida no mercado de trabalho. (Maria Yamanaka, empresária, 32 anos, 12/03/14)

O relato acima expressa o valor dado à cooperação entre os migrantes nipônicos e seus descendentes na redução das dificuldades na comunidade. De certa maneira, a dificuldade está para estes migrantes como um importante ponto para a cooperação dos mesmos, mas não é em si um reduto único para um acordo de auxílio comum para com os seus. Antes de pensar a relação entre o cooperativismo e as dificuldades, deve-se pensar na importância da integração social que está envolvida no cooperativismo nipônico que enfrentaria as diversas dificuldades que existisse e que fossem surgindo (HANDA, 1987). Essa importância dada à integração confirma, inclusive, o valor dado ao cooperativismo em contrapartida ao individualismo como foi pensado no início do subcapítulo.

É vital apontar que a integração do grupo é necessária para que ocorra a cooperação de modo geral, sem a integração dos seus membros a cooperação não existiria. A integração social nikkei é formada inicialmente por grupos familiares que se ajudam e, assim, essa integração vai ampliando para outros âmbitos, criando a rede de cooperação. O grupo familiar é importantíssimo para o funcionamento do associativismo nipo-descendente que se mostrou em evidência na cidade.

As bases das ações familiares nikkeis, em relação ao cooperativismo, estão assentadas diretamente na fórmula das primeiras associações dos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir de 1908. Vale acentuar, novamente, que este componente familiar do cooperativismo japonês já era praticado antes dos imigrantes aportarem no Brasil e que aqui foi mobilizado para conseguir o capital necessário para sair do sistema de trabalho das fazendas cafeicultoras, como afirma Cardoso:

Outros grupos imigrantes também utilizaram recursos parecidos para amealhar um pequeno capital, mas os japoneses estavam especialmente preparados para isso, uma vez que sua tradição cultural fornece um modelo de sistema familiar onde as relações de cooperação dentro do grupo e entre os vários grupos domésticos são altamente elaboradas, porém mantêm uma flexibilidade que facilita seu ajustamento às novas condições de trabalho que encontraram nos países de imigração. (CARDOSO, 1995, p.82)

Este conceito se mostrou relevante e se materializou na fundação da associação em São Gotardo. Neste sentido, cabe refletir a importância desta instituição para o nikkeis e também para os nativos não descendentes em São Gotardo.

2.3 O papel da Associação Beneficente e Cultural de São Gotardo - ABCESG

O preceito inicial ao criar a Associação estava na necessidade de um espaço para a reunião dos colonos do programa com o intuito de praticar suas atividades culturais, os seus esportes, as suas ações benéficas e recreativas. Tal como foi visto no início do capítulo, as reuniões entre os nipo-descendentes aconteciam na “fazendinha dos padres”, mas de acordo com o memorialista Sasaki (2008) durante as reuniões existia um sentimento de que “faltava alguma coisa” entre os migrantes. Este sentimento era na verdade a necessidade de criação de um espaço próprio para os nipo-descendentes na cidade.

Assim, foi fundada no dia 13 de janeiro de 1976 a ABCESG, com o objetivo de atender os temas anteriormente citados, mas principalmente criar um espaço para a continuação da cultura nipônica e a integração nipônica da cidade. De acordo com Sasaki (2008), todos os colonos que integravam o projeto (PADAP) através da CAC se tornaram sócios da ABCESG.

Sasaki (2008) remonta este momento da fundação da ABCESG,

Para a construção da sede social a CAC-CC cedeu uma área ao lado da sua sede. Todos os cooperados foram parceiros na construção o que permitiu que fossem edificadas três quadras, vestiários, campos de futebol, entrada principal, poço artesiano e iluminação. No dia 15 de dezembro de 1984, inaugurou-se, para a alegria de todos, a sede social. Em 1985, construiu-se a piscina e no dia 29 de setembro de 1986, sob aplausos e vivas, inaugurou o campo de beisebol. (SASAKI, 2008, p. 152)

A ABCESG se tornou o ponto de encontro nikkei para a realização de suas diversas atividades, e também por responder à necessidade de um “espaço próprio” desses migrantes e imigrantes em São Gotardo. Para Sasaki (2008), a construção da ABCESG foi uma das diversas vitórias da comunidade e cultura nikkei na cidade e, atualmente, da cidade para o Brasil. Por ter sido o presidente em sua inauguração, o memorialista manteve um especial contato com grande parte das fases de sua construção. “Realizar é erguer andaimes em volta dos sonhos e revesti-los com a matéria viva e concreta do trabalho” (SASAKI, 2008, p. 150).

Lembro-me que ir para a ABCESG sempre era divertido! Eu encontrava com todos meus amigos que não vi durante a semana. Já ia me esquecendo, os encontros na maioria eram nos finais de semana! Enquanto nossos pais comiam, a gente ia brincar ou jogar nas quadras! Cada final de semana era uma história para contar. Depois de

toda a bagunça a gente corria para a comilança! Bons tempos, viu! (Joaquim Miyamoto, estudante, 31 anos, 24/06/14)

A partir da perspectiva de Handa (1987), a ABCESG se encaixaria no que ele define de *kaikan*⁴⁷, onde esta seria uma organização associativa que possui o objetivo de promover a cultura e o esporte, evidenciando o papel vital das associações para esses nikkeis em suas diversas colônias pelo país, tal como a ABCESG em São Gotardo.

Assim como existem templos e outros lugares de encontros de caráter religioso, também existem os *kaikans* das chamadas associações culturais e esportivas. Esta palavra já é conhecida dos próprios brasileiros. Ali convivem as associações japonesas dos velhos isseis e os clubes sócio - esportivos dos jovens. Os salões são utilizados para as manifestações artísticas e teatrais, bem como para *nodojiman* (concurso de canto) bailes ou recepções de casamento. As receitas e aluguéis dali provenientes, juntamente com as contribuições dos sócios das associações, servem para a manutenção daquelas entidades. (HANDA, 1987, p. 797)

Localizada a 6 km do espaço urbano de São Gotardo, com sua entrada principal na MG-235, a ABCESG se encontra à direita daqueles que estão chegando à cidade. Em uma análise sobre a sua estrutura física, a Associação evidencia sua presença já a partir da sua arquitetura externa. Rodeada por altas árvores, para dificultar a visibilidade no interior da Associação, estas árvores, se observadas mais minuciosamente, aparecem possuir uma distribuição assimétrica de tão bem ordenadas junto às telas que separam a Associação de seu ambiente externo.

Figura 11 - Entrada da ABCESG



Fonte: Arquivo pessoal, 08/07/2014.

⁴⁷ De acordo com Handa, as *kaikans* são sedes das associações culturais e/ou esportivas mantidas pelos japoneses e seus descendentes, comumente usada para realizar reuniões sociais para maior integração da comunidade nipônica e local.

Seguindo as árvores, o observador se depara com a entrada e saída principal da Associação. Nesta entrada, se encontra uma placa de madeira com ideogramas japoneses que chama bastante atenção. Esta placa com os ideogramas mostram, claramente, que aquele lugar possui uma ligação com os nipo-descendentes. Em uma análise de Fredrik Barth (2011), esta placa seria o “sinal manifesto” dos nikkeis da cidade.

Em resumo, os “sinais manifestos” identificados pelo autor seriam: “traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida” (BARTH, 2011, p. 194). Isto é, a placa escrita em japonês (diferente do português que é o usual), afirma de certo modo, a presença da cultura nipônica e que ali é o espaço onde é praticada.

Entrando na Associação, nota-se novamente que existe uma organização das árvores também no interior da fundação. Plantadas em pontos que levam o visitante a uma pequena estrada, diretamente para a sede da Associação. Chegando à sede, observa-se que em frente a esta existe um campo (para a realização de inúmeros eventos e esportes), que por sinal é bastante grande. À frente deste campo, há outro menor que é dividido por mais um conjunto de árvores.

Voltando para a sede, esta ocupa um espaço bastante grande. Ao entrar, existe uma pequena entrada e em frente a esta entrada tornam-se perceptíveis retratos dos membros da diretoria da Associação. Seguindo em frente, existe então o salão de festas, que concentra o maior espaço da sede. Grandes janelas, juntamente com um palco de madeira compõe o cenário do salão. Ainda no salão, atenta-se para portas de vidro (à esquerda de quem entra pela entrada principal) que levam a um espaço menor e à cozinha da Associação.

De acordo com Sasaki (2008), um dos elementos mais significantes da Associação é o “Departamento de Senhoras”, que é integrado pelas mulheres dos associados. Esse núcleo foi criado para a promoção de atividades da cultura japonesa entre outras atividades. Fundado em 1976, precisamente no dia 18 de junho, esse departamento tornou-se responsável pelos quatro eventos da cultura japonesa, “*Yakuiri, Yakubarai, Kanreki e Keirokai*”, que celebram a passagem do tempo e outros eventos (dia dos pais, dia das mães e festas que ocorrem no início e fim do ano).

Na obra do memorialista, os quatro eventos (sobre a passagem dos anos) possuem destaque entre os demais que são realizados pelo Departamento de Senhoras⁴⁸ (SASAKI, 2008).

⁴⁸ De acordo com alguns dos entrevistados, os quatro eventos que marcam a passagem dos anos pelos nikkeis são os principais eventos realizados na associação.

O primeiro evento, “*Yakuiri*” é realizado para comemorar a entrada nos 41 anos dos homens e os 33 anos das mulheres, que são consideradas idades críticas na cultura nipo-brasileira. Já o “*Yakubarai*” seria o momento de saída dessas idades. “O *Yakuiri* é a entrada num período que antigamente era dado como um momento crítico ou perigoso para os japoneses, morriam muitos nessa idade e o *Yakubarai* é a superação merecida do *Yakuiri*!” (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14).

O terceiro evento, “*Kanreki*”, é realizado para a comemoração de 60 anos dos homens, finalizando um ciclo da idade cultura japonesa. Por fim, o “*Keirokai*” é o evento que o departamento homenageia todos os idosos. Ou seja, os dois últimos eventos estão ligados principalmente à terceira idade nikkei. Para os nikkeis, a velhice significa o mais alto ponto de sabedoria, sendo que os eventos aqui citados possuem alto valor simbólico para esse fim, tal como no Japão.

Uma das referências para delimitar a questão da velhice é o tempo biográfico. Na sociedade japonesa, a idade cronológica, nos vários níveis sociais, ainda é considerada, respeitada e ligada às noções de criatividade, sabedoria e autoridade. A velhice significa que o indivíduo atingiu o seu ponto culminante. Dessa forma, a idade tem força nas relações entre as pessoas da comunidade e mesmo a linguagem falada requer o conhecimento preciso das idades dos que se relacionam. Ao dirigir-se ao outro, as expressões verbais escritas a serem utilizadas dependem da idade, do nível socioeconômico e cultural do indivíduo. Faz parte da cultura o respeito às regras, e estas sãometiculosamente ensinadas na família. (HASHIMOTO; TEIXEIRA, 2008, p. 254-255)

A atenção nikkei dada aos seus idosos é uma notável característica desse grupo. Na realização dos eventos da Associação, os idosos contam sempre com cadeiras e mesas reservadas para cada um e, ao mesmo tempo, nota-se um evidente respeito dos mais novos pelos mais velhos, mesmo não sendo parentes diretos ou próximos. Cabe entender também que os associados mais velhos são importantes financiadores dos diversos eventos da Associação, o que reforça o respeito com os mesmos pelos outros associados. Em entrevista com o atual presidente da ABCESG, Leandro Fukuda, o mesmo comprova este status que os mais velhos possuem na Associação.

Vamos fazer isso ou aquilo, passa na assembleia e a assembleia aprovou, quem vai chegar dinheiro pra gente é o pessoal mais velho, não é o pessoal mais novo. Então, a gente tem uma dependência muito grande do pessoal mais velho. A gente deve muito a isso, e pelo ao menos na nossa gestão, tenta evidenciar esse respeito. Aconteceu algo e o pessoal mais velho não gostou, vamos lá se retratar, vamos evitar de fazer aquilo de novo. A gente deve muito respeito a eles. (Leandro Fukuda, agrônomo e atual presidente da ABCESG, 31 anos, 25/10/14)

É certo apontar igualmente que o conceito cultural que estava sendo praticado na Associação possuía “raízes” nos ensinamentos “tradicional japoneses” destes associados mais velhos (muitas das vezes os associados eram imigrantes da primeira leva que chegou no Brasil no começo do século XX). É importante destacar que estudo defende uma posição que a tradição é um campo de transformações diversas, onde determinados aspectos e valores podem ser acentuados em relação a outros.

Se tratando da cultura que foi iniciada pelos nikkeis que chegaram em São Gotardo na década de 1970, muito foi criado ou inventado no conjunto cultural que passou a ser defendido como a “tradicional cultura japonesa” da cidade. Os historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2014), em suas pesquisas acerca das tradições, chamam a atenção sobre esta “condição” que a maioria das tradições costumam assumir, como um conjunto de práticas que remontam a um passado distante e por isso deve se manter a realização, tal como era.

Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, que não são inventadas. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM; RANGER, 2014, p. 7-8)

Nem todo o conjunto de práticas culturais que foram mobilizadas em São Gotardo foi inventado, mas deve-se destacar que a cultura se modifica a todo o momento e junto dela suas tradições também. As práticas que inicialmente foram mobilizadas pelos nipo-descendentes na Associação com certeza passaram por diversas modificações ao longo do tempo.

Nos eventos realizados pelo Departamento de Senhoras esta “ancestralidade oriental” volta à tona e é cultivada como um elemento fundamental na manutenção da comunidade nipônica de São Gotardo. Da mesma maneira, estes eventos realizados por esse Departamento se constituem também em um dos traços diacríticos que os nipo-descendentes defendem. Tais práticas fazem parte de um conjunto cultural que foi mobilizado e declarado como o conceito a ser seguido pelos membros da Associação.

A partir deste conceito, que defende uma cultura mais tradicional, o “Departamento de Senhoras” pode ser entendido como aquele que exprime o valor das tradições nipônicas que estão presentes dentro das associações, colocando em prática toda uma conjuntura da cultura nipo-brasileira que se mescla, contendo eixos da sua história, da sua religião e da sua sociabilidade. Por fim, resultam no eterno processo da formação da identidade dos nikkeis, que são parte de um importante grupo brasileiro, os descendentes de japoneses.

2.3.1 Os esportes e a sua relevância para os nikkeis na associação

No que se refere à Associação, é fundamental pensar também a importância do esporte praticado na mesma e sua representação. Na história da Associação, foram diversos os tipos de esportes que fizeram ou fazem parte desta, tais como: o tênis, o softbol, o handebol, o gatebol, o futebol e o beisebol. Este último merece uma atenção especial por fazer parte da vida dos entrevistados.

Antes de adentrar na questão da significância do beisebol para os nikkeis, deve-se abordar brevemente a origem histórica dessa influência americana aos japoneses. Para o pesquisador Louis Frédéric (2008), o beisebol foi levado ao Japão pelos Estados Unidos nas transformações e abertura da nação na era Meiji, junto às noções de esporte ocidental e também de competição.

Os primeiros jogos de beisebol aconteceram na universidade de Waseda, em Tóquio, por volta de 1890 e, em 1905, a primeira equipe nacional composta de estudantes foi constituída e disputou com a Stanford, nos Estados Unidos. Ao retornarem de lá, os estudantes de Waseda, derrotados, trouxeram a roupa típica dos jogadores de beisebol. Esse jogo, revalorizado após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se rapidamente bastante popular e muitos estádios especiais foram construído em todas as cidades, nas quais se confrontam equipes estudantis ou profissionais. Os “campeões” de beisebol gozam, no Japão, de uma imensa popularidade, sobretudo entre os mais jovens. [...] É na primavera que geralmente começam os jogos e torneios, que têm ampla cobertura da televisão. Juntamente com o sumô, é o esporte mais popular do Japão. (FRÉDERIC, 2008, p. 120)

De acordo com a história, no Brasil, os imigrantes japoneses foram um dos principais responsáveis por trazer o esporte ao país. Na nação em que o futebol é, em disparado, o esporte nacional, o beisebol não encontrou muitos adoradores entre os brasileiros, mas junto aos nikkeis este se tornou o seu esporte favorito. Handa afirma que o primeiro time de beisebol formado pelos imigrantes japoneses foi formado em 1916, em São Paulo, no chamado “Clube Mikado”.

[...] a partir de 1916 o beisebol ganhou destaque e creio que isso contribuiu muito para disciplinar os hábitos sociais dos rapazes. Na parte baixa da ladeira havia um terreno baldio chamado “Campo da Sudan”. Não sei se assim era chamado pelo fato de o terreno pertencer à fábrica de cigarros Sudan, ou porque era vizinho dela. O que importa é que felizmente havia um lugar para jogar beisebol perto da rua Conde. Acho que foi Kenji Sasawara, morador da Pensão Ueji (situada na atual rua Tomás de Lima), graduado numa universidade japonesa famosa chamada Keio, quem formou o clube de beisebol dos rapazes da Conde chamado Mikado. O Clube Mikado desenvolveu-se a partir de então, para formar a base do beisebol paulista. (HANDA, 1987, p. 178)

A relação entre o esporte e as associações é entendida pela promulgação das relações sociais entre os primeiros imigrantes. Primeiramente, foram criados clubes com o intuito de colocar em prática esta temática diretamente junto aos esportes, e sua continuação se manteve pelo papel crucial das associações em manter essa importante característica que, além de criar um laço cooperativo entre os imigrantes, também funcionou para a elaboração de momentos de lazer, durante suas reuniões e consequentemente a confraternização (HANDA, 1987).

Quando se fala em confraternização entre os nikkeis, discute-se acerca da tradição que estes possuem em manter o contato entre as diversas colônias que foram instaladas no país após a sua entrada em 1908 e, assim, manter também o auxílio e a cooperação entre essas e aos seus membros. O beisebol serve de exemplo para se pensar no contato entre as diversas associações ao longo do tempo e, principalmente, a sua influência dentro destas associações.

2.3.2 *O Beisebol e as mudanças*

Ao analisar a significância do beisebol nas associações, este se torna um tema fundamental para se pensar na abertura da ABCESG em relação à presença de membros não nikkeis junto à mesma. A participação, que se dava aberta a qualquer um que possuísse interesse no beisebol, resulta também no encerramento do conceito de colônia voltada somente aos seus nipo-descendentes.

Acredita-se que esta abertura se deu pela ampliação dos parâmetros de convívio, que é também um dos objetivos das associações nikkeis. Diversos autores que estudam essa temática atestam para esta função das associações. Pela sua história no país, pode-se afirmar que as mesmas eram responsáveis pelo estreitamento e continuidade dos laços entre as diversas comunidades nikkeis.

Da mesma forma que as associações se tornaram espaços para a confraternização nipo-descendente, estas ampliaram em algum momento seus encontros para os não descendentes. Há de se observar, também, que não se está generalizando que todas as associações nikkeis passaram a ter reuniões que abrangessem membros fora do grupo nipônico, mas cabe apontar que essa conjuntura se tornou um caminho que foi seguido pela ABCESG. Ao perguntar aos entrevistados sobre quando houve essa abertura, nenhum soube informar (provavelmente pelo fato de que a maioria dos entrevistados que participaram do esporte eram mais novos e, sendo assim, os últimos jogadores), mas ao observar as fotos dos jogos de beisebol fica clara a participação de não descendentes.

Já em sua história nacional, o beisebol vivenciou momentos tensos em sua trajetória, mas que não foram suficientes para acabar com o esporte no país. Um destes momentos foi durante a Segunda Guerra Mundial, que manteve forte vigilância estatal sobre os nikkeis e todas suas práticas. A fundação da “Federação Paulista de Beisebol e Softbol” em 1946 é exemplo da sua força e atividade entre os nikkeis. A mesma conseguiu manter suas reuniões e encontros com o objetivo de trazer o entusiasmo e otimismo na reorganização da vida social das colônias. A comemoração dos 60 anos da instituição, em 2006, confirma a sua presença no país e, principalmente, entre os nikkeis (FEDERAÇÃO, 2006).

Não me lembro bem da primeira vez que fui treinar beisebol, somente me lembro que os treinos eram uma alegria, porque neles eu tinha a chance de ver os meus amigos. A maioria dos treinos acontecia nos finais de semana. Saímos cedo para a ABCESG. Algumas das vezes até comíamos por lá mesmo. Me lembro que sempre os tios ficavam no nosso encalço para gente sempre dar o nosso melhor desempenho nos treinos e assim termos sucessos nas partidas dos campeonatos! (Joaquim Miyamoto, estudante, 31 anos, 24/06/14)

Atualmente, o esporte já não é mais praticado na Associação⁴⁹, mas mesmo assim é bastante relembrado pelos seus jogadores, principalmente os nikkeis. Durante as entrevistas, foram observados diversos “valores” que o beisebol representava para os mesmos. Dentre eles, a cooperação nos diversos âmbitos ganhava destaque. A maioria dos entrevistados alegou não manter o mesmo contato, alguns inclusive alegaram ter perdido o contato com a Associação, após o fim do esporte na comunidade.

A época que eu jogava beisebol foi para mim uma das melhores épocas da minha vida. Lá eu aprendi sobre a igualdade e também sobre a hierarquia! Às vezes penso que foi que lá que aprendi muitas das coisas que são a base da minha vida! Penso até hoje o quanto foi triste ter acabado com o beisebol na ABCESG! Eu tive sorte, minha geração inteira teve contato com o beisebol! Hoje penso nas outras gerações que não tiveram esse contato e nas próximas que viram. O beisebol é fundamental para todos nós! (Fabio Inoue, estudante, 30 anos, 03/03/14)

Os aspectos de igualdade e hierarquia relatados pelo entrevistado são valores fundamentais para os nipo-brasileiros. De certo modo, esses valores fazem parte de um “padrão moral” nikkei, do qual todos os membros fazem parte diretamente ou indiretamente⁵⁰. Barth (2011) elucida que os “padrões morais” de um grupo étnico colaboram para se analisar os princípios que os mesmos defendem como fundamentais para o grupo.

⁴⁹ De acordo com um dos entrevistados, o esporte parou de ser praticado na associação entre os anos de 2001 e 2002.

⁵⁰ Indiretamente porque nem todos os nipo-descendentes aderem a este padrão moral, que é firmado principalmente pelos membros mais “tradicionais” dos grupos nikkeis em questão.

Assim, o beisebol serve de “espaço” para se mobilizar valores da cultura nipônica entre os seus membros. No caso do beisebol, pode-se afirmar que aqueles que não respeitassem esses valores deveriam ser penalizados por estar negligenciando, ou contrariando, este “padrão moral” que foi instaurado pelo grupo. Barth adiciona que “desde que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa aquela identidade básica, isso implica igualmente que se reconheça o direito de ser julgado e de julgar-se pelos padrões que são relevantes para aquela identidade” (BARTH, 2011, p. 194).

Outro fator que merece atenção, e está presente no relato de Inoue, é a questão da flexibilidade de consideração dos membros como uma grande família nikkei. Quando se referiam a algum membro da comunidade como “tio” ou “tia”, e da mesma maneira “avô” ou “avó”, na sua maioria, não possuíam laços consanguíneos algum com os membros específicos, mas os consideravam como tais, pela presença dentro do grupo nikkei no qual eles viviam ou vivem. Para esta pesquisa, tal fator evidenciou um tipo de comprometimento associativo vindo destes nikkeis que, de certa forma, ampliou seus laços nikkeis familiares para além da consanguinidade e que, voluntariamente ou involuntariamente, criam “famílias fictícias” dentro da comunidade.

Aprendi que os laços de afinidade foram criados pelos primeiros imigrantes no Brasil, que na necessidade de manter a coesão de grupo ou mesmo a sua continuidade, eles passaram a se relacionar com pessoas que possuíam uma origem comum, ou seja, moravam na mesma região no Japão, ou se não, por qualquer que fosse uma proximidade entre os membros, como a comida, a fala e por aí vai! Por fim, se não houvesse nenhuma semelhança, os laços viriam simplesmente por ser japonês ou descendente. Hoje esses laços são fruto das nossas tradições e também pela nossa cooperação! (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14)

Acerca dessa afinidade, observa-se como o tratamento dos mais jovens com os mais velhos, na sua maioria, possuíam esses quadros de referência, ao citar como “tios” ou “avós” todos os nikkeis da comunidade. No beisebol, os “tios” que ajudavam nos treinamentos eram técnicos do time local, mas ao mesmo tempo estes funcionavam como tutores temporários, ensinando não somente práticas do esporte, mas uma série de ensinamentos que eram defendidos como fulcrais para a vida aos jogadores de São Gotardo.

Eu me dava bem com todos os tios, mas é lógico que a gente tinha alguns preferidos. No beisebol, tínhamos alguns que eram mais durões e outros que eram mais liberais! Sei que aprendi muito com todos! Os mais durões nos obrigavam a treinar mesmo na chuva! E não era fácil treinar na chuva, viu! Mas tinha (sic) os tios que ao ver que o tempo estava ficando nublado, eles já cancelavam o treino. (Joaquim Miyamoto, estudante, 31 anos, 24/06/14)

O esporte se revelou um importante ícone na vida dos nikkeis e também dos não descendentes que passaram a praticá-lo. Se esse conjunto de valores foi passado para todos, é correto afirmar que os não descendentes também aderiram a esses valores, mesmo que fosse presente somente dentro da Associação. É notável que o esporte influenciou, de certa forma, os não descendentes e, com isso, ampliou os parâmetros da cultura nipo-brasileira para fora da Associação. Pode-se afirmar, inclusive, que o beisebol é um eixo das tradições da cultura nikkei, mas um eixo que não é estático, ele se transforma com o passar das gerações que lhe prática. Anthony Giddens (1991) colabora pensar neste sentido dizendo que:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. (GIDDENS, 1991, p. 38)

As tradições possuem como “emblema” a defesa da continuação dos atos passados, mas, ao mesmo tempo, são passíveis de transformações, sejam elas pequenas ou grandes, no conjunto cultural. É interessante apontar, também, que mesmo a tradição ou o esporte se abrindo para os não descendentes, alguns valores da cultura nipônica continuaram sendo transmitidos para os mesmos. Ou seja, mesmo a colônia adotando o conceito de uma cultura mais voltada para os seus (os nipo-descendentes), dada como tradicional, esta cultura também foi difundida para os não descendentes que frequentavam a ABCESG. A reflexão acima leva a pensar que a Associação, através do esporte, mantinha os referenciais educacionais e cooperativistas propostos em sua criação, produzindo, mesmo que em pequenas noções, alguns eixos desta cultura nipo-brasileira.

As competições ocorriam através de torneios que contavam em sua maioria com times de cidades que abrigavam descendentes de japoneses. Os torneios eram principalmente no Paraná e São Paulo, em Minas Gerais não havia muitas cidades com japoneses. Tivemos também alguns colegas que chegaram a participar de torneios internacionais, o primeiro foi em Cuba. (Fabio Inoue, estudante, 30 anos, 03/03/14)

O fim do beisebol em São Gotardo, de acordo com os entrevistados, ocorreu devido à grande saída dos jovens nikkeis para estudar fora em outras cidades, como Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Curitiba, entre outras, fazendo com que se perdesse o contato semanal com o esporte e, algumas vezes, com os colegas jogadores, como foi justificado por quatro

entrevistados. Não se pode afirmar que este seja o único fator para o término das práticas de beisebol na cidade, mas responde a uma das alternativas referentes ao seu fim.

Depois que me mudei da cidade, perdi todo o contato com o beisebol e também um pouco do contato com a ABCESG. Na minha época, era regra nos reunirmos para os treinos, mas depois que a gente muda e não tem mais estas rotinas, acabamos perdendo o contato com a associação. Às vezes vou lá, para ver minha turma antiga, mas nem me lembro da última vez que fui. (Fabio Inoue, estudante, 30 anos, 03/03/14)

Com o término desse esporte, a ABCESG perdeu um grande número de seus integrantes nikkeis e também outros jogadores não descendentes, como é relatado pelos entrevistados. Em relação aos nipo-brasileiros, cabe afirmar que grande parte deles, sobretudo os mais jovens, participavam da Associação em razão do beisebol. Não existindo mais o esporte, estes perderam o contato com a mesma, criando um significante desapego com a Associação e também com seus eventos. Foi notado, inclusive, nas entrevistas, certo princípio de tristeza ou nostalgia pelo fim do esporte, mas ao mesmo tempo, esses sentimentos serviram para revelar a dimensão que a união e o aprendizado possuem para aqueles nikkeis.

Era uma época boa aquela do beisebol! Havia dia que a gente quase não treinava, mas só de estar com o grupo, à gente já se divertia! Os tios também sempre nos passavam uma coisa diferente, era muito bom! Hoje acredito que aquela fase da minha vida, foi uma das melhores e dou muito valor a ela! Aprendi muito! (Fabio Inoue, estudante, 30 anos, 03/03/14)

Atualmente, ainda são praticados vários esportes na Associação. Dentre eles, o que mais se aproxima dos valores que os entrevistados relatam, é o softbol⁵¹. Este esporte também possui um histórico parecido com o do beisebol dentro das colônias nikkeis, porém, na cidade, este começou recentemente, por volta de oito anos. O softbol, tal como o beisebol, possui jogadores tanto nipônicos como não descendentes, o que remete a pensar que o mesmo continuou com o legado deixado pelo beisebol.

Não será aprofundada a discussão acerca do softbol, mas observa-se que esta nova leva de jogadores e treinadores estão tentando trazer de volta o significante setor jovem da comunidade em geral, de volta para a Associação. Nos dias 28 e 29 de junho de 2014 aconteceu

⁵¹ Uma variação do beisebol, mas um pouco mais leve, devido à bola menos dura e maior. O arremessador atira a bola “por baixo”, descrevendo uma curva, ao receptor. Ele não pode atirar com a força dos ombros como no beisebol. Fora isso, o softbol segue basicamente as mesmas regras do beisebol. O campo tem uma dimensão reduzida, pois a bola não vai tão longe. Nos Estados Unidos e no Japão, o softbol é muito praticado tanto por homens como pelas mulheres e crianças. No Brasil, o softbol é mais praticado pelas mulheres. A Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol mantém vários campeonatos oficiais de softbol, todas para mulheres. (CULTURA JAPONESA, 2014).

o “VII Torneio da Amizade de Softball” em São Gotardo, organizado pela ABCESG, que confirma uma tradição importante por sua atuação em sete anos, e que no calendário mineiro, em sua categoria, o mesmo é dado como maior evento do Estado (CARVALHO, 2014).

Acredita-se que a mudança de direção ou organização da ABCESG, estaria de fato ligada a diversos motivos, mas dentre eles, o abandono dos jovens membros se destaca. Se houve a abertura para os não descendentes, provavelmente ela aconteceu em razão da falta de participantes nikkeis para o beisebol. Este esporte, inclusive, serve como uma “ferramenta” para se entender o processo de mudança dos parâmetros da Associação.

O beisebol já era praticado pelos nikkeis na Associação⁵² antes mesmo da sua abertura para a comunidade em geral. Então é afirmável que, antes desta abertura, o beisebol era praticado segundo as diretrizes da Associação, ou seja, voltada para os nipo-descendentes. Independentemente do tempo histórico, é necessário assumir que a direção da ABCESG mudou suas diretrizes em algum momento. Pode-se afirmar que um dos motivos desta mudança ocorreu pela forma com que era organizada a Associação.

O conceito de uma ABCESG mais tradicional pode não ter se sustentado ao longo do tempo, fazendo com que seus membros a abandonasse. De acordo com Kebbe (2010), as associações que possuem este tipo de configuração presenciam, atualmente, um intenso abandono. Em suas pesquisas com as associações nikkeis paulistas foi observado que:

[...] de maneira geral, a maioria dos *kainkans* (associações) tradicionais passaram e/ou ainda passam por um amplo processo de esvaziamento ou evasão nos seus quadros associativos, pontuados por uma série de pequenas migrações internas dos jovens descendentes para grandes metrópoles em busca de educação ou postos de trabalho qualificado. Essa carência de jovens nos quadros gerais dos *kaikans* é sentida de maneira sem precedentes e é motivo até de tristeza ou receio pelo fim das tradições japonesas trazidas com os pais e avós, uma vez que em várias oportunidades foi dito que “é preciso da presença desses mesmos jovens para a transmissão de valores”. (KEBBE, 2010, p. 121-122)

O entrosamento com a comunidade em geral, desentendimentos com outros associados, mudança de cidade e outros diversos motivos podem ter ocasionado também o abandono. Não se sabe ao certo quais foram os motivos que levaram ao esvaziamento da ABCESG, mas é certo que houve uma evasão de seus membros e isto fez com que mudasse as suas configurações.

⁵² Sasaki (2008) afirma que os campos de beisebol foram inaugurados no dia 29 de setembro de 1986.

2.4 A integração e a educação dos nikkeis a partir da associação

Se por um lado a prática de esportes resultou em uma união entre os diversos grupos (descendente de japonês e não descendente), após a implantação do PADAP, esta prática esportista acabou não sustentando a coesão social dos membros nikkeis junto à associação. Mas, ao mesmo tempo, havia também na comunidade nikkei um movimento da integração dos seus membros com a comunidade local.

No início esta integração ocorreu de forma mais “tênu” dada a condição migrante destes nikkeis (por terem chegado há pouco tempo) e em tempos em que a sociedade local vivia grandes dificuldades socioeconômicas. Entretanto, o processo de integração é algo que faz parte das migrações em geral. Este era um dos anseios por parte desta população nipo-descendente, que possuía o objetivo de conquistar tanto o pertencimento por parte desta cidade mineira quanto em relação aos seus negócios. Desta forma, este último aspecto contou com o desempenho dos primeiros migrantes no sentido de garantir a qualidade e uma boa educação para seus filhos.

Cardoso (1995) afirma que a integração à sociedade local ou geral faz parte do processo de busca da ascensão social ou ocidentalização que os nikkeis possuem, principalmente após o abandono do sonho de voltarem enriquecidos ao Japão (que possuíam os primeiros imigrantes ao aportar no Brasil).

O pesquisador Saito evidencia também estas características fundamentais da identidade nikkei brasileira:

- 1) Preocupação com a educação dos filhos. - Dos meados da década de 50 aumenta o número dos que buscam vagas nas escolas de ensino superior, tendência que se reforça até nossos dias.
- 2) Preocupação com o lar. - O conforto material do lar, antes sacrificado, torna-se alvo de maior interesse, procurando-se igualá-lo ao das famílias brasileiras de mesmo status em termos de bens materiais de vida.
- 3) Maior participação social. - Procura-se uma participação positiva na sociedade local, mediante o ingresso nas associações e clubes e a intervenção política. Como um dos requisitos para essa participação, torna-se cada vez maior o número dos que adquirem a cidadania brasileira, mediante a naturalização.
- 4) Maior espírito de independência. - Confiante em sua identidade de “japonês enraizado no Brasil”, os imigrantes sentem-se mais autônomos, passando a ter uma visão mais crítica de tudo o que se refere às relações Brasil-Japão.
- 5) Condescendência. - As uniões interétnicas, antes consideradas “indesejáveis” e vistas quase como tabu, são gradativamente toleradas e reconhecidas, embora os graus de tolerância variem conforme as variáveis, tais como residência rural-urbana, a escolaridade, o maior ou menor contato com os círculos nacionais. (SAITO, 1980, p. 87)

A integração à sociedade local e educação exemplar de seus membros percorreram juntas na história social do grupo japonês e seus descendentes. Em São Gotardo a associação exerceu e exerce um papel considerável no que se refere aos seus interesses. A partir desses eixos de discussão, torna-se indispensável salientar a importância da educação para estes nikkeis. As últimas gerações, ou também chamados de sanseis⁵³, carregam o peso da necessidade da conquista profissional que lhe são impostas desde os aspectos do interior familiar até a educação nas universidades. Para Cardoso (2011), as associações funcionam como agentes integradores aos filhos nikkeis já que as famílias não conseguem integrar, por total, os mesmos com a sociedade mais ampla, cabendo a estas o papel de introduzir os jovens das últimas gerações ao contexto local e, assim, criar laços para seu sucesso profissional. Afirma ainda que:

O êxito profissional dos jovens, que é uma meta na educação familiar do nissei, depende dessa integração aos ideais de comportamento da sociedade brasileira; para possibilitá-la, as associações oferecem aos nisseis oportunidades para se adaptarem a seus papéis ocidentais. (CARDOSO, 2011, p. 65)

Talvez a mudança das diretrizes da Associação também possua a tradição de se abrir para a comunidade em geral, mesmo que somente em alguns aspectos, mas esta se abre com o objetivo de “facilitar” a integração dos membros mais jovens à sociedade.

É certo apontar que os nikkeis não deixam de ser considerados como tais (um grupo étnico) por se integrarem com os demais grupos presentes na cidade. Compete entender que a integração a partir dos eventos ligados aos temas da cultura oriental serve, inclusive, para ampliar também esse contexto cultural para os demais grupos. Nos estudos de Barth (2001), esta interação seria entendida como uma “estrutura”, na qual existe uma ordem por trás das interações.

Barth afirma que:

[...] Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. Contudo, onde indivíduos de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura. Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas em critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais. (BARTH, 2011, p. 196)

⁵³ De acordo com Sasaki (2008) as colônias são formadas por: Isseis (japoneses de primeira geração, nascidos no Japão), Nisseis (segunda geração, filhos de isseis), Sanseis (terceira geração, netos de isseis e filhos de nisseis) e Yonseis (quarta geração, bisnetos de isseis, netos de nisseis e filhos de sanseis).

Para entender a ligação entre a Associação, a integração e a educação dos seus membros com a comunidade em geral, deve-se inicialmente perpassar pela história da educação nikkei e o seu papel nas associações. Pela história nipo-brasileira, é fato que as associações serviram de reduto educacional para os primeiros imigrantes e que, ao longo da história destas associações nipo-brasileiras, a educação se fundamentou como eixo básico das mesmas. Eram formadas escolas dentro das instituições que, de acordo com Handa (1987), possuíam também o objetivo fulcral da criação dos núcleos ou associações japonesas. Com o tempo, essas escolas prosperavam e formavam sedes próprias, além das associações, chamadas *nihongakko* (escolas japonesas).

Handa (1987) contribui para pensar no texto que se segue a importância que os nikkeis dão a educação dos seus filhos, vale observar:

A “tarefa” que cumpria executar, custasse o que custasse, para o desenvolvimento e progresso do núcleo vinha a ser a educação. Ou, em outras palavras, não teria sido ela o objetivo máximo de um pai ao querer organizar uma comunidade? No momento em que, abandonando o espírito e preocupação de rápidos ganhos para retornar ao Japão, alguém se decide a enfrentar uma luta demorada, é preciso fazer algo pelos filhos abandonados sem educação. Há até quem afirme que “entrou no núcleo por ouvir dizer que iria ter uma escola”. Mesmo que a muito custo se ganhe dinheiro e chegue o dia de retornar ao Japão com toda pompa, seria concebível fazê-lo levando filhos caboclos analfabetos? Por mais interessado que fosse pelo dinheiro, não havia quem se dispusesse a sacrificar os filhos a esse ponto. (HANDA, 1987, p. 282)

Em São Gotardo ocorreu de forma similar, com a fundação da escola em 1976, junto com a Associação e depois, em 1991, com a ampliação da escola além da Associação, criando sua sede dentro da cidade.

As minhas primeiras aulas de *nihongakko* foram na ABCESG! Comecei a escola de japonês com seis anos! Aprendíamos a falar e escrever em japonês com uma variedade de materiais que eram trazidos de São Paulo e também do Japão por nossas tias! Com o tempo a escola passou para a cidade, continuei mais dois anos e depois tive que sair, devido ao cursinho de pré-vestibular ser no mesmo horário que era o *nihongakko*! (Maria Yamanaka, empresária, 35 anos, 12/03/14)

Não obstante, deve-se observar que a educação para esses nikkeis já contava com forte tradição, como fora para os seus antepassados, os primeiros imigrantes japoneses. O processo de universalização da educação fundamental se efetivou no Japão logo no início do século XX, muito diferente do Brasil, que possuía grandes parcelas da população em total analfabetismo. No transcorrer do século, a educação no Japão se tornou um dos elementos mais valorizados pelo governo e pela sua sociedade em geral (SETOGUTI, 2008).

As escolas seguiam o padrão do currículo japonês, ensinando o japonês como o praticado no país de origem e, ao mesmo tempo, as crianças seguiam o currículo brasileiro perpetuando uma rotina dupla de estudos durante toda a infância e adolescência. Em São Gotardo esse processo se mostrou presente. Uma das entrevistadas, Maria Yamanaka, relata que: “Eu fazia escola brasileira de manhã e escola japonesa à tarde, criando uma vida estudantil um pouco mais pesada que as outras crianças que não eram descendentes de japoneses” (Maria Yamanaka, empresária, 35 anos, 12/03/14).

Cardoso (1995) atenta sobre este ponto, afirmando que a educação para migrantes nikkeis é um dos grandes eixos da cultura nipônica que, em contato com esses dois contextos de educação, evidencia a alta escolaridade dos descendentes de japoneses. Sua busca pela ascensão social, tal como foi abordado, possui um peso significante nas vidas profissionais desses nikkeis.

Para entendermos esta enorme escolarização relativa da população de origem japonesa, tanto rural quanto urbana, não basta constatar o prestígio que a educação assume nos valores culturais dos imigrantes. O exame do processo de ascensão social no campo, baseado na inovação de técnicas agrícolas e apoiado na organização de cooperativas, exigia tanto uma identificação étnica, como já mostramos, como o domínio da língua japonesa falada e escrita. A orientação da produção para o mercado, nos termos em que foi realizada com tanto sucesso pelos japoneses, não podia prescindir da escolarização. Mais ainda, exigia inclusive a comunicação em japonês. Compreende-se, portanto, o empenho demonstrado por tantos núcleos em promover, simultaneamente, a freqüência (sic) tanto à escola brasileira quanto à japonesa (*nitigogakko*). Por isso 11,7% dos que se educaram no Brasil freqüentaram (sic) escolas brasileiras e *nitigogakko*. (CARDOSO, 1995, p. 136)

É vital entender que ambos os conceitos educacionais formam um único viés, que é o sucesso do nikkei, tanto no âmbito profissional, que por via da educação brasileira é iniciado o processo de entrosamento deste com a população, quanto no âmbito da continuação de sua cultura, que rege o diferencial para com os demais integrantes da nação, compartilhando de certa maneira o ideal de uma continuidade cultural que lhe fora ensinada pelos seus.

Neste estudo se não afirma que todos os descendentes de japoneses possuem titulação educacional, mas, pela pesquisa, foi revelada certa preocupação com a educação dos mesmos que fizeram parte da primeira leva de migrantes do PADAP e de seus descendentes. Como exemplo, dentre os entrevistados nikkeis, quatorze possuem curso superior, o que comprova a importância da educação para estes nipo-brasileiros.

2.4.1 *O conceito de educação a partir das novas gerações*

Ao atentar novamente na dual relação educacional e a busca de ascensão social presente na cidade, observa-se também outro resultado diferente do conceito abordado no subcapítulo anterior. Em alguns dos relatos obtidos com os entrevistados, nota-se o processo de resistência e incômodo que lhes foi passado a partir da responsabilidade do filho em atender a expectativa de sucesso profissional ou a constante busca de ascensão social para a boa reputação dos pais e, consequentemente, da sua família nikkei.

Na minha infância eu deveria sempre ter os melhores resultados, seja na escola japonesa, seja na escola brasileira. Da mesma forma, essa regra se fez na minha adolescência no ensino médio. Aos poucos a minha relação com meus pais foi ficando um pouco tensa por este tipo de perseguição. Essa atenção ao meu desempenho somente amenizou depois que eu passei no vestibular, trazendo grande felicidade aos meus pais. Naquela época, a minha relação com meus pais se desgastou um pouco por essa perseguição, mas hoje eu entendo que eles estavam querendo o melhor para mim. (Yuri Matsumoto, estudante, 26 anos, 04/05/14)

No conjunto de pessoas entrevistadas foi observado, como no relato acima, certo desconforto entre os pais e os filhos, principalmente pela imposição da necessidade dos filhos passarem em universidades públicas. Diversos autores, tais como Ruth Setoguti (2008) e Sussumo Miyao (1980), atestam para esta preferência entre os nipo-brasileiros.

Alguns entrevistados chegam a dizer que se não conseguissem passar nos vestibulares nas universidades públicas, os seus pais os abandonariam em todos os sentidos. Essa obrigação colocada pelos pais esclarece como ainda existe o desejo de êxito ainda presente nas relações familiares. O aspecto de abandono funciona como ferramenta para moldar o desejo tradicional nipônico de educação dos pais para com seus filhos. Este quadro se mostra presente no Brasil bem como dentro das comunidades nikkeis, mas no Japão a situação é muito mais grave, dada a amplitude desses anseios, como confirma Sakurai (2011):

A perspectiva de ter que atender as altas expectativas de sucesso de pais e professores cria nos jovens - e até nas crianças - uma carga tão intensa de frustração que explica o número muito elevado de suicídios nas faixas etárias até os 20 anos em comparação com outras partes do mundo. O número menor de filhos por família aumenta ainda mais o stress infantil e juvenil. (SAKURAI, 2011, p.325)

A forma como alguns pais tratam os filhos até a sua formação profissional evidencia como o aspecto de imposição para o sucesso profissional pode resultar em dificuldades que, muitas vezes, desembocam em uma grave relação familiar. Para se ter ideia deste contexto educacional, dos quatorze entrevistados nikkeis que possuem nível superior completo, seis se

formaram em universidade particulares e oito em universidades públicas, o que comprova, mesmo com pouca diferença, a preferência destes nas universidades públicas⁵⁴. Ao mesmo tempo é importante destacar que essa imposição é produto da tradição de uma hierarquia que sempre foi regra no Japão. O descendente deve se acostumar a essa hierarquia de forma que siga as regras por toda sua vida e em qualquer campo desta.

Ruth Benedict, em seus estudos sobre os migrantes nipo-americanos na primeira metade do século XX, afirma que:

Os japoneses, portanto, organizam o seu mundo em constante referência com a hierarquia. Na família e nas relações pessoais, idade, geração, sexo e classe ditam a conduta devida. No governo, religião, exército e indústria, as zonas acham-se cuidadosamente separadas por hierarquias, onde nem aos mais elevados, nem aos mais baixos se permite ultrapassar as suas prerrogativas sem uma punição. (BENEDICT, 2011, p.84)

Os nikkeis detêm o pensamento da necessidade de se transmitir a “alma nipônica” aos filhos mas, ao mesmo tempo, junto a essa transmissão, existe a busca do sucesso econômico que indica uma constante dificuldade de se aliar esses dois temas dentro do contexto familiar, como fora abordado por Cardoso (2011).

O embate travado entre esses entrevistados e suas respectivas famílias deflagra um momento de cisão entre aqueles que permeiam o conceito de permanência de uma comunidade étnica, com uma cultura tradicional mais “fechada”, e outros que não se vêem mais como membros de tais grupos étnicos e a cultura ali defendida, como se evidencia no confronto destes com seus pais, que determinavam uma série de ações premeditadas para seus filhos. Torna-se relevante salientar que estes nikkeis foram criados dentro de um campo cultural com diversos eixos, nos quais alguns são mantidos e outros não.

Enquanto muitos nikkeis viam a si próprios como parte de uma comunidade étnica, outros se desvinculam das instituições de seus pais imigrantes. Os sujeitos, em sua maioria, consideravam-se externos à comunidade, apesar de serem vistos por muitos brasileiros como internos a ela. [...] Os estereótipos sobre os nikkeis, fossem eles agricultores ou atrizes, emaranhavam-se sempre numa rede de xenofobia e xenofilia. Os nikkeis, com freqüência (sic), afirmavam que não agiam como “japoneses”, e sim como “brasileiros”, mesmo ao explicar seu sucesso como culturalmente vinculado a uma pátria ancestral imaginada. (LESSER, 2008, p.33)

Essa dupla abordagem demonstra uma gama de novos conceitos que permeiam o conjunto social do nikkei. “Depois que eu entrei para a faculdade, eu consegui me soltar um

⁵⁴ A presença dos nipo-descendentes nas universidades públicas é tão marcante que se tomar como exemplo o curso de medicina da Universidade de São Paulo (USP), nos anos de 2001 a 2007 estes nikkeis representavam 21,4% do total dos médicos graduados (YAMANISHI et al, 2010).

pouco da cultura japonesa que meus pais me impunham desde criança! Não sei se meus filhos vão ter contato com esta cultura japonesa, sou mais o Brasil mesmo!” (Marcos Takeda, estudante, 34 anos, 21/03/14). Com a mudança das gerações, os descendentes de japoneses passaram a usar a segunda vertente da imposição para o sucesso profissional como forma de se fugir das pressões oriundas de uma cultura nipônica tradicional mais fechada de seus pais.

Benedict (2011) ressalta:

No Japão, é precisamente na família que são aprendidas e meticulosamente observadas as regras de respeito. Enquanto a mãe anda leva o bebê preso às costas, empurra-lhe a cabeça para baixo com a mão e suas primeiras lições consistem na observância de um processo respeitoso com relação ao pai ou ao irmão mais velho. A esposa inclina-se diante do marido; a criança, diante do pai; os irmãos mais jovens, diante dos mais velhos e a irmã, diante de todos os irmãos, qualquer que seja sua idade. Não se trata de um gesto vazio. Aquele que se inclina reconhece o direito do outro interferir em assuntos sobre os quais ele próprio preferiria decidir e o que recebe a saudação assume, por seu turno, certas responsabilidades relativas à sua posição. A hierarquia baseada no sexo, geração e primogenitura constitui parte da vida familiar. (BENEDICT, 2011, p. 48)

Torna-se evidente que a cultura nipônica, como foi argumentada até agora, possui grande participação na vida social dos nikkeis no Brasil. Deve-se, também, levar em conta que estes nikkeis não estão somente em um plano cultural, mas em uma série de novas relações que desembocam no âmbito cultural brasileiro e que mesmo sob a forte presença da cultura imigrante, esta é uma das diversas facetas do universo cultural brasileiro.

[...] é necessário ter cautela para que não se retrate o indivíduo como mero receptor e seguidor de exigências resultantes da observação da hierarquia. Não se pode conceber uma versão japonesa do “indivíduo dopado” pela estrutura, e há que se reconhecer que nos estudos sobre a sociedade japonesa, alguns sucumbem a essa tentação, isto quando, na ânsia de combater essa linha de análise, não acaba radicalizando para o outro pólo (sic), criando um indivíduo extremamente racional nas suas escolhas. (KIKUCHI, 2012, p. 37-38)

Esses descendentes de japoneses detêm o fardo de carregar dois parâmetros culturais que, em seus núcleos, se tornam de alguma maneira distintos entre si. O conflito entre pais e filhos pode estar ligado à diferença destes parâmetros, sendo que a imposição de alguns valores pelos pais foge do âmbito que seus filhos possam ter tomado como uma opção a se seguir.

Na Associação, observa-se pelas entrevistas e pela conjuntura atual das reuniões dos associados, uma diminuição da presença dos filhos e netos dos primeiros colonos do PADAP e, consequentemente, o desapego com os eventos da cultura nipônica, tal como fora citado nas entrevistas que se referiam ao beisebol. Esse desapego pode ser fruto da própria busca da ascensão social, como Cardoso (1995) aponta afirmando:

Na medida em que o grau de escolaridade indica as oportunidades ocupacionais, podemos inferir deste conjunto de informações que a profissionalização dos *nissei* os afasta dos órgãos tradicionais de convivência da Colônia Japonesa, abrindo-lhes novas possibilidades de participação na sociedade nacional. (CARDOSO, 1995, p. 146)

De certo modo, pode-se deduzir que o Brasil e suas culturas se tornam o caminho de saída das tradições nikkeis vindas de um Japão “imaginado” pelos nipo-brasileiros, como disse Lesser (2008). Em outro momento, um dos entrevistados relatou um acontecimento interessante que evidencia a atenção que os pais dão ao sucesso dos seus filhos, criando configurações culturais inclusive contra as tradições nikkeis.

Meu pai praticamente me obrigou a fazer inglês. Me matricularam no *nihongakkou* (escola japonesa) e eu fui fazendo! Agora o inglês não, o inglês era imposto! Bom, até certo ponto ele era imposto, depois ele virou uma orientação! “Você vai fazer inglês! Toma o dinheiro e vai!” Hoje eu falo inglês fluente e eu acho que isso me ajuda muito hoje em dia! (Carlos Suzuki, agrônomo, 31 anos, 25/10/14)

Este tipo de acontecimento mostra claramente a importância que os pais dão ao sucesso dos filhos e evidencia, ao mesmo tempo, as transformações da cultura nikkei da cidade. Caberia afirmar que talvez a “tradição do sucesso dos filhos” estaria acima de alguns eixos da tradição nipônica. Isto é, o ensino do japonês passa a ficar no segundo plano, quando se trata da ascensão social.

A própria presença das escolas que ensinam japonês em São Gotardo serve de amostra neste sentido. Atualmente, só existe uma escola japonesa, sendo que até ano passado eram duas escolas, uma somente de japonês que foi desmembrada da associação e outra que além, do japonês, ensinava também português e matemática. Esta última, de acordo com alguns entrevistados, fechou devido à baixa procura por parte da sociedade são-gotardense em geral. Ou seja, em seus quadros de membros, esta escola não possuía somente nipo-descendentes, mas qualquer um que tivesse interesse nas suas disciplinas oferecidas⁵⁵. Em uma perspectiva pessimista, a outra escola de japonês caminha no mesmo sentido.

Para você ter ideia como anda a escola japonesa aqui, hoje são 4 alunos que estão matriculados! Dentre os quatro, três são meus filhos, pra você ver o interesse que as pessoas estão tendo em repassar o japonês aqui em São Gotardo. (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14)

⁵⁵ Por não nenhum entrevistado ser relacionado à mesma, não foi possível observar se a escola sempre se manteve aberta aos não descendentes ou se ocorreu uma abertura ao longo do tempo.

Durante as pesquisas, nota-se que em São Gotardo, muitos nikkeis entre os mais jovens prezam por se autoafirmarem como brasileiros, não possuindo vontade de continuar com as tradições nipo-brasileiras. Esta conjuntura acabaria por contribuir para o abandono deste tipo de escola. De acordo com Miyao (2002), este fato é natural de acontecer com os nikkeis e atenta inclusive ao fato de que a educação surge como a “porta” para entrada da cultura brasileira.

Educação é aprender. Receber a educação brasileira não é apenas adquirir conhecimento, mas é, através da educação, aprender a cultura brasileira, é ficar de posse dela. Ter a instrução escolar brasileira e ensinar e fazer crescer como brasileiro. Proporcionar o ensino de alto grau e, passando-se por longo período de ensino, quanto mais se passa o tempo, mais se tem o processo de formação de personalidade como brasileiro. (MIYAO, 2002, p. 197)

Gradativamente o processo educacional nikkei (japonês e brasileiro) que foi formado na cidade pelos filhos dos primeiros colonos do PADAP e seus interesses em se integrar com a sociedade local são-gotardense permitiu de certa maneira uma condição privilegiada para este grupo nikkei. O sucesso encontrado pelos agricultores nikkeis, inseridos nesta conjuntura educacional, revelou também a importância da honra das famílias nipônicas, no que se refere à perpetuação dos seus negócios agrícolas e à sua ascensão social. Desta forma, a discussão sobre a honra e a ascensão social se torna fundamental para se pensar o caso nipônico de São Gotardo.

2.5 A Honra e a Ascensão Social

A busca da ascensão social pelos pais e familiares nikkeis está ligada diretamente à honra que cada família nikkei mobiliza para com os seus membros e para com os grupos em geral. A honra, que é uma das principais discussões de Benedict (2011), tem em São Gotardo um reflexo deste tema no que se refere às suas famílias e à comunidade nikkei onde estão integradas.

Lembro-me de um caso que vai servir de explicação da honra que nós carregamos como nipo-brasileiros! Há um tempo atrás uma família da nossa comunidade nipônica pegou emprestado uma quantia de dinheiro com outra família da comunidade para tentar reaver os gastos que foram produzidos de uma colheita que foi mal sucedida. Mesmo após muito trabalho, a família que devia não conseguiu pagar o empréstimo, fazendo com que a família se desligasse da comunidade por completo, numa tentativa de amenizar a vergonha com a família que havia emprestado o dinheiro e também a nossa comunidade. Sempre que vai ter algum evento eu faço questão de convidá-los, mas depois deste caso, nunca mais eles foram em nenhum evento ou reunião nossa. (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14)

O contexto aqui colocado pode estar, de fato, ligado ao *mura hachibu*, que nada mais é que uma negação da participação da família dentro da comunidade em razão de alguma violação

da ordem do grupo ou a “ofuscação” da honra das famílias envolvidas que, neste caso, se traduz pelo insucesso de pagar tal dívida. Sakurai explica sobre este tema:

Essa ideia da negligência e da traição ao grupo como práticas sumamente condenadas tem suas raízes no passado. Desde a época feudal até o século XX, as comunidades rurais mantinham seu equilíbrio assentado na obediência de cada um às normas da coletividade. Assim, qualquer transgressão desequilibrava toda a vida dos moradores. A instituição do *mura hachibu* era uma forma de ostracismo imposta pelo conselho comunitário quando a harmonia e a paz da aldeia eram ameaçadas por alguém da comunidade. Lançava-se mão dela em casos graves, como incêndios provocados por falta de atenção, assassinato, mas também como punição pela não participação em alguma atividade ou pelo não cumprimento de uma ordem. As sanções comunitárias afetavam toda a família. Não se previa a expulsão, mas proibia-se, por exemplo, a participação nas atividades comunitárias. Assim, a carga moral diante dos outros já era um grande castigo. Arranjar casamento tornava-se um problema não só para o transgressor, que fica com o nome “sujo”, mas para todos os membros da família. (SAKURAI, 2008, p. 288-289)

Essa relação de reputação pode estar também remetida ao “giri” que cada família japonesa ou descendente possui. O “giri” resumidamente é uma categoria japonesa que remete às motivações, ou boa reputação, para com seus membros (BENEDICT, 2011). Ou seja, o “giri” está no plano de árduas exigências que faz sobre uma pessoa ou várias, através de um motivo, assumidos dentro do círculo imediato de sua família e para com seus governantes ou chefes (lideranças) para um resultado pretendido.

O reconhecimento do “giri” está ligado à própria reputação da posição que a família, o membro ou o grupo, ocupa dentro da sociedade japonesa. Se ocorre a quebra do “giri” e o membro ou família não consegue arcar com os resultados, como no caso da família que não conseguiu pagar o empréstimo, o prestígio de toda a família entra em jogo. A questão do “giri” ocupa espaço entre os japoneses como uma virtude ligada à lealdade e gratidão, quando estas não estão no mesmo nível, o envolvido, ou envolvidos, se torna um eterno dependente da honra perdida, transcendendo o tempo.

De certa forma, cabe apontar que o “giri” que estava presente na sociedade japonesa do início do século XX, foi mobilizado junto com os demais eixos da cultura japonesa no Brasil pelos primeiros imigrantes. Com as devidas transformações culturais que este tema “perpassou”, é notável que o mesmo ainda esteja presente entre os nipo-brasileiros, principalmente no que se refere à ascensão social.

Os nikkeis, diferente de outros grupos imigrantes do Brasil, possuem a necessidade de crescer economicamente, culturalmente e socialmente a todo o momento! Temos uma fome de crescimento que se é visível pela força tecnológica do nosso país ancestral. Se somos o que somos hoje, é porque trabalhamos duro para conseguir chegar onde estamos! (Ukio Tanaka, aposentado, 70 anos, 01/03/14)

É observável, pela pesquisa, que vários entrevistados se afirmavam como membros da classe média e, em alguns dos casos, como classe alta da sociedade brasileira, evidenciando que eles possuem determinada preocupação com a melhoria da sua situação econômica ou social, tal como foi observado por Cardoso (1995) nos grupos nipo-brasileiros em São Paulo. De certa forma, esta preocupação com a sua ascensão social se tornou um dos elementos culturais de São Gotardo, não somente pelos nikkeis, mas a partir destes, a preocupação com ela se acentuou junto à sociedade são-gotardense em geral. Nota-se que existe entre os não descendentes essa busca pela ascensão social, principalmente aqueles que de alguma forma possuem um contato maior com os nikkeis, seja ele no trabalho, na escola, nos diversos eventos etc. Possivelmente as próprias relações de convívio que foram construídas ao longo do tempo entre os grupos fomentaram essa busca de ascensão social. Neste sentido torna-se fundamental entender como são as relações sociais em São Gotardo atualmente.

2.5.1 A Sociabilidade atual entre os grupos

Se havia todo um movimento no sentido de integrar os nikkeis à sociedade são-gotardense, hoje pode-se afirmar que este movimento obteve sucesso. É certo apontar que diversos setores da cidade serviram de “espaço” para as relações entre os grupos são-gotardenses, nos setores comerciais, educacionais, sociais, políticos, entre outros. Se no início da implantação eram vivas as tensões entre as gerações mais velhas, tanto pelos nikkeis quanto pelos não descendentes, atualmente essa tensão deu lugar a novas relações sociais com bastante ênfase entre os grupos⁵⁶.

Vocês dessa faixa etária, igual dos meus netos, já quebrou muito [as tensões]. [...] Vocês já frequentaram a mesma escola. Os filhos dos nikkeis já são nativos daqui. Então, eu vejo os meninos [descendentes] conviverem numa normalidade tremenda. Agora pra nós, nós realmente recebemos pessoas diferentes aqui. E que eles se faziam diferentes também né? Se você observar, eles criaram um clube para eles, a ABCESG. Hoje você fala em ABCESG normal, mas naquela época nós víamos como o clube dos japoneses, ou seja, deles né. E vocês dessa faixa etária já não vê assim. Mas durante esse período [após a implantação do PADAP] eu fiz muitas boas amizades com eles, dentre eles, dois já falecidos o “Rubão” (Rubens Kazuo Yamaguchi) e o Luiz Sasaki. Foram meus bons amigos! (Mario Andrade, comerciante, aposentado, 72 anos, 07/09/14)

⁵⁶ Existem ainda pequenas tensões na comunidade nikkei como também pelos não-descendentes (com esta comunidade), mas de forma bastante ténue ou fraca, que serão tratadas posteriormente neste capítulo.

Ou seja, a integração se deu através do convívio entre as gerações, que de certa forma também foi responsável pela diminuição ou supressão das tensões que estavam presentes no início da implantação. É importante destacar que este convívio permeou todo o contexto da implantação, mesmo que de forma indireta, mas sempre estava ali sempre presente.

Comecei a trabalhar na república dos japoneses em 1975 quando Creuzo Takahashi era diretor da Cotia. Cuidei de 36 jovens que para mim eram meninos. Todos saíam de casa antes do sol nascer e às onze horas voltavam para os lotes onde trabalhavam lado a lado com os empregados. Quando voltavam, era aquela expressão de cansaço e de alegria ao mesmo tempo. Após o banho jantavam e logo, logo iam dormir para recuperar as energias. Afinal, no dia seguinte, tudo recomeçava. Tenho 72 anos, sou aposentada mas continuo com essa japonesada. Trabalho na cozinha da COOPADAP, onde preparam o cafezinho, o pão de queijo, salgados e o bolo de que eles tanto gostam. O ambiente é muito bom que a gente não sente o peso dos anos. Os filhos dos cooperados, eu os tenho como netos muito queridos. (Depoimento de Genesia da Piedade retirado de SASAKI, 2008, p. 268)

A utilização da palavra “indireta” se dá pelas tensões que existiam no momento da chegada destes e durante o início da implantação do PADAP na cidade. Todavia, mesmo havendo essas tensões, havia interação entre os grupos, seja de forma visível ou não, esta interação não deixou de existir. Outra entrevista evidencia a relação que foi criada entre os grupos, o que remete em reafirmar a importância do convívio que foi criado na cidade após a vida dos mesmos.

Tenho grande amizade com muitos! Os que já convivi, eu tenho boas amizades. Meu filho inclusive trabalha para os japoneses em seu escritório localizado na fazenda deles há mais de 25 anos! Ele gosta imensamente deles e eles têm a maior consideração com ele. Os japoneses só trouxeram boas coisas para São Gotardo. (Celeste Rosário, aposentada, 71 anos, 14/11/14)

Durante a pesquisa, foram diversos os entrevistados que afirmaram a boa relação existente entre os grupos que atualmente compõem a sociedade são-gotardense. Acredita-se que a abertura da ABCESG aos não descendentes colaborou para as boas relações entre os grupos na cidade. O convívio, que inicialmente somente se dava no campo, no universo do trabalho, passou também para o universo do lazer, dentro da Associação.

Por outro lado, estas relações são produto também do reconhecimento do grupo nikkei e seu importante papel na cidade. No que se refere ao reconhecimento dos nikkeis da cidade, este deve ser entendido a partir da origem desses atores sociais, ou melhor, pela descendência comum entre os mesmos. A sua descendência é o ponto de partida para se reconhecer como um nikkei ou o “japonês”, tanto por parte dos seus como também dos não descendentes. A origem

biológica, como ainda pode ser dito no caso de São Gotardo, torna-se o aspecto primário para se pensar no “ser japonês”.

Quando afirma-se que a origem ou sua descendência é o aspecto inicial de pensar o “ser japonês”, é pela razão que muitas vezes foi observado que alguns nipo-descendentes, como no caso deste estudo, não possuíam contato com as tradições da cultura nipônica (dadas como primordiais, principalmente por aqueles adeptos ao conceito de cultura voltada para os descendentes de japoneses e também em parte pelo imaginário comum) e, de fato, eram entendidos como “japoneses” por ambos lados (entre os descendentes e os não descendentes), o que acaba por remeter a importância da descendência comum destes nikkeis.

De acordo com Poutignat & Streiff-Fenart (2011) este tipo de identificação é comum, principalmente por se tratar de um “grupo migrante”. Vale observar a sua reflexão:

Nem o fato de falarem a mesma língua, nem a contiguidade territorial, nem a semelhança nos costumes representam por si próprios atributos étnicos. Apenas se tornam isso quando utilizados como marcadores de pertença por aqueles que reivindicam uma origem comum. Para os descendentes dos imigrados e os povos em diáspora, o território de origem constitui um recurso sempre disponível, mesmo quando as semelhanças culturais e linguísticas já se apagaram. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 163)

Ou seja, a origem se torna o ponto universal para identificar⁵⁷ os nikkeis, mesmo que estes não coadunem de tradições e outros elementos fundamentais (para os mesmos) existentes na cultura nikkei. Mas, por outro lado, esse afastamento não indica que estes descendentes não compartilham de algumas configurações da cultura nikkei. Consciente ou inconscientemente, muitos participam de ações que possuem um histórico característico da cultura nipônica, o que revela a negociação de configurações que é existente entre as diversas culturas.

Este fato comprova o movimento que está presente na cultura e que é responsável por modificá-la a todo instante. Essa mudança, que provavelmente afetou os parâmetros que eram entendidos como “genuínos” ou “originais” da cultura nipônica, estão cedendo o seu espaço para novas configurações da própria cultura que está em expressivo contato com diversas

⁵⁷ A “fenotipia fundamental de possuir olhos puxados”, tal como observa Karina Ishimori (2005) não é mais o único fator fenotípico de identificação destes. A pesquisadora afirma a necessidade de se entender os mesmos além desta característica fenotípica. Por outro lado, Kebbe (2012) completa esta discussão defendendo que é comum encontrar descendentes que não possuem traços de ascendência japonesa. Estes pesquisadores contribuem a pensar no sentido que a presença dos mestiços (provenientes de casamentos interétnicos) se ampliou o bastante para que os traços fenotípicos se tornassem um dos diversos critérios de diferenciação dos nikkeis entre os demais grupos. Em São Gotardo, como em outras regiões, inclusive, observa-se um grande número de mestiços e esta característica fenotípica não é mais única no que se refere a distinção dos nikkeis da cidade. Os nomes possuem um papel importantíssimo como fator que completa a distinção destes nikkeis na cidade, juntamente com a característica fenotípica dos “olhos puxados”, como observa Ishimori (2005).

configurações culturais e que, de certo modo, levantam dúvidas sobre o futuro desta cultura nipônica.

2.6 Pensando o futuro da cultura nipônica a partir de São Gotardo

Antes de se pensar no futuro da cultura nikkei de São Gotardo, é fundamental entender as discussões que já estão presentes sobre esta cultura de forma geral no Brasil. Ao pensar sobre o futuro da cultura nipo-brasileira e quais os caminhos que a mesma vai seguir, Motoyama (2010) enriquece este debate apresentando dois eixos dos possíveis caminhos que esta poderia tomar. Um primeiro, e mais pessimista, o autor aborda através do pensamento de Katsunori Wakisaka (*apud* MOTOYAMA, 2010) que a partir do colapso das antigas comunidades nipônicas, a língua japonesa que, ligada à cultura, levaria as comunidades à sua extinção em solo brasileiro. Ambas seriam objeto de estudo somente dentro das universidades ou áreas educacionais.

Desta maneira, para Wakisaka (*apud* MOTOYAMA, 2010) o eixo principal da cultura nipônica estaria somente no âmbito da comunidade nikkei. Outro ponto importante de sua reflexão é a afirmação que a base da cultura estaria no uso da língua japonesa. Quando esta entrar em desuso, a cultura nipônica ficaria restrita ao estudo somente no núcleo acadêmico.

Diante destas reflexões de Wakisaka torna-se necessário fazer duas ressalvas. A primeira é que em algum momento as antigas comunidades nipônicas podem realmente desaparecer, mas não é fundamento apontar que a cultura desaparecia em razão da falência das antigas comunidades, pelo simples fato que a cultura é algo maior que as próprias comunidades. (MOTOYAMA, 2010) Não se afirma que as comunidades nikkeis não sejam importantes para a cultura nipo-brasileira, mas esta cultura não se resume somente às comunidades. No caso de São Gotardo, por exemplo, a cultura nipo-brasileira não se resume somente à comunidade nikkei da cidade, mas está envolvida com diversos âmbitos da sociedade são-gotardense em geral.

Sobre estas reflexões, Motoyama (2010) acrescenta ainda que “de fato, um dia mais, um dia menos, a cultura original – pois, ela não consiste mais naquela trazida da sua terra natal pela hibridização com a brasileira – da colônia morrerá com a morte dos seus velhos cultores” (MOTOYAMA, 2010, p. 457).

Acerca do pensamento de Wakisaka (*apud* Motoyama, 2010), é essencial perceber que a cultura trazida pelos imigrantes incorporou-se nos variados setores da cultura brasileira, não somente pela língua, como pela alimentação, pelos esportes entre outros. No contexto da cultura

nikkei em São Gotardo, é notável o apreço que os descendentes e os não descendentes têm, por exemplo na culinária japonesa. Atualmente existem dois restaurantes na cidade (um deles é, há onze anos, membro do comércio local) que possuem sua matriz na culinária da cultura nipo-brasileira⁵⁸ e se tornam exemplo desta simpatia pela culinária japonesa.

Outro importante evento que evidencia a simpatia pela cultura nikkei (no que se refere à gastronomia) na cidade é o *Sukiyaki*⁵⁹. Realizado na ABCESG, sobretudo nas épocas frias do ano, o *Sukiyaki* conta com a presença dos diversos grupos da sociedade local para degustar um dos “pratos” mais famosos da cultura nipo-brasileira. Durante o evento nota-se a confraternização da sociedade são-gotardense e, ao mesmo tempo, o evento se torna um espaço para os diversos assuntos dos seus frequentadores, tais como: o preço das culturas agrícolas; melhor técnica de plantio; empregos nos diversos setores da cidade; entre outros assuntos. Essa conjuntura evidencia que a simpatia pela culinária nikkei não acontece somente pelos descendentes mas, também e principalmente, pelos não descendentes de São Gotardo e região.

O segundo eixo abordado por Motoyama (2010) sobre os possíveis caminhos da cultura nikkei se encontra principalmente nas artes visuais. O autor chama atenção sobre a propagação da cultura pop japonesa, através dos seus desenhos animados e revistas, chamados de *anime* e *mangá*, entre os brasileiros e também ao restante do mundo.

Na defesa deste pensamento está Jhony Arai (*apud* MOTOYAMA, 2010) que, sob um aspecto otimista, afirma que a cultura japonesa nunca se encontrou em tamanha expansão por estes meios. Atualmente, este é um fenômeno planetário desta arte da cultura japonesa. Desenhos e revistas japonesas atravessam os continentes com o advento da tecnologia - a internet - influenciando diversas gerações de pessoas ao redor do mundo, inclusive o Brasil que, nas últimas décadas representou um potencial mercado, devido seu grande crescimento por buscas deste tipo de arte.

⁵⁸ Fora outros diversos estabelecimentos que possuem também comidas nipônicas como outros restaurantes (que não possuem matriz nesta cultura, mas sempre tem algum prato desta culinária oriental) e supermercados, como foi visto no primeiro capítulo.

⁵⁹ O prato *Sukiyaki* tem origem camponesa e datada na era medieval japonesa. A palavra *Sukiyaki* é uma palavra composta onde *Suki* significa rastelo e *Yaki* significa assar, deste modo, *Sukiyaki* significa assar com rastelo. A origem deste prato, hoje sofisticado e tradicional, teve início com os camponeses assando batatas-doces diretamente no fogo com o auxílio do rastelo japonês que com seu formato peculiar facilitava este processo de cocção, facilitando a vida dos camponeses evitando que eles tivessem que levar utensílios de cozinha mais pesados. Com o passar do tempo eles passaram a assar outros legumes e foram agregando mais ingredientes e molhos, já utilizando panelas de ferro em datas festivas onde todos os comensais se serviam da mesma panela. Assim, o *Sukiyaki* ganhou um valor espiritual típico do japonês que é o de reafirmar os laços familiares, afetivos e de amizade através da mesa, resguardando sua cultura e tradição (SUSHI KYO, 2014).

Em São Gotardo os novos caminhos trilhados pela cultura nikkei estaria principalmente no universo do trabalho. As diversas empresas que foram se desenvolvendo após o PADAP, hoje são importantes entidades (mesmo que comerciais) no que se refere a uma condução de elementos da cultura nipônica na cidade. As empresas tal como: Grupo Tsuge, Grupo Leópolis, Sekita Agronegócios, Shimada Agronegócios, Comercial Agrícola São Gotardo-CASG, entre outras, são exemplos das novas configurações da cultura nikkei nesta cidade mineira. Estas empresas possuem elementos importantes da cultura nikkei que em São Gotardo, acabam por se tornar um produto cultural desta cidade. A busca pela ascensão social dos diversos setores envolvidos (tais como funcionários, clientes, sócios, entre outros) e o seu conceito de cooperativismo (tanto pela sua produção agrícola como pelo seu processo de políticas sociais) marcam a presença da cultura nipônica em São Gotardo através deste novo patamar agrícola.

Sobre a análise da conjuntura atual da cultura nipo-brasileira, é fundamental defender o pensamento de que quanto maior a inserção da cultura nikkei no universo cultural brasileiro, melhor seria para a continuação da mesma em seus diversos moldes, sob novos patamares, como foi discutido aqui e sobretudo com novos membros.

De certa forma, São Gotardo é também um espaço destas discussões e se encontra neste eterno dilema de quais os rumos que devem ser tomados para continuação das configurações que a cultura nipônica possui ou mesmo possuiu na cidade. Durante as entrevistas, um dos entrevistados, o senhor Ren Katsuo, também chama atenção a este caminho que a cultura nikkei deve percorrer, valendo recorrer a sua fala:

Quando me perguntam: “Por que será que foram tão poucas pessoas nos eventos japoneses na cidade?”, logo eu sei da resposta. Não existe divulgação dos eventos pro povo que não é descendente de japonês! Se você quer participação, abra para os brasileiros! Só podemos continuar a cultura japonesa com a presença não somente do japonês, mas principalmente dos brasileiros! Infelizmente, tem gente no comando das coisas que não acredita da mesma forma que eu! Que certos eventos só podem ir descendentes de japoneses, aí depois vem aquela conversa que não está indo ninguém! Abre pra todo mundo pra você ver se não aparece pessoas interessadas nos eventos! (Ren Katsuo, agricultor, ex-colono, 61 anos, 03/11/14)

A preocupação sobre o curso em que a cultura nipônica está “trilhando” também é vista nas reflexões de Miyao (2002). O pesquisador afirma que, se não houver o abandono do pensamento de colônia (voltado para somente os nipo-descendentes) ou do “nikkei tradicional”, a cultura estará fadada ao insucesso. Ou seja, a cultura nikkei deve ser pensada dentro de uma ótica da sociedade brasileira e para a sociedade brasileira em geral.

Miyao (2002) define que:

O que se pode dizer é que se deve mudar a maneira de pensar. Deve-se libertar dos estritos quadros do nikkei e partir para raciocinar em termos de sociedade brasileira, do Brasil, incluindo nesse todo, os nikkeis das gerações sucessoras. Sem essa compreensão a “colônia” definhará, cada vez mais, a caminho da extinção. (MIYAO, 2002, p. 118)

Por outro lado, é necessário pensar que as configurações nikkeis entendidas como “tradicionais” são um importante marco da própria história cultural nacional. O arcabouço de tradições trazidas pelos imigrantes no início do século XX atua contemporaneamente na riqueza da multiculturalidade brasileira (TAKEUCHI, 2010). Entretanto, o objetivo de continuar e ampliar esta cultura não é somente daqueles que compõem os núcleos associativos, cooperativos ou nipo-descendentes, mas para todos aqueles que possuem interesse pela cultura seja, pelas artes, pela culinária, pelos esportes entre outros elementos da cultura nipo-brasileira.

De certo modo, deve-se atentar também que a cultura nikkei movimenta-se a todo momento, mesmo quando alguns de seus membros acreditam que a mesma esteja ligada somente ao passado. Suas configurações estão envolvidas num processo de transformação que está intimamente ligado ao presente e, ao mesmo tempo, pensando no futuro, como é questão da própria tradição.

Stuart Hall (2001) discute neste sentido alegando que:

[...] Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”. (HALL, 2001, p. 87)

No caso de São Gotardo, foi observado que a maioria dos nipo-descendentes já estão abertos a estas novas transformações da cultura nikkei. Neste sentido, o “fracasso” ou mesmo o “insucesso” da cultura nikkei, estaria somente no patamar daquelas configurações que são entendidas como “tradicionais”, sendo que se estas fracassassem, a cultura não deixaria de existir, apenas cederia lugar para novas posições. Posições estas que são resultado de diversas configurações culturais.

Motoyama (2010) argumenta neste viés de transformação cultural, apontando que:

Outrossim, a longa incursão aos dominós da História tem a finalidade de mostrar a cultura como um processo histórico não é algo petrificado, formalizado, parado no tempo, nem imune às influências do meio cambiante. Ou seja, incorre-se muitas vezes no erro de pensar que existe algo atemporal, uma cultura japonesa no Brasil que

persiste imutável desde a chegada do Kassato (sic) Maru ao porto de Santos, naquele afortunado ano de 1908. (MOTOYAMA, 2010, p.456)

Neste conjunto de transformações os nikkeis da cidade não deixariam de serem “nipônicos ou descendentes de japoneses” por não continuarem com aquele repertório de tradições dadas como “genuínas” ou “originais”. Estes continuam sendo entendidos como “japoneses”, mesmo não adotando as práticas de tal postura, como asseguram Poutignat & Streiff-Fenart: “Um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua, e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distintivo” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 156).

Contudo, não cabe afirmar nas reflexões acima que as tradições dadas como “originais” ou tradicionais devam ser esquecidas pelos descendentes e os demais grupos, mas que as mesmas estejam abertas aos processos de transformação que é natural de qualquer cultura.

Passar a entender a cultura como um processo que está acontecendo e não como um processo dado e acontecido é um “passo” relevante para se pensar a cultura nikkei que está presente em São Gotardo e se faz um dos símbolos culturais desta. O cooperativismo é uma amostra desta estrutura cultural que se modifica e se amplia, marcando a sua presença na cidade. A atual ABCESG se torna um exemplo deste movimento cultural.

2.7 A ABCESG atual e o cooperativismo que se faz presente na cidade

Atualmente a associação é um espaço que congrega os diversos grupos da cidade. Os eventos que são realizados na mesma, que antes eram organizados somente para os nipo-descendentes, agora são em grande parte abertos a qualquer um interessado. O Sukiyaki, como foi dito neste capítulo, é um dos eventos mais movimentados e também esperados pela população local. Há de se atentar que no processo de abertura da associação para a comunidade em geral, houve outros eventos, que mesmo não fazendo parte da cultura nikkei, também se tornaram referência na confraternização dos diversos grupos de São Gotardo.

As festas da “Latinha” e do “Chopp” são comumente lembradas pela sociedade em geral, principalmente pela alegria e união que elas propiciavam para os seus frequentadores. As festas da “Latinha” aconteciam em sua maioria no início do ano, entre os meses de março até maio. A festa se resumia em uma reunião da comunidade em geral (descendentes e não descendentes) com uma grande soma de refrigerantes e cervejas, e também um famoso churrasco.

De semelhante maneira ocorria também a festa do “Chopp”. Realizada na maioria das vezes em setembro, esta festa reunia principalmente os adultos em um dia voltado para a diversão dos participantes, contando com barracas lotadas de galões de chopp e comidas. O dinheiro gerado por ambas as festas era usado para auxiliar nas viagens que eram feitas durante os campeonatos de beisebol pelos jogadores da ABCESG e também no auxílio de algum projeto social de São Gotardo, tal como ajudar alguma escola na compra de merendas, material escolar, etc.

Com o tempo, as duas festas foram canceladas em razão das reclamações dos associados ao observarem que grande parte dos frequentadores voltavam dirigindo embriagados para suas casas, podendo trazer o perigo para todos, como confirma Yumi:

Tanto a Festa do Chopp quanto a Festa da Latinha reuniam muitas pessoas na ABCESG! Foi triste ter que acabar com elas por causa das pessoas que bebiam e teimavam em voltar de carro para São Gotardo. Até que não tivemos nenhum acidente, mas era prudente acabar com elas antes que houvesse algum, né? (Yumi Sai, empresária, 44 anos, 16/04/14)

As duas festas são produtos da sociabilidade que foi sendo criada pela comunidade nikkei com a sociedade são-gotardense em geral. Esta sociabilidade foi responsável inclusive por designar o papel social da associação junto à comunidade⁶⁰ (SASAKI, 2008). No seio destes processos, cabe afirmar que a sociabilidade criada entre os nikkeis e os não descendentes acabou por levar alguns aspectos da configuração cultural nipônica que antes era mantida somente na associação, por exemplo, o cooperativismo. O auxílio da ABCESG à sociedade, nos mais diferentes âmbitos, exemplifica um contexto do cooperativismo que é operante na cidade.

Outro exemplo que evidencia este elemento cultural nipônico na cidade é o “Dia de Cooperar”. Realizado em São Gotardo, no dia 14 de setembro, de 2014, este evento realça as transformações que a cultura nikkei da cidade está envolvida. O “Dia de Cooperar” tal como o próprio nome já diz, é um reflexo da ampliação ou mesmo abrangência deste “componente” cultural nikkei que se desenvolveu na cidade, além da associação, todavia com os mesmos objetivos cooperativistas.

De acordo com alguns voluntários, o “Dia de Cooperar” é uma atividade que tem como meta estimular e promover a integração das ações voluntárias dos membros das cooperativas

⁶⁰ Mesmo tendo acabado as festas, o Departamento de Senhoras, realiza todo o ano diversas atividades, como cursos de etiqueta e culinária, entre outros, no intuito de arrecadar fundos para entidades locais. Para mais informações, consultar Luiz Sasaki, *Portal do Cerrado* (2008).

que atuam na cidade, que são elas a COOPADAP⁶¹, a Cooperativa do Cerrado (COOPACER)⁶² e a Cooperativa de Crédito da Micro-região do Alto Paranaíba (CREDISG), em prol de tarefas que auxiliem a comunidade local, tais como: medição de pressão arterial, glicose e tipagem sanguínea; dicas de prevenção ao tabagismo; orientação financeira; confecção de carteira de identidade e de trabalho; orientação jurídica e financeira; e informações sobre a Sociedade Protetora dos Animais. Em um breve resumo etnográfico, o evento estava localizado na praça São Sebastião, com suas barracas dispostas em fileiras, iniciando a realização de suas atividades de manhã (por volta das oito e vinte) até após o almoço (terminando aproximadamente às quinze horas).

Neste acontecimento social é visível a participação dos nikkeis nos diversos setores do evento, como também dos outros membros das cooperativas em questão, mas sobretudo destes primeiros, que ao mesmo tempo colaboravam para a melhoria social da cidade e também somavam mais um passo na transformação da cultura nipo-brasileira de São Gotardo. A participação dos nikkeis não era maciça, mas durante o evento tornava-se clara a presença dos mesmos em suas diversas gerações.

Num primeiro momento, observei duas *batians*⁶³ conversando em japonês acenando para o palco de modo, quase que eufórico, muito sorridentes. Me aproximei das mesmas, mas de maneira que a minha presença não alterasse a conversa que estava acontecendo ou mesmo as ações que estavam para acontecer. No palco, uma professora de educação física estava orientando aos ouvintes algumas maneiras de se alongar antes de dançar. Não sabendo que haveria este entretenimento, fiquei parado observando a atuação das duas senhoras que estavam na minha frente.

Ao começar a música, as duas começaram a dançar de modo totalmente contrário do restante do pessoal que estava dançando. As *batians* dançavam de uma maneira mais serena e sincronizada que os demais, parando algumas vezes para rir, dos gestos errados delas em relação a alguma dança que elas estavam protagonizando ou mesmo dos olhares curiosos dos que não estavam entendendo aqueles passos (imagino eu) e/ou outras razões.

De todo modo, mesmo não entendendo suas falas, entendi como significativo a presença das mesmas e seu comportamento despreocupado durante aquele momento do evento. Esta observação também contribui para se pensar na negociação cultural que estes nikkeis participam

⁶¹ Adiante a este estudo, será tratada de forma mais aprofundada a importância da COOPADAP na cidade.

⁶² Esta cooperativa possui por finalidade principal dar apoio técnico aos seus membros com pesquisas ligadas culturas agrícolas que estão presentes em São Gotardo.

⁶³ “Batian” é o termo pelo qual os descendentes de japoneses no Brasil designam a avó japonesa ou nipo-brasileira.

e que resulta na construção de suas identidades. A participação das senhoras, mesmo com músicas e danças diferentes, evidencia claramente a interação social ali presente.

Independente da razão que levou aquelas *batians* a ficarem ali dançando, torna-se fundamental entender que elas interagiam com o evento e eram entendidas como membros daquele acontecimento. Dançar de forma diferente as músicas brasileiras (inclusive parecia estar muito próximo ao *Bon - Odori*⁶⁴), falar em japonês, são produtos de uma identidade que se alterna a todo momento, entre diversas configurações culturais. Em síntese, esse acontecimento realçou a negociação que está presente entre as diversas configurações culturais em São Gotardo.

Hall (2001) atenta para esse processo sob o qual as identidades passam, vale atentar à sua fala.

[...] Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns. (HALL, 2001, p. 88)

Ao continuar a caminhada pelo evento, notei crianças nipo-brasileiras ou *mestiças*⁶⁵ (o discernimento das mesmas aconteceu por de fato eu conhecer os pais deles) brincando com outras crianças não descendentes ao redor de pessoas fantasiadas e ao fundo nas barracas. A cidade, assim como outras que detém populações de descendentes de japoneses, concentra um grande número de mestiços, principalmente nas gerações mais novas. Como afirma Miyao: “[...] Da suposta, atual população de 1 milhão e 400 mil nikkeis, os imigrantes da primeira geração são 70 ou 80 mil, apenas 5% do total. E os netos e bisnetos, da terceira e quarta gerações que estão aumentando celeremente, são miscigenados em mais de 50%” (MIYAO, 2002, p. 116).

Não será aprofundada esta questão, mas deve-se salientar que São Gotardo não se encontra fora da reflexão de Miyao (2002), dada sua visível presença de mestiços entre os descendentes são-gotardenses. Outra questão observada foi a participação das novas gerações (pessoas de 18 até 35 anos, sobretudo filhos dos primeiros colonos do PADAP) auxiliando o funcionamento do acontecimento social.

⁶⁴ É um conjunto de danças tradicionais japonesas onde se faz um grande círculo com grande leveza de movimentos que se revezam de acordo com o ritmo da música tocada pelos tambores japoneses.

⁶⁵ “Mestiços” são filhos de japoneses e/ou seus descendentes com brasileiros, nos chamados casamentos interétnicos.

Muitos dos filhos, que agora já se encontram em fase adulta, estavam ajudando na manutenção do evento, oferecendo água aos visitantes, carregando materiais necessários para as barraca, atendendo nos diversos tipos de serviços oferecidos pelas barracas (ala da saúde, jurídica, alimentícia, entre outras) ou mesmo na organização do evento. Um dos participantes, Ichiro Katsuo, fala sobre o evento e enriquece esta discussão:

“Japonês” tem isso de ajudar nas coisas que pega pra fazer! É da gente tentar ajudar o lugar que vivemos junto com o povo né? Nem sei se isso é cultura só nossa, mas sei que a gente foi educado pra isso! Se vai ou não ajudar aí são outros “quinhentos” [outra discussão a ser feita], mas que somos educados desde pequenos por nossos pais e professores, isso é! Só hoje aqui nós conseguimos vender um monte de camisetas e todo o dinheiro vai pro hospital do câncer em Uberaba, além de estar ajudando a cidade, né? (Ichiro Katsuo, agrônomo, 32 anos, 20/09/14)

Na fala de Katsuo observa-se certo desconforto com a não participação dos demais descendentes, entretanto, aqueles que estavam presentes durante o evento foram suficientes para se pensar nas transformações culturais nikkeis, principalmente no que se refere ao cooperativismo. O “Dia de Cooperar” se tornou um reflexo das novas configurações culturais que o cooperativismo nikkei da cidade participa.

Por outro lado, é necessário destacar também a participação da prefeitura no evento. A atual gestão, de Seiji Sekita (2012-2016), também se mostrou presente no desenvolvimento do evento. O prefeito, inclusive, era um dos voluntários que estava entregando água para os outros voluntários e os demais participantes do acontecimento. Cabe afirmar que o “Dia de Cooperar” não foi criado na cidade, mas de certa forma este tomou uma formatação do cooperativismo nikkei que se diferencia de outras cidades que realizam o evento⁶⁶.

É importante destacar que o “Dia de Cooperar” não é o único evento quando se trata do tema do associativismo e assistencialismo nipo-descendente na cidade. A festa “Arraiá da Mineira”, organizada pelo escritório agrícola, Comercial Agrícola de São Gotardo (CASG - formado majoritariamente pelo nipo-descendente Massayoshi Mario Yamashita e sua família) é outro exemplo destes dois elementos da cultura nikkei na cidade. O evento já conta com dez anos de presença e possui o objetivo de arrecadar fundos para creches da cidade.

Realizado entre os meses de maio e julho, o “Arraiá da Mineira” possui o “clima” de festas juninas, com barracas diversas contendo comidas e bebidas típicas destas festas, além de

⁶⁶ O projeto foi criado em 2009 pelo Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais – OCEMG, e a partir deste, o seu conceito é conduzido para as cidades que possuem as cooperativas integrantes do sindicato. Disponível em: <<http://www.minasgerais.coop.br/pagina/116/dia-de-cooperar.aspx>>. Acesso em: 19/10/14.

contar com brinquedos para as crianças e shows que completam a festa. Durante o evento os nikkeis, juntamente com os demais funcionários do escritório, trabalham com outros voluntários nas barracas, fornecendo comidas, bebidas e todo tipo de serviço que a festa concentra. Ali, naquele evento ou momento, não parecem existir “diferenças” entre os funcionários e os nikkeis (chefes da empresa) que trabalham.

Com base nestes tipos de eventos, observa-se como o cooperativismo está presente na sociedade são-gotardense. Por outro lado, poderia se deduzir, mesmo que brevemente, que o cooperativismo na cidade inicialmente foi mobilizado pelas famílias nikkeis (quando chegaram para a implantação do programa rural), resultando na criação da ABCESG e, com o tempo, o cooperativismo ultrapassou o espaço da Associação e iniciou um novo processo de cooperativismo, novamente pelo universo familiar, porém “inserido” em um contexto empresarial.

Neste sentido, o cooperativismo estaria, inicialmente, sendo praticado dentro do ambiente familiar e empresarial e, posteriormente, para os demais âmbitos da sociedade são-gotardense, incluindo a própria Associação. De certo modo, este raciocínio poderia encontrar alguns fundamentos, tal como o sucesso econômico obtido pelo nikkeis através do PADAP, e faria com que os nikkeis criassem um tipo de cooperativismo restrito ao grupo familiar empresarial de cada família, fazendo com que esses abandonassem a ABCESG. Ou seja, o sucesso seria o responsável por conceder o “status” para algumas famílias nikkeis, que consequentemente poderia agir ou influenciar o modo como era conduzido ou praticado o cooperativismo nikkei na Associação e, talvez assim, surgiriam desentendimentos de como organizar a Associação, fazendo com que os descontentes abandonassem a mesma.

De toda forma, estas são apenas deduções sobre este tipo de cooperativismo que está presente em São Gotardo, necessitando aprofundar os estudos neste sentido. O que se pode afirmar é que o desenvolvimento dos eventos evidencia novas configurações que a cultura nipônica está tomando na cidade. Ao observar as ações dos nipo-descendentes que estavam participando no desenvolvimento dos eventos, percebe-se a presença de diversos elementos culturais sob os quais os nikkeis estão inseridos. A estrutura da “negociação cultural” se torna evidente, principalmente durante estes tipos de eventos e contribuiu para se pensar na atual cultura nikkei de São Gotardo.

Outra instituição que merece destaque pelo seu papel cooperativista e social é a COOPADAP. Criada com o intuito de oferecer auxílio aos agricultores nikkeis, esta instituição remete atualmente à sua importância cooperativista tanto no seu papel agrícola comercial como também na questão social da cidade.

2.8 A Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba - COOPADAP e seus reflexos na sociedade

Fundada em 1994, após a falência da CAC-CC no mesmo ano, a COOPADAP incorporou as instalações remanescentes desta última na região do PADAP e se tornou uma das maiores empresas da região, com seu conceito cooperativista (SANTOS, 2010). Em São Gotardo, a COOPADAP é lembrada pelo seu potencial agrícola que, através da cooperação, colocou a cidade como um dos portfólios principais do Estado no que se refere à agricultura.

Tal como a ABCESG, que inclusive faz divisa territorial com a cooperativa, a COOPADAP possui, em sua entrada principal, uma enorme placa com o logo da cooperativa, evidenciando certa imponência para aquele que chega à mesma. No seu interior, nota-se grandes vias que servem para o transporte das diversas culturas desenvolvidas pela cooperativa. Em um olhar mais cuidadoso, fica evidente também a enorme presença de árvores que cobrem parte das vias, o que insere o paisagismo (dado o cuidado das mesmas em toda a extensão da cooperativa) tal como nos bairros nikkeis (Campestre e Jardim das Flores) e na Associação.

Figura 12 - Entrada da COOPADAP



Fonte: Arquivo Pessoal, 08/07/2014.

Seguindo o fluxo das ruas internas, atenta-se para escritórios (que são sua sede administrativa) dos dois lados das vias, onde se vê os funcionários, os clientes, os sócios e as

demais pessoas entrando e saindo a todo o momento. Outros espaços que se mostram bastante perceptíveis são os dos silos e balanças para o armazenamento ao fundo da cooperativa. Os silos podem ser vistos de fora da cooperativa, como foi descrito no capítulo anterior, dada a sua enorme altura e também largura, que chamam bastante atenção.

Atualmente, a Cooperativa conta com 102 cooperados⁶⁷ e responde pela produção de diversas culturas, tais como abacate, cebola, alho, café, feijão, milho, soja, cenoura e trigo. Ao destacar a produção de trigo, este responde por parte dos 60% da produção estadual, concentrada nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Essa última região, através da COOPADAP, é representada por um dos maiores expoentes da produção de cereais do Estado (PÁGINA RURAL, 2013). O desempenho da instituição no setor agrícola reflete, inclusive, certo tipo de influência perante a outros âmbitos como, a esfera política federal. Na citação abaixo fica evidente a influência da cooperativa junto ao poder Legislativo Federal no que se refere à necessidade de melhorias internas nas cooperativas e, consequentemente, a sua produção. Vale atentar:

Um antigo anseio da Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba (Coopadap) será atendido: o aumento da carga de energia na unidade de beneficiamento de cenoura localizada na MG-235, KM 89, em São Gotardo. A medida exigia aval da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), e o pedido para essa autorização foi intermediado pelo deputado federal José Humberto Soares (PHS-MG). Depois de participar de reunião com associados da Coopadap no dia 24 de maio passado, o parlamentar contatou o vice-presidente da Cemig, Arlindo Porto Neto, e pediu atenção especial à demanda. A resposta foi positiva, e as providências já estão sendo tomadas por uma empresa privada contratada pela cooperativa. O atual transformador de 75 Kva será substituído por outro de pelo menos 150 Kva. Segundo o presidente da Coopadap, Marcelo Morita, o aumento da eficiência energética da unidade irá significar maior capacidade de beneficiamento de cenoura pelos produtores e, portanto, mais rendimento. “Estamos instalando novas máquinas e câmaras frias, por isso é essencial termos mais energia. Aliás, essa necessidade não é de agora. Ficamos muito gratos ao José Humberto pelo total apoio”. (TAFURI, 2013, s/p)

Outra vital característica da instituição que se necessita refletir é o “Núcleo de Senhoras”, que semelhante ao “Departamento de Senhoras” da ABCESG, comprehende a necessidade da atuação feminina dentro do órgão, mas com uma diretriz diferente dos eventos realizados pelo “Departamento de Senhoras”. A criação do núcleo se deu pela sua participação junto às tarefas dos cooperados e, principalmente, pela responsabilidade de repassar a doutrina cooperativista para os filhos e netos dos cooperados (o que reflete a semelhança entre os setores

⁶⁷ Torna-se fundamental apontar que é necessário um estudo mais aprofundado sobre seus associados e a diretoria. Por hora, poderia deduzir que a diretoria da cooperativa é formada somente por nipo-descendentes, o que se verifica através das entrevistas realizadas por Sasaki (2008) e também pela atual diretoria, entretanto, reitera-se que é preciso um estudo mais específico neste sentido.

da ABCESG e da COOPADAP). Sobre o núcleo, o domínio digital da cooperativa deixa claro estes aspectos:

Nele temos um grupo muito importante, a Comissão de Senhoras, compostas por esposas de cooperados. As mesmas participam ativamente da cooperativa. Com isso são peças chave para ajudar o cooperado em sua atividade. São responsáveis também pela compreensão e aproximação de seus filhos e netos com o movimento cooperativista. Através de atividades do núcleo a família do cooperado torna-se mais integrada sobre os assuntos ligados ao agronegócio (COOPADAP, 2014, s/p).

De certa forma, as últimas linhas evidenciam traços da cultura nikkei que está presente e possuem destaque na cooperativa, traços estes que estão ligados a tradição agrícola do grupo nipo-brasileiro. Pode-se afirmar ainda que esta preocupação com a inserção do grupo familiar nos negócios dos cooperados estaria de algum modo ligado à tradição cultural nipônica de uma continuação dos filhos junto ao universo agrícola em São Gotardo.

No que se refere à questão cooperativista, o domínio digital da cooperativa destaca também “assistência técnica” aos seus membros, evidenciando a dimensão do apoio científico que é desenvolvido pela instituição, que vai desde a assistência agrícola até pesquisas com outros órgãos para o resultado de maior sucesso de cada cultura em questão.

Dentre os serviços prestados pela Coopadap está a Assistência Técnica e Comercialização de Insumos. Na Assistência Técnica as Ações desenvolvidas são:

- a) Assistência técnica agronômica;
- b) Assistência administrativa rural na apresentação e aplicação de técnicas de gerenciamento administrativo da propriedade através de treinamentos e assistência direta;
- c) Planejamento comercial de culturas, dentro da visão de agribusiness;
- d) Treinamento e desenvolvimento de cooperados e seus trabalhadores;
- e) Educação Cooperativista;
- f) Projetos de custeio e prévia de produção;
- g) Pesquisa e desenvolvimento, em sinergia com departamento de pesquisa e produção e entidade de pesquisas, com; (sic) Embrapa, IAC, Epamig, Universidades e outros;
- h) Estatística básica. (COOPADAP, 2014, s/p)

Os pontos abordados em relação à “assistência técnica” que a cooperativa se compromete aos seus cooperados, remetem também ao histórico plantado pelo sistema da antiga cooperativa de Cotia. Existia, na Cooperativa Agrícola de Cotia, o objetivo de capacitar os seus cooperados, oferecendo um apoio científico que resultaria em melhores produções agrícolas para os mesmos. Durante sua existência e abrangência, a CAC tinha este objetivo como uma das suas bases principais e influenciou diversas cooperativas no país. Esta cooperação científica, no que tange o conceito agrícola, acabou por se tornar um referencial cultural dos nipo-brasileiros neste setor em todo o Brasil (SAKURAI, 2000). Na COOPADAP

este critério não foi diferente. A ênfase no auxílio técnico e as pesquisas do campo agrícola, levam a acreditar na substancial presença da CAC dentro do comprometimento da instituição para com seus cooperados e, ao mesmo tempo, a presença da cultura nikkei nos diversos setores que os envolvidos fazem parte.

Outra importante característica da COOPADAP é o seu papel social dentro da cidade. O “Dia de Cooperar”, como foi discutido neste capítulo, é um desses exemplos do comprometimento social da cooperativa com São Gotardo. Além deste último evento, a cooperativa marca sua presença apoiando eventos tal como o “Festival de Arte e Cultura de São Gotardo” e também fornecendo patrocínio a ações que promulgam a importância do esporte na cidade, tendo em vista o benefício de uma vida mais saudável, como também uma medida de inclusão social através do mesmo. O exemplo destas prerrogativas são os passeios ciclísticos patrocinados pela instituição e a prática do *taekwondo* nas escolas públicas da cidade, desenvolvido pelo projeto “Taekwondo, o esporte como inclusão social” que há cinco anos é desenvolvido em São Gotardo.

Isto é, a COOPADAP se torna uma amostra do cooperativismo nikkei, que se torna evidente não somente no seu campo agrícola (entre seus membros), mas também no que se refere à sua responsabilidade social, tal como a ABCESG. Em sua página, esta comprova seu envolvimento, reafirmando que: “A Cooperativa desenvolve ações sociais e ambientais, de forma a manter sempre uma relação de estreito laço de responsabilidade e ética com o meio ambiente e a sociedade” (COOPADAP, 2014, s/p).

2.9 Algumas tensões presentes em São Gotardo

Em outro âmbito das discussões sobre o universo agrícola são-gotardense após o PADAP, está o fracasso de alguns nikkeis na cidade. Foi observado durante as entrevistas (e também pelo estudo etnográfico desenvolvido nos bairros onde estão presentes estes nipo-descendentes na cidade) que sucesso do programa rural não foi acompanhado por todos os colonos que integraram o programa.

Os motivos envolvidos para o insucesso de alguns nikkeis que foram entrevistados surgiram como um “assunto delicado” entre os mesmos, resultando em uma abordagem por parte dos nikkeis que “fugisse” deste tema. É plausível entender que o tema concentra elementos da cultura nikkei que são bastante estimados pelos nipo-descendentes, como o “giri”, ou a honra que as famílias nikkeis “carregam” dentro da comunidade que vivem, como foi discutido neste capítulo.

Ao mesmo tempo, este insucesso suscitou algumas reflexões sobre a sociabilidade nikkei na cidade. O grande sucesso agrícola obtido por algumas famílias acabou por gerar tensões entre os nikkeis, quer seja pela influência conquistada através de seus “ganhos econômicos” ou, como foi direcionado, os negócios na cidade, entre outros diversos motivos. Nas falas dos entrevistados⁶⁸ observa-se, por exemplo, a falta de humildade por parte de alguns nikkeis (destas famílias) que obtiveram sucesso e casos inclusive, do uso de maneira oportunista do arrendamento de terras de famílias que faliram⁶⁹ ou não conseguiam se manter no campo agrícola, pagando “mal” (pagando abaixo do valor estipulado na cidade), sendo que a consequência destes atos é a ampliação da extensão da produção agrícola destas famílias mais “poderosas”.

Nos relatos destes entrevistados foi comum escutar que “alguns japoneses esqueceram o ideal cooperativista” após o êxito econômico. No que se refere ao arrendamento em São Gotardo, é importante observar que existe atualmente um grande número de casos deste tipo, de contrato entre os nikkeis e os demais proprietários de terra. Na obra de Sasaki (2008) fica evidente também a presença deste negócio entre nikkeis. No conjunto destas tensões, existe também uma “apreensão ambiental” por parte dos não descendentes, que discutem a todo o momento a “forma” como a agricultura é tradada na cidade, principalmente pelo uso de agrotóxicos e a proximidade de lavouras junto às nascentes de rios da cidade.

De certo modo, estas questões contribuem para entender que existem diversos conflitos e tensões na cidade e que não a diferem de qualquer outra comunidade. Por outro lado, este insucesso serviu para iniciar um novo momento da história migrante dos nikkeis.

⁶⁸ As falas sobre este tema foram resguardadas a pedido dos entrevistados.

⁶⁹ Um dos entrevistados afirmou que dentre os diversos motivos para a falência de alguns colonos estava na expansão da sua produção agrícola para outros estados. A compra de terras nos estados da Bahia, Roraima e Mato Grosso do Sul se tornou um grave problema para os agricultores do PADAP por não oferecerem os mesmos subsídios, o que acarretou em uma dificuldade inclusive nas suas produções agrícolas em São Gotardo.

3 O “MOVIMENTO DEKASSEGUI” DE SÃO GOTARDO

Foi observado que devido, ao fracasso das ações de alguns nikkeis na sua busca de ascensão social, sobretudo após o PADAP, eles começaram a ver a volta ao Japão como uma solução para suas buscas dessa ascensão e também como forma de continuar como membros da classe média brasileira. São Gotardo, como outras cidades portadoras destes grupos, também possui participação no chamado “Movimento *Dekassegui*” que, resumidamente, é o contexto migratório de nipo-brasileiros para o Japão, tornando-se fundamental discutir esse movimento e a participação desta cidade mineira.

No capítulo anterior foi abordada a relevância que os nipo-brasileiros dão ao êxito profissional. O alcance deste se refere também à segurança econômica, que é um dos resultados da ênfase dada à educação como caminho fundamental para tais desfechos (CARDOSO, 1995). Infelizmente a ordem do capitalismo não integra todos seus membros sobre parâmetros igualitários. Diante da desigualdade econômica, observa-se como estes nikkeis iniciaram outros caminhos na história brasileira, partindo para a terra de seus antepassados, mobilizando seu saber migrante que se tornou marca nikkei refletida nos 107 anos da migração japonesa no Brasil. A partir desta dissertação, constata-se que São Gotardo encontra-se neste mesmo caminho.

De certa forma, o PADAP já não garante a todos, principalmente às novas gerações, emprego e ascensão social. Assim, nos últimos dez anos a comunidade nipônica de São Gotardo vivencia uma corrente migratória para o Japão, com grande significância entre seus membros, se tornando mais um capítulo da trajetória destas comunidades nikkeis.

Esse movimento de volta ao Japão é o chamado “Movimento *Dekassegui*”⁷⁰ (LESSER, 2001; SAKURAI 2008; BELTRÃO & SUGAHARA, 2006; SASAKI, 2010) que concentra uma grande participação de nipo-brasileiros trabalhando e morando no Japão. Até 2008 a nação japonesa contava com 318 mil nipo-brasileiros, sendo o terceiro maior grupo de imigrantes neste país. Em sua maioria, esses nipo-brasileiros são contratados para trabalhar como mão de obra de indústrias ou em serviços com baixa qualidade, mesmo sendo em sua grande parte

⁷⁰ O termo *dekassegui* em japonês é formado por dois ideogramas (kanji), *Deru* (sair) e *Kassegu* (trabalhar para ganhar a vida), sendo aplicado a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar, temporariamente, em outra região. Originalmente, este termo era aplicado aos trabalhadores sazonais, principalmente do norte do Japão, que no inverno procuravam trabalho mais ao sul. Hoje, no Japão, este termo é aplicado aos trabalhadores estrangeiros temporários que estão naquele país com o intuito de ganhar dinheiro (exclui os expatriados – trabalhadores de firmas estrangeiras) (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006).

detentores de formação universitária, para encabeçar empregos rejeitados pelos japoneses (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006).

A pesquisadora Elisa Sasaki (2006) afirma que esses nipo-brasileiros buscam no país de seus antepassados uma melhor condição de vida em relação à brasileira. Mesmo que não estivessem dentre as classes mais baixas brasileiras, pois se destacam em grande número na classe média, nos anos de 1980 esse grupo passou pela tumultuosa fase econômica e política no Brasil. De acordo com a pesquisadora, essa situação foi crucial para iniciar um grande fluxo de saída de brasileiros para o exterior (SASAKI, 2006).

Outra pesquisadora do tema, Maria Juliana Konigame (2011) a partir de Tsuda (*apud* KONIGAME, 2011), também aponta esta razão para a saída dos nikkeis para o Japão, e ainda o desejo de continuar o seu status ou padrão de vida, obtido através da história deste grupo na sociedade brasileira. Vale observar a sua reflexão:

Poucos nipo-brasileiros estão no Japão para escapar da pobreza e a maioria afirma que eles não tinham sérios problemas econômicos em casa. Em vez disso, eles gostariam de usar suas residências temporárias no Japão para aprimorar ou manter seus padrões de vida no Brasil com a aquisição de casas, carros e outros itens “luxuosos” [...], [ou seja] tudo o que eles esperariam ter em suas vidas, mas que eles têm sido crescentemente impossibilitados de adquirir devido à recessão. (TSUDA *apud* KONIGAME, 2011, p. 01)

A crise econômica brasileira dos anos 1980, então, foi responsável pela saída destes nipo-brasileiros com o destino ao Japão e também pela integração brasileira ao processo de incorporação dos fluxos internacionais de mão de obra. Os fluxos internacionais de mão de obra brasileira acentuaram, sobretudo neste período, não somente para o Japão, mas também com grandes números para os Estados Unidos e Europa.

O Japão, no início dos anos 1990, sinalizava também para a necessidade de mão de obra imigrante, com a abertura do país para trabalhadores temporários, mas é importante refletir que essa nação já selecionava desde 1986 os novos potenciais trabalhadores estrangeiros, tal como os nipo-brasileiros, como assegura a pesquisadora Lili Kawamura:

A migração de brasileiros ocorreu, desde seu início em 1986, sob uma política seletiva de trabalhadores estrangeiros adotada pelo Japão, perspectiva que se confirmou oficialmente na medida legal decretada em junho de 1990, a qual altera a legislação sobre a entrada de estrangeiros para trabalho no país. Segundo a emenda da Lei de Migração, somente poderiam entrar no Japão, para fins de trabalho, japoneses e seus descendentes, além dos cônjuges de qualquer nacionalidade, posição que privilegiava os brasileiros nipo-brasileiros em relação aos brasileiros de outras origens. (KAWAMURA, 2008, p. 82)

Essa medida favoreceu, também, a posição dos migrantes descendentes de japoneses em relação a outros migrantes que não possuíam descendência e mesmo assim trabalhavam no

Japão. Tal medida instaurou uma desigualdade em relação ao trabalho estrangeiro já que muitos trabalhadores, advindos principalmente do continente asiático, não possuíam documentos oficiais para sua estadia no país. A emenda também foi responsável por abrir uma brecha no que se refere à entrada dos cônjuges de qualquer nacionalidade para o Japão. Essa característica evidenciou que, apesar da restrição dada aos migrantes, a presença de não descendentes dentro do movimento *dekassegui* se torna real, dado os casamentos mistos ou interétnicos realizados.

A medida de legalização dos trabalhadores migrantes, sobretudo latinos, favorecia em grande escala ao Japão, dado o baixo custo estatal de se trazer mão de obra aos empregos negligenciados pelos japoneses e, ao mesmo tempo, contribuía com a homogeneidade étnica nacional, dada a descendência nipônica destes imigrantes. Acerca dessa questão, Sasaki (2000), a partir de Cornelius (*apud* SASAKI, 2000), infere a importância dos nipo-brasileiros como mão de obra no Japão.

[...] a política de oportunidades de imigração altamente liberal para os nikkeis da América Latina é vista pelas autoridades japonesas como um meio, politicamente de baixo custo, de ajudar a resolver a falta de mão-de-obra, com a vantagem adicional de que os imigrantes com ancestralidade japonesa não são vistos a perturbar a homogeneidade étnica mítica do país. (CORNELIUS *apud* SASAKI, 2000, p. 18)

Ao observar esta reflexão, nota-se o peso que as autoridades japonesas dão à questão da homogeneidade étnica da população japonesa. A palavra “perturbar” da citação exprime o valor étnico-racial na consciência das autoridades dada à relação mítica da origem do povo japonês, que foi afirmada por várias gerações, uma homogeneidade *sui generis* dos japoneses, frente o restante dos povos do mundo. Sakurai (2011) em seus estudos sobre a sociedade japonesa, também já havia atentado para esse princípio que está presente na história japonesa, no qual o aspecto mítico da origem nipônica, reafirma sua importância diante outros povos.

[...] as crianças japonesas aprendiam, por gerações e gerações seguidas, que eram descendentes de Amaterasu, a deusa do sol. Ela, a deusa-mãe, teria dado origem a toda a linhagem do povo japonês que descende diretamente desse tronco divino. A mensagem embutida nessa mitologia é a de que os japoneses são diferentes de todo o resto do mundo pela sua origem divina e, mais ainda, que são homogêneos do ponto de vista racial e cultural. Assim, perante si e diante dos outros, todos os japoneses se percebiam como totalmente diferentes, marcados por características peculiares ou, no termo em inglês, pela sua *uniqueness*. (SAKURAI, 2011, p. 47)

O tema da homogeneidade única dos japoneses em relação às outras populações aborda, inclusive, a questão da identidade dos nipo-brasileiros que em grande parte que não se vêem nem como japoneses e nem como brasileiros, mas como uma identidade híbrida desses dois fatores. Esta discussão da identidade será tratada no decorrer do capítulo, mas torna-se relevante

atentar a esse eixo, no qual foi elaborada a Lei de imigração japonesa, que concedeu a abertura à migração dos nipo-brasileiros.

Os documentos oficiais, que datam antes desta lei, sugerem que a manutenção da homogeneidade cultural e racial seria a maior preocupação das lideranças políticas da época. Os mesmos documentos inferem que o milagre econômico japonês pós-Segunda Guerra, foi resultado de um Japão com um grupo étnico e uma língua. A entrada dos nikkeis se torna aceitável devido ao fato de serem descendentes dos japoneses, sendo assim capazes de assimilar os valores japoneses sem mesmo considerar sua nacionalidade (SASAKI, 2000).

Observa-se, contemporaneamente, que a “consideração das nacionalidades” dos estrangeiros que adentram o Japão é um importante eixo destes, o que diverge do pensamento acima das autoridades da época. “Na cidade de Oizumi, onde eu trabalhava, era natural encontrar caixas eletrônicos todos em português!” (Kako Shimada, 32 anos, empresário, 01/03/14). A consideração da nacionalidade, como no caso dos nipo-brasileiros, ajudou a integração destes dentro da sociedade japonesa.

Atualmente, a presença de empreendimentos brasileiros no Japão, voltados principalmente para atender ao mercado de consumo formado por migrantes brasileiros e os demais latino-americanos, possibilitou a criação de condições facilitadoras para a vivência, em vista da construção de espaços próprios de brasileiros, permitindo relações e comunicação entre os migrantes conforme o modo de vida adotado no Brasil, mesmo com a inclusão de aspectos da cultura local em seu modo de viver. Tais núcleos foram se multiplicando em diferentes regiões do país, facilitando a movimentação regional dos brasileiros em busca de novas oportunidades de trabalho, uma vez que se constituíam em uma infra-estrutura brasileira para os migrantes. (KAWAMURA, 2008, p. 83)

A criação desses espaços indica de certa maneira que a origem desses imigrantes serve no sentido contrário àquelas alegações feitas pelas autoridades japonesas, onde estas condenavam ao fracasso da sociedade japonesa caso a heterogeneia étnica fosse dada como modelo estabelecido. O nacionalismo, na verdade, traz consigo, um “artefato” de manutenção desta própria sociedade majoritária, oferecendo um abrangente apoio aos brasileiros dentro desta nação.

Esse apoio ocorre através de uma infraestrutura que disponibiliza produtos brasileiros, serviços de informação, comunicação e documentação (no que se refere à legislação para trabalhar e viver no Japão), escolas brasileiras, restaurantes, bares e diversas empresas que intercedem na sociabilidade destes migrantes, favorecendo um ambiente seguro na sociedade japonesa que, muitas das vezes, se torna desconhecida em alguns pontos. Essas instituições

favorecem tanto a permanência dos nipo-brasileiros, quanto a sua mobilidade dentro da sociedade japonesa.

Existe toda uma rede comercial que visa principalmente os imigrantes. Por trabalharmos em serviços pesados ou em vários empregos, nossos ganhos também chamam atenção do comércio. Temos no Japão um grande hall comercial interessado somente em nós imigrantes. (Paulo Hinamoto, empresário, 34 anos, 01/03/14)

O que se deve levar em consideração no auxílio desses imigrantes é a forte presença da interculturalidade que, diferente das migrações do século passado, possuem agora uma importante aliada: a comunicação midiática. O contato com as informações das suas nações de origem, como no nosso caso o Brasil, favorece um estreitamento dos laços com suas próprias nacionalidades. Os nipo-brasileiros, através da tecnologia globalizada⁷¹ (internet, TV ou mesmo das mídias jornalísticas com recurso global), mantêm uma fluidez cultural que possui traços tanto da sociedade brasileira quanto da sociedade japonesa.

Possuímos informações do Brasil a todo momento (sic). A internet e televisão eram os principais meios de informação do nosso país, mas existe também um variedade de revistas e jornais propriamente para os brasileiros. Somente não sabia, quem não queria! (Ukio Tanaka, aposentado, 70 anos, 01/03/14)

O momento da migração desses nipo-brasileiros está, em grande parte, diferente daquele ocorrido no início do século XX, dada a intervenção da tecnologia no que se refere a qualquer migrante, quer seja ele brasileiro que vai para o Japão ou de chineses que adentram o Brasil. A tecnologia instaurou novos laços entre os migrantes e suas origens, que antes eram quase impossíveis em razão da distância geográfica dos mesmos.

Apesar de não estar no Brasil, eu acompanhava tudo o que acontecia aqui! A gente via notícia do Brasil quase todos os dias na internet ou na televisão. Sem contar com nossos amigos e familiares que deixa a par de tudo, tanto do Brasil como de São Gotardo! [risos] Não é a mesma coisa de presenciar tudo né? Mas já ajuda bastante! (Paulo Hinamoto, empresário, 34 anos, 01/03/14)

Sobre essa discussão, torna-se necessário abordar a relevância que possui a interculturalidade que nasce a partir dos fluxos migrantes. Os séculos XIX e XX fizeram parte de um tipo de interculturalidade que estava ligada aos deslocamentos geográficos dos povos. A interculturalidade vivida pelos *dekasseguis* se tornou independente da distância que estes detêm de seus locais de origem, provocando esse fluxo de culturas pelos indivíduos que se vêem sobre

⁷¹ Sobretudo a partir do ano de 2000, quando o Japão implanta o sistema de banda larga em seu território.

duas ou mais culturas. Vale citar Nestor Canclini (2007), que faz importantes observações sobre o tema.

[...] os imigrantes atuais têm mais possibilidades de manter uma comunicação fluida com o local de origem. Os espanhóis, como qualquer estrangeiro no México, podem comprar o jornal *El País* do dia na capital, um argentino os jornais de sua nação no Rio de Janeiro ou em Madri. *The New York Times* e *Le Monde* chegam diariamente a grandes cidades de vários continentes, e a televisão aberta e a cabo dão acesso, em hotéis e residências da América Latina, a canais dos Estados Unidos e de vários países europeus. Os meios audiovisuais, o correio eletrônico e as redes familiares ou de amigos tornaram incessantes os contatos intercontinentais que no passado levavam semanas ou meses. Não é a mesma coisa o desembarque de um navio e uma aterrissagem, nem a viagem física e a navegação eletrônica. A interculturalidade hoje se produz mais por meio de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios. (CANCLINI, 2007, p. 73)

Deve-se então, abordar a relevância que as redes de imigrantes possuem dentro do modelo de interculturalidade nipo-brasileira. As redes que atuam no Japão, e em outros países, são constituídas por empresários, familiares e amigos e funcionam como auxílio mútuo de migrantes na sua inserção dentro da sociedade japonesa, favorecendo o fortalecimento de espaços próprios com códigos da cultura brasileira na sociedade japonesa. Essas redes se consolidaram dado o crescimento populacional de brasileiros no Japão e que possuem o comprometimento principal de continuar os costumes típicos brasileiros, mesmo estando em uma sociedade com diferentes costumes e estando sob a descendência da cultura nipônica.

É imprescindível abordar que as mesmas redes existem sob o enfoque de outros grupos latino-americanos, mas é necessário destacar a comunidade brasileira, por ser a maior comunidade nipônica fora do Japão e onde estão, sobretudo, alojados os *dekasseguis* de São Gotardo.

Segundo Kawamura (2011) essas redes de apoio estariam divididas em formais e informais. As redes formais estariam incluídas, principalmente, em redes empresariais brasileiras, trazendo para estes imigrantes uma série de produtos e serviços dado o crescimento dessa população no Japão. De acordo com a pesquisadora, existem empresas que possibilitam uma gama de produtos brasileiros; outras responsáveis pelo lazer (discotecas, *karaokes* e *fashion shows*); outras empresas encarregadas de oferecer serviços como de recrutamento, seleção e apoio aos trabalhadores imigrantes e, também, empresas responsáveis pela educação, cultura e da própria mídia, como foi discutido acima.

Dessa forma, surgem então as redes sociais que tem por base os setores comerciais e produtivos, tais como os serviços técnicos e de manutenção de carros e equipamentos. Outras importantes redes nesse mesmo conjunto são as redes culturais, responsáveis pela educação das

crianças e jovens, ensino de idiomas, de informática, de dança, de música, entre outros. Por fim, as redes midiáticas operam em jornais, TV, periódicos e internet, de forma a manter laços com mercados afastados, tais como o Brasil, em busca de matéria prima ou mercados consumidores. Para Kawamura (2011) todas estas redes integram o contexto de redes empresariais que o imigrante tem acesso facilitando em um primeiro momento a sociabilização destes no Japão.

Foi abordado o valor dessas em trazer ao imigrante uma série de produtos, serviços e espaços com os quais se sentem mais próximos, a sua cultura brasileira ou de origem; mas, por outro lado, essas mesmas redes influenciam tais imigrantes a adotarem um novo tipo de segregação onde sua sociabilidade fica no entorno dos seus iguais, dificultando a inter-relação com a sociedade majoritária ou japonesa.

[...] Entretanto, pela grande maioria trabalhar em empresas japonesas, pagar impostos e estabelecer outros contatos funcionais com serviços locais, os imigrantes levam para dentro de seus redutos algumas formas da cultura local, integrando-as a sua convivência com seus próprios conterrâneos. Assim, integram palavras em português com palavras em japonês, mesclam ingredientes de produtos alimentícios de ambos países e mantêm posturas também mescladas de suas formas de costume. Contudo, essas mudanças não significam integração nem tampouco conhecimento do idioma local, mas também não constituem uma réplica da vivência cultural do país de origem, como, em outros aspectos, pode trazer problemas de readaptação no retorno à pátria. (KAWAMURA, 2011, p. 10, tradução do autor)

Os contornos desse afastamento da cultura majoritária podem estar ligados, também, ao tratamento que a sociedade japonesa tem para com seus imigrantes. Em março de 2010, o relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU), de direitos humanos dos migrantes, Jorge Bustamante fez um apelo ao governo japonês para a criação de leis de proteção ao migrante frente à discriminação que a nação possui com os cidadãos estrangeiros (UN NEWS, 2014).

O relator alega que o racismo e a discriminação estão vastamente presentes no Japão mesmo após vinte anos da abertura para entrada de imigrantes para o trabalho. O Japão deve estabelecer programas institucionais designados para criar condições necessárias para a integração dos migrantes dentro da sociedade japonesa e o respeito de seus direitos para o trabalho, para a saúde, para a habitação e educação sem discriminação. (UN NEWS, 2014, s/p, tradução do autor)

Essas palavras evidenciam a realidade dos imigrantes dentro do Japão no quesito do preconceito japonês com o imigrante. Ao se pesquisar sobre o tema depara-se com um exemplo preocupante desse preconceito através da expressão em inglês “*Japanese Only*”, traduzido ao português “Somente japonês”, estando presente em estabelecimentos comerciais em toda a nação, negando a entrada de imigrantes. Em sua página dentro de uma rede social, o *Facebook*, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM), revelou um importante relato desse

preconceito aos imigrantes. O jornalista e artista Roberto Maxwell (2013), residente há oito anos no Japão até o momento de seu relato, confidencia sua experiência de ter sido barrado em um estabelecimento por ser imigrante.

Grandes e pequenas cidades japonesas têm lugares “Japanese only”. De um modo geral, são bares, boates, clubes e que, como a designação explica, não permitem a entrada de estrangeiros. Na maioria deles, um sinal em japonês e inglês (em alguns casos, em russo e em chinês) dá o aviso. “Japanese only” é a expressão mais usada. No fim-de-semana passado, marquei um encontro com um amigo na área conhecida como Shunjuku Ni-chome, a maior concentração de bares gays de Tóquio. Ele me passou o nome do local e eu, que não conheço bem os inúmeros estabelecimentos vizinhança, acabei ficando perdido. Sem noção de onde ficava o bar escolhido por ele, fui batendo, literalmente, de porta em porta. Até que, infelizmente, bati num estabelecimento relativamente pequeno, com balcão e umas dez cadeiras e quatro clientes. Quando botei a cara no bar, uma senhora alta e bem esguia, muito provavelmente transexual, veio gentilmente até a porta. Educamente, ela me disse, em japonês, “me desculpe” e, em seguida, “Japanese only”. (MAXWELL, 2013, s/p)

De certo modo, o que se observa na fala dele é um sinal característico de um aparato contrário àqueles que priorizam, sobretudo, a clientela imigrante. Não cabe afirmar que esse tipo de acontecimento é próprio do Japão, mas o mesmo serve de exemplo a alguns extremos do preconceito nipônico para com os imigrantes. Um dos *dekasseguis* de São Gotardo, relata sobre este tipo de comportamento nos estabelecimentos comerciais, vale observar seu relato.

Eu sabia da existência de lugares que somente aceitavam japoneses! Certa vez um amigo me contou que existiam esses ambientes que não nos aceitavam e que eram na maioria estabelecimentos voltados para as classes mais altas! Graças a Deus eu nunca fui barrado em nenhum lugar, mas se você conhece bastante a língua japonesa, isso pode dificultar eles te barrarem se por acaso você der de cara com um lugar destes! (Joaquim Miyamoto, estudante, 31 anos, 24/06/14)

Outro importante ponto que merece ser ressaltado é o perfil dos imigrantes nipo-brasileiros que adentravam o Japão. De acordo com a pesquisadora Adriana de Oliveira (2008), os nipo-brasileiros que adentravam ao fluxo de volta ao Japão eram, em sua maioria, do sexo masculino e possuíam como meta o enriquecimento rápido no país de seus antepassados e assim voltar para o Brasil⁷². Esse perfil de imigrante confere ao modelo de trabalhador temporário, que inicialmente acreditava que iria ficar somente pequenos períodos no Japão e, após conseguirem determinadas quantias de dinheiro ou bens, retornaria para o Brasil.

O início dessa corrente migratória de brasileiros ao Japão foi marcado, sobretudo, por uma incidência maior de pessoas do sexo masculino, uma vez que a intenção desta migração fazia-se essencialmente como temporária. Esta característica da

⁷² De certa forma, o conceito de predominância masculina nas migrações em geral defendido por Clemente (2009; 2012) é também comprovado pelo estudo de Oliveira (2008) sobre migrantes nipo-brasileiros no Japão.

temporalidade não foi um componente exclusivo do fluxo migratório entre Brasil e Japão apenas, ao contrário, essa característica percorreu de maneira mais ou menos acentuada todas as correntes de fluxo de saída de brasileiros em direção aos países desenvolvidos, especialmente durante a década de 1980 e primeira metade da década de 1990. Muito comum entre os brasileiros que se dirigiram aos Estados Unidos e alguns países da Europa, a idéia de retornar ao Brasil era parte das estratégias e planos do empreendimento emigratório. De forma ainda mais acentuada, esta relação se deu entre os brasileiros que se dirigiam ao Japão, onde o início deste movimento foi amplamente marcado por esta caracterização, de uma forte presença masculina, transitória, e de acúmulo rápido de capital, uma vez que a finalidade última desta migração implicava um retorno já de antemão estipulado. Emigrar para o Japão significava, assim, uma oportunidade de conhecer a terra dos antepassados, vivenciar tal cultura que lhes fora passada dentro da esfera familiar, acumular um capital extra em poucos anos, e retornar à família, que ficava no Brasil a espera daquele que se deslocava, em geral o homem, pai, esposo e mesmo filho das gerações mais velhas. (OLIVEIRA, 2008, p. 221-222)

Durante as entrevistas feitas com os *dekasseguis* de São Gotardo, observa-se, através da análise etnográfica, essas premissas. Foram entrevistados quatro nipo-brasileiros, sendo que todos eram do sexo masculino, afirmavam-se como membros da classe média brasileira e possuíam o propósito de conseguir o capital necessário para a aquisição de novos bens ou negócios mais rentáveis, ou mesmo para uma calma aposentadoria. Outro importante fator que também merece reflexão é o primeiro objetivo desses migrantes, já que dois dos entrevistados não tinham total certeza de um retorno absoluto para o Brasil. Inicialmente, imaginavam que iriam para o Japão e, caso se adaptassem totalmente, não voltariam para o Brasil. O senhor Hinamoto relata sobre estes pensamentos:

Quando decidi ir para o Japão trabalhar eu criei a expectativa de não mais voltar para o Brasil, dado o grande desenvolvimento do Japão em razão do nosso país. Quando você chega lá, as coisas são diferentes. É muito trabalho e pouco descanso! Não conseguia viver somente nesse ritmo. Até se eu tivesse nascido lá, as coisas poderiam ser diferentes, mas sou brasileiro e meu ritmo é ainda muito diferente do japonês. (Paulo Hinamoto, empresário, 34 anos, 01/03/14)

Voltando ao contexto da abertura do Japão aos trabalhadores internacionais, deve-se observar que tal nação se abriu dado aos empregos oferecidos a estes trabalhadores, que não eram, de fato, bem vistos dentro do próprio Japão. Os pesquisadores Kaizo Iwakami Beltrão & Sonoe Sugahara (2006) revelam que os empregos oferecidos aos *dekasseguis* eram em sua maioria de baixa qualidade e rejeitados pelos japoneses, qualificados pelos japoneses de “3K”. Os “3K” são *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). Os nipo-brasileiros incluíram outras duas características a este tipo de trabalho: *kibishii* (exigente) e *kirai* (detestável).

A natureza do trabalho perigoso, pesado e sujo em longo período diário facilita a ocorrência de distúrbios de saúde de várias modalidades, desde lesões, contusões, doenças respiratórias e cardiovasculares, alergias até estresse e doenças psíquicas, que

acompanham os migrantes em sua volta ao Brasil. Dados de psiquiatras no Brasil sobre pacientes migrantes apontam a ocorrência destacada de mania de perseguição com riscos de suicídio, irritabilidade, perda de concentração e ansiedade. (KAWAMURA, 2008, p. 87)

Na realização das entrevistas, os mesmos não alegaram nenhum problema de saúde, mas a baixa condição dos trabalhos oferecidos foi confirmada pelos quatro *dekasseguis*. Estes trabalharam em uma empresa terceirizada de fabricação de peças automobilísticas para a montadora Toyota. Ao tentar fazer uma reflexão maior no que se refere aos empregos oferecidos em relação a outros *dekasseguis*, não somente de São Gotardo, um deles confidenciou que:

A maioria dos trabalhadores estrangeiros estão em empregos “*kitsui*” ou “*kiken*”. Os brasileiros, chineses e coreanos principalmente. A exigência do trabalho é tamanha que ela ultrapassa o limite físico dos trabalhadores, inclusive aos próprios japoneses que trabalhavam junto conosco. É claro que éramos pagos exemplarmente! Mas era muito serviço e chega um ponto que não se consegue mais. (Paulo Hinamoto, 34 anos, empresário, 01/03/14)

O que se verifica na fala desse *dekassegui* é que a imposição do trabalho é, sobretudo, geral, não somente ao migrante, mas a todos aqueles que integram o sistema. Todavia, o mesmo afirma que, por serem estrangeiros, a exigência costuma ser mais alta. Assim apresenta:

O trabalho que nós fazemos é o trabalho negado pelos japoneses por ser de fato mais pesado e perigoso! Eu era responsável pela limpeza dos tanques de tinta que possuíam cheiro forte e demoravam a sair, era um trabalho muito difícil, que realizávamos à noite, quando a fábrica parava. (Ukio Tanaka, aposentado, 01/03/14)

Outro aspecto significativo é as regiões que os nipo-brasileiros escolhem para viver. Um dos entrevistados afirmou que morava na região central do Japão, na província de Ishikawa, dado a importância que esta região possui no setor industrial. O Japão é dividido em oito regiões, mas a sua administração é principalmente organizada pelas 47 prefeituras. As províncias japonesas correspondem, tal como no Brasil, aos seus estados, possuindo uma capital e um governador em cada uma. O senhor Tanaka afirmou que a maioria dos nipo-brasileiros que vivem no Japão situam-se nas províncias de Shizuoka e Mie, localizadas respectivamente nas regiões Chubu e Kinki, ambas na parte central do país. A província de Ishikawa na qual residiu é também da região Chubu.

De acordo com a página oficial da embaixada japonesa no Brasil, essas duas, mais a região de Kanto, são os principais pólos industriais do Japão. Ao observar o texto que trata da

região de Kinki, nota-se a importância que essas regiões possuem para o país, no que se refere à indústria.

Localizada no centro-oeste de Honshu, a região de Kinki é a segunda mais importante em termos de indústria. A antiga capital Kyoto fica em Kinki e, juntamente com as cidades de Osaka e Kobe (um dos portos mais importantes do Japão), formam o maior pólo industrial do oeste do Japão. [...] Trata-se também de um centro industrial especializado em produtos químicos, maquinaria, siderurgia e metal. (EMBAIXADA, 2012, s/p)

Pode-se afirmar que a manufatura é um dos grandes empregadores destes *dekasseguis*, tal como já foi discutido. Os *dekasseguis* entrevistados não faziam parte do grupo de nipo-brasileiros que sustentam economicamente suas famílias no Brasil, entretanto é importante citar este grupo, que está presente em qualquer âmbito imigrante. As remessas para o Brasil endossam a importância desses *dekasseguis* dentro das duas economias que coadunam deste reflexo da globalização financeira.

Em 2000, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão, aproximadamente 265 mil brasileiros viviam no Japão, remetendo anualmente entre US\$ 1,5 e US\$ 2 bilhões para o Brasil. Os brasileiros representam o terceiro maior contingente imigrante no Japão, atrás apenas dos chineses e dos coreanos. No Brasil, estes *dekasseguis* são contabilizados como o terceiro maior grupo vivendo fora do país. As remessas *per capita* dos *dekasseguis* são bem superiores às de outros migrantes laborais. Como o trabalho no Japão é relativamente bem pago e na prática não há limites para o número de horas trabalhadas, as remessas enviadas do Japão para a América Latina constituem, hoje, os maiores valores individuais deste tipo de fluxo monetário. Segundo pesquisa do BID, divulgada em Okinawa (abril de 2005), os *dekasseguis* enviaram, em média, US\$ 600 por mês para as suas famílias, valor bem superior aos US\$ 350 por ano enviados pelos imigrantes latinos dos EUA para seus parentes na América Latina. (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006, p. 62-63)

A citação acima exprime a relevância que o capital dos *dekasseguis* possui para a economia brasileira. Sobretudo, deve-se incluir que parte dessa receita advém dos *dekasseguis* de São Gotardo, movimentando inclusive a economia local da cidade. Dois dos três entrevistados alegaram que suas remessas tinham destino a São Gotardo e um deles à própria agricultura. Mas, ao mesmo tempo, é importante observar que as mesmas remessas não possuem o caráter principal no que se refere à economia local, dado que a agricultura industrial desenvolvida pelo PADAP resultou como segundo maior eixo econômico da cidade, atrás somente do setor de serviços (SANTOS, 2010).

Os *dekasseguis* formam um número importante dentro da resignificação da “busca da ascensão social” abordada por Cardoso (1995), sendo que no município torna-se presente tal característica. Outra característica que foi confirmada através desses *dekasseguis* é a sua mobilidade espacial única, própria da cultura nipo-brasileira, como foi afirmada por Sakurai

(2008). Essas duas características acima referidas, elucidam um pouco do processo infundável que participam as identidades nikkei de São Gotardo.

Manuel Castells (1999) dialoga neste movimento sob o qual a identidade está inserida, afirmando que:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espacô. (...) em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. (CASTELLS, 1999, p. 23-24)

No caso da identidade dos nipo-descendentes de São Gotardo, poderia se dizer que o processo migrante que os mesmos estão envolvidos colabora para a eterna construção desta identidade da cidade. O movimento migrante de chegada para a implantação do PADAP em 1974 e o atual fluxo migrante *dekassegui* para o Japão são provas da importância da migração para a identidade são-gotardense. Entretanto é crucial entender que na verdade essa identidade possui um universo de fatores interligados no tempo e espaço em um profundo movimento negociador que acaba por ser entendido como a própria identidade de São Gotardo.

É importante entender que esta identidade dos nikkeis ou dos *dekasseguis* de São Gotardo, é marcada também por diversas dificuldades tal como o “re-acostumar” com a volta para São Gotardo após a sua vinda do Japão, no âmbito do trabalho (muitas das vezes não conseguem emprego ou não obtém sucesso nos novos planos empresariais entre outros casos), da família (algumas das vezes, entes queridos faleceram ou novas famílias se formaram criando uma lacuna na vida daquele que voltou para perto dos seus antigos “entes”) etc.

Por fim, os *dekasseguis* de São Gotardo não se diferem dos demais migrantes de qualquer contexto, mas são um crucial “componente” do que é a identidade da cidade. Na verdade, atualmente, estes *dekasseguis* não se diferem daqueles migrantes nortistas ou nordestinos que fazem parte da principal mão de obra do setor agrícola da cidade, ambos são “atores sociais” da construção da identidade e da história de São Gotardo.

CONCLUSÃO

O interesse de explorar o Cerrado pelo Governo Militar acabou sendo responsável por diversas transformações que não se resumiam somente ao âmbito agrícola defendido pelo mesmo, mas a partir deste se iniciou uma nova configuração nos âmbitos sociais, geográficos, econômicos, políticos e culturais em São Gotardo. A implantação do PADAP e a escolha pelos nikkeis como principais “agentes” do programa revelou o sucesso desenvolvido pelos mesmos no campo agroindustrial. Entretanto, a presença dos nikkeis evidencia não só o êxito agrícola que foi alcançado na cidade, mas sobretudo inúmeras manifestações culturais nipônicas que hoje se fazem presente em São Gotardo e a modificaram substancialmente.

Os próprios bairros nikkeis formados após a sua chegada evidenciam a importância destas manifestações seja pela estruturas das casas, pelo seu paisagismo ou simplesmente pelo imaginário nikkei que eles detém na cidade etc. Ou seja, deve-se entender que os bairros não somente bairros que contém essa população que aqui chegou nos anos 1970, mas espaços de múltiplos fenômenos sejam eles culturais, sociais, econômicos ou políticos.

Da mesma forma os bairros que concentram a população da atual mão de obra dos nikkeis de São Gotardo são também importantes espaços que explicitam o maior movimento migrante da cidade e ao mesmo tempo as diversas condições que os mesmos vivem. A sua sociabilidade e as suas dificuldades contribuem a pensar na identidade são-gotardense.

Por outro lado, a agricultura perpetuada na cidade, trazida pelos nikkeis, se tornou um importante elemento cultural, que muito das vezes passa desapercebido por aqueles que convivem na mesma. A “atmosfera rural” que foi discutida aqui e está presente na cidade se dá em razão da relevância da agricultura que foi desenvolvida na mesma. Atualmente este é um dos pontos mais significantes de São Gotardo, principalmente pela sua abrangência. Em qualquer lugar que se vá na mesma está presente alguma questão envolvida nesta “atmosfera” seja nos planos comerciais, residenciais, públicos ou privados.

Esta agricultura se tornou também “porta de entrada” para outros elementos da cultura nipo-brasileira em São Gotardo. Neste sentido, em um primeiro momento o associativismo foi mobilizado pelos nikkeis com o intuito de auxiliar o grupo após a sua chegada, que estava também marcada por diversas tensões e dificuldades na implantação do programa rural. O associativismo materializado na ABCESG acabou se tornando um outro elemento cultural são-gotardense e evidencia ao mesmo tempo a importância do grupo nikkei na cidade.

Junto do associativismo é necessário destacar também outros elementos culturais nipônicos que foram mobilizados tais como o esporte e a educação, que possuiu e ainda possui um importante papel, não somente na cultura nikkei, mas na construção da história de São Gotardo. O *nihongakko* e o beisebol são exemplos destes elementos nipônicos, que de certa maneira marcaram a cidade em geral. O beisebol em especial, deve ser lembrado não somente pela sua prática dentro da associação, mas sobretudo o papel que este esporte teve no que se refere na abertura da ABCESG a aqueles interessados no esporte e também na associação, independente de ser do grupo nikkei ou não.

A mudança da organização da associação significou um relevante passo em relação a integração dos nikkeis à sociedade são-gotardense e também a ampliação da mesma junto a própria cidade, notadamente pelo associativismo. Atualmente, cabe apontar que o associativismo é um componente cultural próprio de São Gotardo e que demonstra a relevância dos nikkeis na construção da história da sua cidade. Se existe todo um processo cooperativista na cidade, este se deu em razão dos nikkeis que nela habitam.

Nas palavras de Sasaki “Os pioneiros trouxeram também a preocupação com o coletivo, com a comunidade e sendo assim, a fé inabalável no coletivismo foi, sem dúvida, um dos fatores mais marcantes para as conquistas. (SASAKI, 2008, p. 157)

Acredita-se que este movimento cultural de transformação somente ocorreu pela vontade dos próprios envolvidos. Isto é, a cultura nipônica em São Gotardo foi modificada pela sua comunidade, sendo que no conjunto destes processos culturais as identidades caminharam no mesmo sentido, evidenciando uma eterna negociação entre diversos elementos culturais. Por outro lado tornar-se necessário entender que o processo migrante que os nikkeis estavam e estão envolvidos já favorece para este tipo de identidade que é negociada a todo instante.

Os próprios *dekasseguis* são exemplo deste tipo de identidade na atualidade e que vem se mostrando bastante presente na sociedade são-gotardense. Nas palavras de Sasaki (2000) o *dekassegui* “[...]é detentor de vários ‘elementos identitários’ que são acionados de acordo com as situações vivenciadas ao longo da própria experiência migratória e conforme a dependência do ‘outro’ com quem ele está se relacionando e em quais circunstâncias” (SASAKI, 2000, p. 5). Logo, entender as identidades como um produto desta eterna negociação auxilia pensar na cultura que é própria de São Gotardo. As identidades nikkeis da cidade a todo momento estavam se modificando e se construindo desde a sua chegada nos anos 1970. Nestes quarenta e dois anos de sua presença na cidade, muito se modificou e muito ainda há de se modificar no que se refere às suas identidades, é o movimento “eterno” e próprio da cultura.

Concluindo, entende-se que este trabalho é somente um ponto de partida para se pensar na presença nikkei em São Gotardo ou no estado de Minas Gerais de modo geral. Dentro das diversas questões tratadas neste trabalho ainda existem ainda diversas “lacunas” que merecem um maior aprofundamento sobre o tema. Entretanto, espera-se que o trabalho tenha contribuído de alguma forma acerca dos poucos estudos migrantes que detém a presença deste grupo nipo-brasileiro, principalmente na esfera rural.

REFERÊNCIAS

- ARAI, J. O Universo da Cultura Pop Japonesa no Brasil. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: UNESP, 2011.
- BELTRAO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 23, n. 1, Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/10/13.
- BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CAMPOS JÚNIOR, L. C. **O cooperativismo no vale do Paranapanema** - estudo das cooperativas: Riograndense, Agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota (1980-1995). São Paulo: Arte & Ciência, 2000.
- CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CARDOSO, R. **Estrutura familiar e mobilidade social**: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo: Primus Comunicação, 1995.
- _____. **Obra reunida**. Teresa Pires do Rio Caldeira (org.) 1. ed. São Paulo: Mameluco, 2011.
- CARVALHO, B. **De malas prontas para São Gotardo 2014**. 2014. Disponível em: <<http://www.beisebolbh.com.br/2014/06/de-malas-prontas-para-sao-gotardo-2014/>>. Acesso em: 02/07/2014.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura** (Volume 1). 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLEMENTE, Claudelir C. Entre visibilidade e invisibilidade: as redes de profissionais transnacionais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Ano XVII, n. 32, 2009.
- _____. 2013. Entre a terra e o mar: uma antropologia do trabalho offshore. **Revista Crítica e Sociedade**, v. 2 n.2. Versão online. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/21947>>. Acesso em: 12/03/15.
- COOPADAP - Cooperativa Agropecuária do Alto Paranaíba. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.coopadap.com.br/institucional>>. Acesso em: 31/07/14.

CORNELIUS, Wayne A. Japan: the illusion of immigration control. In: CORNELIUS, Wayne; MARTINS, Phillip L. & HOLLIFIELD, James F. (eds.). **Controlling immigration? A global perspective**. Standford, Califórnia: Standford University Press, 1995.

CULTURA JAPONESA. **Softbol**. 2014. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=60>. Acesso em: 16/07/14.

DORÉ, R. **City Life in Japan, a Study of a Tóquio Ward**. University of California Press, 1958.

DURHAM, E. **A dinâmica das culturas**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naifi, 2004.

EMBAIXADA do Japão no Brasil. **A Fusão das Divisas Históricas e a Necessidade das Regiões Administrativas Modernas**. 2012. Disponível em: <<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/regioesdojapao.html>>. Acesso em: 31/07/14.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

FEDERAÇÃO Paulista de Beisebol. **Em 2006, a federação paulista completou 60 anos**. 2006. Disponível em: <<http://nikkeyweb.com.br/sites/fpbs/internas.php?menu=331&interna=96480>>. Acesso em: 30/06/14.

FENACEN. **Festa Nacional da Cenoura**. 2014. Disponível em: <http://www.fenacen.com.br/?page_id=14>. Acesso em: 31/07/14.

FRÉDÉRIC, L. **O Japão**: dicionário e civilização. Tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior de Prado e Jusara Kazue Ichioka. São Paulo: Globo, 2008.

FREITAS, E. **Boias-Frias**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/geografia/boia-frias.htm>>. Acesso em: 13/04/14.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GOTO, P. R. **Cem anos da imigração japonesa e as representações da cultura nipo-brasileira em Maringá**. (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UEL. Londrina, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

HASHIMOTO, F.; TEIXEIRA, M. A. R. Um olhar sobre a velhice: um estudo com os imigrantes japoneses. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Org.). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2008, p. 245-262.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX - 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOSONO, Akio. Industrial strategy and economic transformation: lessons of five outstanding cases. **Africa Task Force Meeting**. JICA/IPD, abril de 2013. Disponível em <<https://jica-ri.jica.go.jp/publication/assets/Industrial%20strategy%20and%20economic%20transformation,%20Hosono%20-%20JICA%20IPD%20Working%20Papers.pdf>>. Acesso em: 03/09/14.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Minas Gerais, São Gotardo, infográficos**: dados gerais do município. Censo Demográfico 2010. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/118C>>. Acesso em: 10/03/14.

ISHIMORI, K. **Viver num Corpo Estrangeiro**: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotipias. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Psicologia, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC. São Paulo, 2005.

KAWAMURA, L. Brasileiros no Japão: direitos e cidadania. In: HASHIMOTO, F. et al. **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008.

_____. Cambios en la Reciente Migración de Brasileños a Japón: Redes Sociales y Culturales. **XIII Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Estudios de Asia y África** (ALADAA), 2011, Bogotá. Memoria del XIII Congreso Internacional ALADAA, 2011. Disponível em <http://ceaa.colmex.mx/aladaa/memoria_xiii_congreso_internacional/images/kawamura.pdf>. Acesso em: 14/08/13.

KEBBE, V. H. Os Caminhos da Comunidade Nikkei: desafios para os próximos 200 anos. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário**: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.

KEHDY, M. O; SILVA, D. M. **A presença japonesa em Minas Gerais**: imigração e investimento (1908 – 2008). Belo Horizonte: Associação Mineira de Cultura Nipo-Brasileira, 2010.

KIKUCHI, W. **Relações Hierárquicas do Japão Contemporâneo**: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Departamento Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP. São Paulo, 2012.

KONIGAME, M. J. **O local e o global na comunidade nipo-brasileira**: um exercício sociológico sob o prisma dos jovens na cidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP. São Paulo, 2011.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

- _____. De nikkei para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo. In: HASHIMOTO, F. et al. **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: UNESP, 2008a.
- _____. **Uma diáspora descontente**: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2008b.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, Junho de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/06/14.
- MAXWELL, Roberto. “**Japanese Only**”, as sutilezas da discriminação racial no Japão. NIEM – Núcleo Interdisciplinar de estudos migratórios, 16 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?id=455945111165123&story_fbid=518861984873435>. Acesso em: 20/12/13.
- MIYAO, S. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: HIROSHI, S. et al. **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.
- _____. **Nipo-Brasileiros**: processos de assimilação. Tradução Katsunori Wakisaka. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 2002.
- MIZUMOTO, Celso. O Cerrado e o seu Brilho: In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.
- MOTOYAMA, S. Considerações sobre o Futuro da Cultura Nipônica no Brasil. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.
- NAKANE, C. **Japanese Society**. California: University of California, 1991.
- NINOMIYA, M. et al. O tradicional e o moderno na educação dos filhos de imigrantes japoneses. In: IBGE. **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil,. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- OLIVEIRA, A. C. O direito a ser (e continuar sendo) família no contexto da emigração Brasil - Japão. **Seminário Migrações Internacionais e Direitos Humanos**, 2008, Brasília. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/101/93>>. Acesso em: 22/06/13.
- PÁGINA RURAL. **MG**: dia de campo exibe tecnologias para a expansão da triticultura no Cerrado. 2013. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br/noticia/190091/dia-de-cdo-exibe-tecnologias-para-a-expansao-da-triticultura-no-cerrado%20visitado%202022/06/2014>>. Acesso em: 31/07/14.
- PESSOA, J. **São Gotardo**; sua gente, sua evolução. 2.ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2000.
- POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 2011.

SAITO, H. O Cooperativismo na Região de Cotia. Estudo de Transplantação Cultural.
São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Estudos de Antropologia Teórica Aplicada, N. 4. 1956.

_____. Participação, mobilidade e identidade. In: SAITO, H. et al. **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

SAKURAI, C. Imigração tutelada: japoneses no Brasil. (Tese de doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Campinas, São Paulo, 2000.

_____. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes. In: IBGE. **Resistência e Integração:** 100 anos de imigração japonesa no Brasil. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008a.

_____. A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980). In: HASHIMOTO, F. et al. **Cem anos da imigração japonesa:** história, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008b.

_____. **Os japoneses.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, M. A. A influência da dinâmica demográfica e domiciliar no processo de ocupação do Cerrado Brasileiro: o caso do Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba, Minas Gerais, Brasil. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, M. A et al. Dinâmica demográfica e uso da terra no cerrado brasileiro: reflexões a partir da experiência do Padap. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 50, n. 2, Jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032012000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11/12/13.

SASAKI, E. A imigração para o Japão. **Estud. av.**, São Paulo, v.20, n.57, Agosto. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06/11/13.

_____. **Dekasseguis:** trabalhadores migrantes nipo-brasileiros no Japão. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.

SASAKI, Elisa Massae. Um Olhar sobre o “Movimento Dekassegui” de brasileiros ao Japão no Balanço do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário:** Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural. São Paulo: Paulo’s Comunicação e Artes Gráficas, 2010.

SASAKI, L. I. **Portal do Cerrado.** Belo Horizonte: O Lutador, 2008.

SETOGUTI, R. I. A tradição educacional entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros. VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE - III Congresso Ibero-Americanoo sobre violências na escola – CIAVE - Formação de Professores, 2008, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE** [recurso eletrônico]: formação de professores: edição internacional; Anais do III Congresso Ibero- Americano sobre Violências nas Escolas - CIAVE. Curitiba: Champagnat, 2008. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/191_337.pdf>. Acesso em: 20/06/13.

SIMMEL, G. (1983) Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34.

SOUSA, D. S. Modernidade, cultura e religião na ordem política e social do Japão. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p.799-820, out./dez. 2011 - ISSN: 2175-5841 Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n23p799/3364>>. Acesso em: 05/11/13.

SUSHI KIYO. Receita de Sukiyaki (ou Sukiaki). 2014. Disponível em: <http://www.sushi-kiyo.com.br/Receitas_restaurante_japones/receita_japonesa_sukiyaki>. Acesso em: 31/07/14.

TAFURI, C. Com apoio de JH, Coopadap aumenta carga de energia em unidade de São Gotardo. 2013. Disponível em: <<http://Joséhumberto.com.br/2013/07/09/com-apoio-de-jh-coopadap-aumenta-carga-de-energia-em-unidade-de-sao-gotardo/>>. Acesso em: 31/07/14.

TAKEUCHI, M. Y. Colônias japonesas: quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante? *Revista Storicamente*. 2008. Disponível em: <http://www.storicamente.org/07_dossier/migrazioni-takeuchi.htm>. Acesso em: 12/10/13.

TSUDA, T. Strangers in the Ethnic Homeland: The Migration, Ethnic Identity and Psychosocial Adaptation of Japan's News Immigrant Minority. Tese de Mestrado, University of California and Berkeley, 1996.

UN NEWS. 2014. Independent UN rights expert urges end to migrant discrimination in Japan. **UN News Centre**, 1 de Abril de 2010. Disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=34263#.VTFY4PnF-b9>>. Acesso em: 13/02/14.

VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VALOR ECONÔMICO. Polo mineiro de hortaliças já gera receitas de R\$ 1 bilhão. 20 de janeiro de 2015. Disponível em <<http://www.valor.com.br/agro/3867446/polo-mineiro-de-hortaliças-ja-gera-receita-de-r-1-bilhao>>. Acesso em: 12/01/15.

WAKISAKA, K. Língua Japonesa no Brasil – Seu Futuro. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural.** São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.

YAMANISHI, R. et al. Ingresso de Descendentes de Japoneses na Faculdade de Medicina da USP. In: Kazuo Watanabe (org.). **Centenário: Contribuições da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural.** São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.